



**Ana Rita
Resende Silva**

**A educação intercultural e a desconstrução de
estereótipos e preconceitos - um estudo no 1.º CEB**



**Ana Rita
Resende Silva**

**A educação intercultural e a desconstrução de
estereótipos e preconceitos - um estudo no 1.º CEB**

Relatório de Estágio apresentado à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, realizada sob a orientação científica da Professora Ana Raquel Gomes São Marcos Simões, Professora Auxiliar Convidada do Departamento de Educação e Psicologia da Universidade de Aveiro.

Dedico este trabalho aos meus pais e namorado por todo o amor e apoio incondicional.

O júri

Presidente

Professora Doutora Ana Alexandra Valente Rodrigues
Professora Auxiliar do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro

Vogais

Professora Doutora Susana Maria de Almeida Pinto
Professora Assistente da ESAN

Prof. Doutora Ana Raquel Gomes São Marcos Simões
Professora auxiliar convidada do Departamento de Educação e Psicologia da Universidade de Aveiro (Orientadora)

Agradecimentos

À minha orientadora, Ana Raquel Simões, por toda a orientação prestada, pela preocupação, motivação e amizade.

Ao Centro Escolar de Nossa Senhora do Pranto, por me ter recebido de braços abertos.

Ao professor cooperante, por toda a disponibilidade prestada, ajuda, orientação, dedicação e por ter sido incansável.

À minha colega de díade pelo apoio, pela motivação, preocupação, disponibilidade e pela amizade.

À minha família, pela motivação, apoio e todo o carinho e amor.

Ao meu namorado, por todo o apoio prestado, amor, preocupação e motivação.

palavras-chave

Educação Intercultural, diálogo intercultural, formação pessoal e social, estereótipos, preconceitos

resumo

A sociedade atual encontra-se em constante mutação, o que se consubstancia numa riqueza e diversidade linguística e cultural crescentes. Desta forma, a preparação dos nossos alunos para esta realidade torna-se crucial, nomeadamente através de projetos de educação intercultural que promovam a capacidade destes para respeitarem a diferença e que permitam a diminuição de eventuais estereótipos e preconceitos.

O Centro Escolar onde desenvolvemos a nossa Prática Pedagógica Supervisionada e onde implementámos o nosso projeto, tornou-se num contexto ideal para a realização deste estudo, uma vez que se verificou a existência de uma comunidade escolar culturalmente diversificada, que apresentava algumas dificuldades por parte de alguns alunos na sua integração e a ocorrência de episódios que pareciam evidenciar alguma falta de respeito entre colegas.

Posto isto, delineou-se este projeto com o principal objetivo, em primeiro lugar, de identificar os estereótipos e preconceitos de um grupo de crianças em relação ao Outro e, em segundo lugar, proporcionar atividades que concorressem para a desconstrução de estereótipos e preconceitos através de um projeto de educação intercultural. Os nossos dados foram recolhidos junto dos alunos de uma turma de 3.º ano de escolaridade, essencialmente por inquérito por questionário, inquérito por entrevista, notas de campo, desenhos, fotos, bem como trabalhos produzidos pelos próprios alunos.

Para o tratamento da informação recorreu-se a uma metodologia de natureza qualitativa, onde se realizou a análise estatística descritiva simples das questões fechadas do questionário e a análise de conteúdo do restante material.

Através dos resultados do nosso projeto conseguimos perceber que apesar dos alunos possuírem alguns preconceitos e estereótipos em relação ao Outro, apresentam interesse em os conhecer mais ao pormenor, mostrando por vezes algumas soluções para a sua integração na sociedade.

Deste modo, acreditamos ser importante que os alunos desenvolvam capacidades de aceitação, respeito e valorização do Outro, ajudando-o a integrar-se na comunidade escolar e na sociedade em geral.

keywords

Intercultural education, intercultural dialogue, personal and social formation, stereotypes, prejudices

Abstract

The present society is constantly changing, which is compounded by a growing linguistic and cultural richness and diversity. In this way, the preparation of our students for this reality becomes crucial, especially through projects of intercultural education that promote their ability to respect the difference and allow the reduction of eventual stereotypes and prejudices.

The School Center where we developed our Supervised Pedagogical Practice and where we implemented our project, became an ideal context for this study, since it was verified the existence of a culturally diverse school community, which presented some difficulties on the part of some students in their integration and the occurrence of episodes that seemed to show some lack of respect among colleagues.

Having said this, this project was outlined with the primary objective, first of all, to identify the stereotypes and prejudices of one group of children in relation to the Other, and secondly to provide activities that would contribute to the deconstruction of stereotypes and prejudices through of an intercultural education project. Our data were collected from the students of a 3rd grade class, mainly by questionnaire survey, interview survey, field notes, drawings, photos, as well as works produced by the students themselves. For the treatment of information, a qualitative methodology was used, where simple descriptive statistical analysis of the closed questions of the questionnaire and the content analysis of the remaining material were performed.

Through the results of our project we can realize that although the students have some prejudices and stereotypes in relation to the Other, they are interested in knowing them more in detail, sometimes showing some solutions for their integration into society.

In this way, we believe that it is important for students to develop abilities of acceptance, respect and appreciation of the Other, helping them integrate into the school community and society in general.

1. Introdução Geral	1
Capítulo 1- Educação intercultural e diálogo intercultural: o papel da escola	3
Introdução	3
1.1 Educação Intercultural	3
1.1.1 O que se entende por Educação Intercultural	3
1.1.2 A Escola Intercultural e os seus Projetos	9
1.2 Diálogo Intercultural	14
1.2.1 Conceito e a sua importância	14
Capítulo 2- Formação pessoal e social: estereótipos e preconceitos	19
Introdução	19
2.1 Formação Pessoal e Social – conceito	19
2.2 Estereótipos	23
2.3 Preconceitos	25
Capítulo 3 – Opções metodológicas de investigação	29
Introdução	29
3.1 Metodologia da investigação	29
3.2 Investigação-ação	30
3.3 Natureza da investigação	31
3.4 Metodologias de investigação: instrumentos de recolha de dados	32
3.4.1 Inquérito por questionário	33
3.4.2 Textos produzidos pelos indivíduos	36
3.4.3 Inquérito por entrevista	39
3.4.4 Fotografias	39
3.4.5 Notas de campo	40
3.5 Objetivos operacionais	40
3.6 Caracterização do Contexto Educativo	41
3.7 Caracterização do Público-Alvo	42
3.8 Calendarização e descrição das sessões	46
Sessão 1: “Se eu fosse...”	52
Objetivos principais	52
Descrição pormenorizada	52
Sessão 2: “Uma visita à China...”	52
Objetivos principais no ponto de vista do aluno	52
Objetivos principais no ponto de vista do professor	53
Descrição Pormenorizada	53
Sessão 3: “Novas descobertas sobre o Brasil”	53
Objetivos principais no ponto de vista do aluno	53
Objetivos principais no ponto de vista do professor	53
Descrição Pormenorizada	54
Sessão 4	54
1ª Parte: “Conhecer a Ucrânia” - Objetivos principais no ponto de vista do aluno	54
Objetivos principais no ponto de vista do professor	54
Descrição Pormenorizada	55
2ª Parte: “Pesquisar sobre Cabo-verde”	55
Objetivos principais no ponto de vista do aluno	55
Objetivos principais no ponto de vista do professor	55
Descrição Pormenorizada	55
Atividade final da sessão 4	56
Sessão 5: “Descobrir uma nova cultura - os ciganos”	56
Objetivos principais no ponto de vista do aluno	56
Objetivos principais no ponto de vista do professor	57
Descrição Pormenorizada	57
Capítulo 4 - Análise dos dados	59
Introdução	59
4.1. Sessão nº 1 – “Se eu fosse...”	60

4.1.1. Análise dos resultados da sessão n.º 1	60
4.1.2. Balanço geral da sessão n.º 1	71
4.2. Sessão Nº 2 – “Uma visita à China...”	72
4.2.1. Análise dos resultados da sessão n.º 2	72
4.2.2. Balanço geral da sessão n.º 2	76
4.3. Sessão Nº 3 – “Novas descobertas sobre o Brasil”	77
4.3.1. Análise dos resultados da sessão n.º 3	77
4.3.2. Balanço geral da sessão n.º 3	82
4.4. Sessão Nº 4 – “Conhecer a Ucrânia” e “Pesquisar sobre Cabo-Verde”	83
4.4.1. Análise dos resultados da sessão n.º 4 – 1ª parte	83
4.4.2. Análise dos resultados da sessão n.º 4 – 2ª parte	86
4.4.3. Balanço geral da sessão n.º 4	90
4.5. Sessão Nº 5 – “Descobrir uma nova cultura – os ciganos”	91
4.5.1. Análise dos resultados da sessão n.º 5	91
4.5.2. Balanço geral da sessão n.º 5	98
4.6. Inquéritos por questionário finais	99
4.6.1. Análise dos resultados	100
4.6.2. Balanço geral dos inquéritos por questionário finais	127
5. Considerações Finais	129
6. Referências Bibliográficas.....	133
6.1 Bibliografia	133
6.2 Webgrafia	137
7. Anexos	139
Anexo 1 – Inquérito por questionário inicial	139
Anexo 2 – Inquérito por questionário final	141
Anexo 3 – Textos e desenhos produzidos pelos alunos (sessão nº 1).....	143
Anexo 4 – Inquéritos por entrevista	146
Anexo 5 – Fotografias das várias sessões	147
Sessão 1: “Se eu fosse...”	147
Sessão 2: “Uma visita à China...”	149
Sessão 3: “Novas descobertas sobre o Brasil”	151
Sessão 4: 1ª Parte: “Conhecer a Ucrânia”	153
Sessão 4: 2ª Parte: “Pesquisar sobre Cabo-verde”	154
Anexo 6 – Apresentação em PowerPoint da sessão nº 4 (1ª parte): “Conhecer a Ucrânia”	155
Anexo 7 – Apresentação em PowerPoint da sessão nº 4 (2ª parte): “Pesquisar sobre Cabo-Verde”	161
Anexo 8 – Apresentação em PowerPoint da sessão nº 5: “Descobrir uma nova cultura- os ciganos”	165

Índice de figuras

	Página
Figura 1- Áreas de aprendizagem e desenvolvimento pessoal, social e emocional	21
Figura 2- Bloco de Notas: avaliação dos alunos sobre a atividade	37
Figura 3- Bloco de Notas: avaliação dos alunos sobre a atividade	37
Figura 4- Bloco de Notas: avaliação dos alunos sobre a atividade	37
Figura 5- Bloco de Notas: avaliação dos alunos sobre a atividade	38
Figura 6- Bloco de Notas: avaliação dos alunos sobre a atividade	38
Figura 7 - Desenho produzido pela aluna Panga	63
Figura 8 - Desenho produzido pelo aluno Arranha-Céus (G)	63
Figura 9 - Desenho produzido pelo aluno Arranha-Céus (G)	63
Figura 10 - Desenho produzido pela aluna Arranha-Céus (M)	68
Figura 11 - Desenho produzido pelo aluno Trovão	69
Figura 12 - Desenho produzido pela aluna Martim Pires	70
Figura 13 - Texto e desenho sobre os chineses	143
Figura 14 - Texto e desenho sobre os chineses	143
Figura 15 - Texto e desenho sobre os chineses	143
Figura 16 - Texto e desenho sobre os brasileiros	143
Figura 17 - Texto e desenho sobre os brasileiros	143
Figura 18 - Texto e desenho sobre os brasileiros	143
Figura 19 - Texto e desenho sobre os brasileiros	144
Figura 20 - Texto e desenho sobre os ucranianos	144
Figura 21 - Texto e desenho sobre os ucranianos	144
Figura 22 - Texto e desenho sobre os ucranianos	144
Figura 23 - Texto e desenho sobre os ucranianos	144
Figura 24 - Texto e desenho sobre os ciganos	144
Figura 25 - Texto e desenho sobre os ciganos	145
Figura 26 - Texto e desenho sobre os ciganos	145
Figura 27 - Texto e desenho sobre os cabo-verdianos	145
Figura 28 - Texto e desenho sobre os cabo-verdianos	145
Figura 29 - 1ª sessão "Se eu fosse..."	147
Figura 30 - 1ª sessão "Se eu fosse..."	147
Figura 31 - 1ª sessão "Se eu fosse..."	147
Figura 32 - 1ª sessão "Se eu fosse..."	147
Figura 33 - 1ª sessão "Se eu fosse..."	147
Figura 34 - 1ª sessão "Se eu fosse..."	147
Figura 35 - 1ª sessão "Se eu fosse..."	148
Figura 36 - 1ª sessão "Se eu fosse..."	148
Figura 37 - 1ª sessão "Se eu fosse..."	148
Figura 38 - 1ª sessão "Se eu fosse..."	148
Figura 39 - 1ª sessão "Se eu fosse..."	148
Figura 40 – 2ª sessão "Uma visita à China"	149
Figura 41 – 2ª sessão "Uma visita à China"	149
Figura 42 – 2ª sessão "Uma visita à China"	149
Figura 43 – 2ª sessão "Uma visita à China"	149
Figura 44 – 2ª sessão "Uma visita à China"	149
Figura 45 – 2ª sessão "Uma visita à China"	149
Figura 46 – 2ª sessão "Uma visita à China"	150
Figura 47 – 2ª sessão "Uma visita à China"	150
Figura 48 – 2ª sessão "Uma visita à China" – a nossa convidada	150
Figura 49 – 3ª sessão "Novas descobertas sobre o Brasil"	151
Figura 50 – 3ª sessão "Novas descobertas sobre o Brasil"	151
Figura 51 – 3ª sessão "Novas descobertas sobre o Brasil"	151
Figura 52 – 3ª sessão "Novas descobertas sobre o Brasil"	151
Figura 53 – 3ª sessão "Novas descobertas sobre o Brasil"	151
Figura 54 – 3ª sessão "Novas descobertas sobre o Brasil"	151

Figura 55 – 3.ª sessão "Novas descobertas sobre o Brasil"	152
Figura 56 – 3.ª sessão "Novas descobertas sobre o Brasil" – a nossa convidada	152
Figura 57 – 3.ª sessão (1ª parte) "Conhecer a Ucrânia"	153
Figura 58 – 3.ª sessão (1ª parte) "Conhecer a Ucrânia"	153
Figura 59 – 3.ª sessão (1ª parte) "Conhecer a Ucrânia"	153
Figura 60 – 3.ª sessão (1ª parte) "Conhecer a Ucrânia"	153
Figura 61 – 3.ª sessão (1ª parte) "Conhecer a Ucrânia" – complemento de informações em PowerPoint sobre o país após a intervenção da aluna	153
Figura 62 – 3.ª sessão (1ª parte) "Conhecer a Ucrânia" – a nossa aluna ucraniana	153
Figura 63 – 3.ª sessão (2ª parte) "Pesquisar sobre cabo-Verde" – apresentação da cultura em PowerPoint	154
Figura 64 – 3.ª sessão (2ª parte) "Pesquisar sobre cabo-Verde" – apresentação da cultura em PowerPoint	154
Figura 65 – 3.ª sessão (2ª parte) "Pesquisar sobre cabo-Verde" – preenchimento do bloco de notas individual	154
Figura 66 – Apresentação sobre a Ucrânia: diapositivo 1	155
Figura 67 – Apresentação sobre a Ucrânia: diapositivo 2	155
Figura 68 – Apresentação sobre a Ucrânia: diapositivo 3	155
Figura 69 – Apresentação sobre a Ucrânia: diapositivo 4	156
Figura 70 – Apresentação sobre a Ucrânia: diapositivo 5	156
Figura 71 – Apresentação sobre a Ucrânia: diapositivo 6	156
Figura 72 – Apresentação sobre a Ucrânia: diapositivo 7	157
Figura 73 – Apresentação sobre a Ucrânia: diapositivo 8	157
Figura 74 – Apresentação sobre a Ucrânia: diapositivo 9	157
Figura 75 – Apresentação sobre a Ucrânia: diapositivo 10	158
Figura 76 – Apresentação sobre a Ucrânia: diapositivo 11	158
Figura 77 – Apresentação sobre a Ucrânia: diapositivo 12	158
Figura 78 – Apresentação sobre a Ucrânia: diapositivo 13	159
Figura 79 – Apresentação sobre a Ucrânia: diapositivo 14	159
Figura 80 – Apresentação sobre a Ucrânia: diapositivo 15	159
Figura 81 – Apresentação sobre a Ucrânia: diapositivo 16	160
Figura 82 – Apresentação sobre Cabo-Verde: diapositivo 1	161
Figura 83 – Apresentação sobre Cabo-Verde: diapositivo 2	161
Figura 84 – Apresentação sobre Cabo-Verde: diapositivo 3	161
Figura 85 – Apresentação sobre Cabo-Verde: diapositivo 4	162
Figura 86 – Apresentação sobre Cabo-Verde: diapositivo 5	162
Figura 87 – Apresentação sobre Cabo-Verde: diapositivo 6	162
Figura 88 – Apresentação sobre Cabo-Verde: diapositivo 7	163
Figura 89 – Apresentação sobre Cabo-Verde: diapositivo 8	163
Figura 90 – Apresentação sobre Cabo-Verde: diapositivo 9	163
Figura 91 – Apresentação sobre Cabo-Verde: diapositivo 10	164
Figura 92 – Apresentação sobre Cabo-Verde: diapositivo 11	164
Figura 93 – Apresentação sobre Cabo-Verde: diapositivo 12	164
Figura 94 – Apresentação sobre os ciganos: diapositivo 1	165
Figura 95 – Apresentação sobre os ciganos: diapositivo 2	165
Figura 96 – Apresentação sobre os ciganos: diapositivo 3	165
Figura 97 – Apresentação sobre os ciganos: diapositivo 4	166
Figura 98 – Apresentação sobre os ciganos: diapositivo 5	166
Figura 99 – Apresentação sobre os ciganos: diapositivo 6	166
Figura 100 – Apresentação sobre os ciganos: diapositivo 7	167
Figura 101 – Apresentação sobre os ciganos: diapositivo 8	167
Figura 102 – Apresentação sobre os ciganos: diapositivo 9	167

Índice de tabelas

	Página
Tabela 1 – Questões do inquérito por questionário inicial	34
Tabela 2 – Questões do inquérito por questionário	35
Tabela 3 - Países já resididos no estrangeiro e duração de residência	44
Tabela 4 - Organização das sessões	46
Tabela 5 - Escala de Bogardus	47
Tabela 6 - Se eu fosse chinês - respostas dos alunos	61
Tabela 7 - Se eu fosse brasileiro - respostas dos alunos	64
Tabela 8 - Se eu fosse ucraniano - respostas dos alunos	65
Tabela 9- Se eu fosse cigano - respostas dos alunos	67
Tabela 10 - Se eu fosse cabo-verdiano - respostas dos alunos	70
Tabela 11 - Respostas dos alunos acerca da sessão da cultura da China	72
Tabela 12 - Opinião dos alunos sobre o Brasil antes da realização da sessão	77
Tabela 13- Novas aprendizagens sobre o Brasil	78
Tabela 14 - Desejo dos alunos em ir ao Brasil e suas justificações	80
Tabela 15 - Interesse em receber na sua escola um menino brasileiro e justificações	81
Tabela 16 - Interesse em receber um menino brasileiro na turma e justificações	82
Tabela 17 - Respostas dos alunos acerca da sessão da cultura da Ucrânia	83
Tabela 18 - Opinião dos alunos sobre Cabo-Verde antes da realização da sessão	87
Tabela 19 - Novas aprendizagens sobre Cabo-Verde	88
Tabela 20 - Interesse em receber um amigo Cabo-verdiano na escola e suas justificações	89
Tabela 21 - Opinião dos alunos sobre os Ciganos antes da realização da sessão	91
Tabela 22 - Interesse em receber um amigo cigana na turma e suas justificações	93
Tabela 23 - Disposição dos alunos para serem amigos de uma criança cigana e justificação	94
Tabela 24 - Interesse em convidar um amigo cigano para o seu aniversário	95
Tabela 25 - Disposição para convidar esse seu amigo cigano para ir a sua casa	96
Tabela 26 - Curiosidade em conhecer a casa do seu amigo cigano e justificações	97
Tabela 27 - Respostas dos alunos à questão um do inquérito por questionário final	100
Tabela 28 - Respostas dos alunos à questão dois do inquérito por questionário final	102
Tabela 29 - Respostas dos alunos à questão três do inquérito por questionário final	103
Tabela 30 - Respostas dos alunos à questão quatro do inquérito por questionário final	105
Tabela 31 - Respostas dos alunos à questão cinco do inquérito por questionário final	107
Tabela 32 - Respostas dos alunos à questão seis do inquérito por questionário final	110
Tabela 33 - Respostas dos alunos à questão sete do inquérito por questionário final	111
Tabela 34 - Respostas dos alunos à questão oito do inquérito por questionário final	113
Tabela 35 - Respostas dos alunos à questão nove do inquérito por questionário final	124
Tabela 36 - Respostas dos alunos à questão dez do inquérito por questionário final	125
Tabela 37 - Inquéritos por entrevista sobre a sessão do Brasil	146
Tabela 38 - Inquéritos por entrevista sobre a sessão de Cabo-Verde	146
Tabela 39 - Inquéritos por entrevista sobre a sessão dos ciganos	146

Índice de gráficos

	Página
Gráfico 1 - Respostas dos alunos	43
Gráfico 2 - Países que os inquiridos gostariam de conhecer	44
Gráfico 3 - Razões para quererem conhecer outro país	45
Gráfico 4- Nacionalidade dos pais	45
Gráfico 5 - Nacionalidade das mães	45
Gráfico 6 - Escala de Bogardus – Cabo-verdianos	48
Gráfico 7- Escala de Bogardus - Ucrânianos	48
Gráfico 8 - Escala de Bogardus - Ciganos	48
Gráfico 9 - Escala de Bogardus - Franceses	49
Gráfico 10 - Escala de Bogardus - Ingleses	49
Gráfico 11 - Escala de Bogardus - Espanhóis	49
Gráfico 12 - Escala de Bogardus - Chineses	50
Gráfico 13 - Escala de Bogardus - Brasileiros	50
Gráfico 14 - Respostas dadas pelos alunos nos inquéritos por questionário inicial e final – Cabo-verdianos	119
Gráfico 15 - Respostas dadas pelos alunos nos inquéritos por questionário inicial e final – Ucrânianos	120
Gráfico 16 - Respostas dadas pelos alunos nos inquéritos por questionário inicial e final – Ciganos	121
Gráfico 17 - Respostas dadas pelos alunos nos inquéritos por questionário inicial e final – Chineses	122
Gráfico 18 - Respostas dadas pelos alunos nos inquéritos por questionário inicial e final – Brasileiros	123

Siglas e abreviaturas:

1º CEB – 1º Ciclo do Ensino Básico

UA – Universidade de Aveiro

PPS – Prática Pedagógica Supervisionada

SOE – Seminário de Orientação Educacional

ACIDI - Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural

LBSE - Lei de Bases do Sistema Educativo

UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organizatio

1. Introdução Geral

O presente relatório de estágio foi desenvolvido no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, na Universidade de Aveiro (UA). Em articulação com as unidades curriculares de Seminário de Orientação Educacional (SOE) e Prática Pedagógica Supervisionada (PPS), foi implementado um projeto para um grupo de crianças, tendo como principal objetivo a promoção da educação intercultural e a desconstrução de estereótipos e preconceitos de alunos desta faixa etária. A educação intercultural pretende ir mais além da convivência indiferente entre os agentes, pois pretende criar laços sustentáveis para uma convivência conjunta, através da compreensão, respeito mútuo e do diálogo entre os diferentes grupos culturais (DGE, 2015-2017). Desta forma, pretende-se formar cidadãos mais ativos, conscientes e críticos que consigam desenvolver competências para que sejam capazes de respeitar as diferenças.

O interesse por esta temática despertou durante o estágio realizado no primeiro semestre em contexto de jardim-de-infância, uma vez que se tratava de uma instituição com uma grande diversidade cultural. As questões da educação intercultural emergiram, assim, um pouco do contexto de formação em que me encontrava e desencadearam uma pesquisa bibliográfica que levou, já em contexto de 1º Ciclo, à idealização de um projeto com o objetivo principal de identificar e desconstruir alguns dos eventuais estereótipos e preconceitos das crianças da turma para com o Outro.

Todo o estágio decorreu numa turma do 3º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico, ao longo de quatro meses e uma semana, sempre sob a supervisão do professor titular e da orientadora da Universidade de Aveiro e foi desenvolvido por um grupo de duas mestrandas, o que permitiu uma maior entajuda e dedicação aos projetos traçados.

Passemos, então, para a organização do relatório em questão, onde temos na primeira parte uma referência ao enquadramento teórico, que se encontra dividido em dois capítulos dedicados a duas temáticas que se interligam. No primeiro capítulo é apresentado o conceito de educação intercultural com especial ligação ao diálogo intercultural e à promoção de projetos de educação intercultural. No segundo capítulo é prestada uma maior atenção à formação pessoal e social dos nossos alunos e a sua ligação à formação dos estereótipos e preconceitos.

De seguida, passamos para a segunda parte, onde são apresentadas as opções metodológicas adotadas no nosso projeto e a exposição das diferentes intervenções realizadas, fazendo referência aos seus principais objetivos e descrição pormenorizada, bem como a análise dos dados recolhidos.

Por último, na terceira parte, são apresentadas as considerações finais, onde fazemos uma síntese de todas as evidências que conseguimos apurar, bem como refletimos sobre a importância desta fase na minha vida como futura educadora de infância e professora do 1ºCEB.

Capítulo 1- Educação intercultural e diálogo intercultural: o papel da escola

Introdução

Vivemos numa sociedade culturalmente diversa, uma vez que imensos indivíduos com culturas diferentes circulam por diferentes países e deparam-se com situações menos agradáveis. Todas as pessoas têm as suas particularidades e especificidades, desta forma, permite-nos proporcionar bons momentos de aquisição de novas aprendizagens e de cultura geral. Assim sendo, torna-se bastante importante promover a educação intercultural principalmente nas nossas crianças, uma vez que muitas delas já estão com uma mente muito moldada, nomeadamente, devido à influência dos seus familiares. Desta forma, será relevante promover a educação intercultural para que se tornem em cidadãos mais ativos, conscientes e críticos. Cabe à escola o papel de desenvolver projetos que permitam o diálogo intercultural, por forma a consciencializar os nossos alunos para a existência do Outro, para que criem regras de convivência com este e aprendam a respeitá-lo independentemente das suas diferenças.

Iniciaremos este primeiro capítulo com uma abordagem ao conceito de educação intercultural, relacionando-o com o papel da escola e a importância da promoção de projetos de educação intercultural junto das nossas crianças. A partir deste ponto partimos para o diálogo intercultural, muito interligado com os projetos desenvolvidos pelas escolas por forma a proporcionar aprendizagens sobre outras culturas, assim como o desenvolvimento pessoal e social dos cidadãos que estão a formar como pessoas.

1.1 Educação Intercultural

1.1.1 O que se entende por Educação Intercultural

Vivemos num mundo com crescente diversidade cultural, onde se torna essencial desenvolver a educação intercultural, de forma a consciencializar o Homem e a educá-lo de forma a transformar-se num cidadão mais ativo, consciente e crítico.

Desta forma, antes de se iniciar uma reflexão em torno do conceito de educação intercultural, é de elevada importância passar por outros dois conceitos: cultura e diversidade cultural.

Cada cultura é única, pois apresenta características próprias que a influenciam diretamente no seu comportamento, como é o caso da língua, crenças, costumes e a arte. Este conceito pode variar ao longo do tempo consoante o contexto político, social, económico, civilizacional e os objetivos de investigação das diferentes correntes científicas. Assim sendo, pode-se referir Tylor quando este refere que a cultura se apresenta como “um conjunto complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes e toda a demais capacidade ou hábito adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade” (1871, p.1 cit. in Silva, 2008, p. 46).

A cultura é, pois, constituída pelo “conjunto de saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, ideias, valores, mitos, que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantêm a complexidade psicológica e social” (Morin, 2001, p.56). Tendo em conta esta visão, podemos concluir que a cultura apresentada por um indivíduo é comprometida pela forma como este se manifesta como membro da sociedade e também pelos seus vários comportamentos adquiridos. Sendo assim, podemos referir que a cultura se manifesta como um conjunto de características/formas de viver, ou seja, um cidadão de determinada cultura apresenta um conjunto de hábitos, costumes, representações, emoções e competências que podem representar o grupo social ao qual se insere.

Toda esta visão dinâmica e complexa do termo cultura conduz-nos ao conceito de diversidade cultural, que nos leva à educação para a diversidade cultural, baseada em princípios de respeito, oportunidade e reconhecimento da identidade cultural. O conceito de diversidade cultural é definido pela UNESCO (2007, p. 4) no seu Artigo 4 como sendo:

“...a multiplicidade de formas pelas quais as culturas dos grupos e sociedades encontram sua expressão(...), se manifesta não apenas nas variadas formas pelas quais se expressa, se enriquece e se transmite o património cultural da humanidade mediante a variedade das expressões culturais, mas também através dos diversos modos de criação, produção, difusão, distribuição e fruição das expressões culturais (...).”

A diversidade cultural foi, em 2001, reconhecida como património comum da humanidade na Declaração Universal da Diversidade Cultural (UNESCO, 2002), onde no seu Artigo 1 se considera que a cultura adquire, ao longo do tempo e do espaço, várias formas, manifestando-se na originalidade e na pluralidade de identidades que caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade e representa uma fonte de comunicação, inovação e criatividade.

A existência de uma cultura tão diversificada permite-nos reconhecer que, independentemente da sua origem, existe o Eu e o Outro que apresentam características que os aproximam e outras que os tornam seres diversos. Desta forma, permite-nos colocar em prática uma educação democrática capaz de proporcionar a todos os alunos as mesmas igualdades e promover a justiça social (Freire, 1972).

Tendo em conta a diversidade cultural presente na nossa sociedade é possível distinguir, a partir de observações e recolha de dados, informações acerca das variadas culturas, mesmo que os contornos que fixam uma determinada cultura se revelem mais difíceis de identificar do que, à primeira vista, poderia parecer (Unesco, 2009).

Desta forma, será relevante realizar uma reflexão em relação à realidade atual, constatando-se, assim, que vivemos numa sociedade com uma grande diversidade cultural. Posto isto, será de elevada importância, desde os primeiros anos, proporcionar uma educação intercultural às nossas crianças e consciencializá-las para a existência do Outro. Esta consciencialização deve ser realizada o mais cedo possível, pois estas convivem diariamente com crianças de outras culturas e essa convivência ainda se baseia muito em estereótipos e/ou preconceitos já adquiridos em relação a determinada cultura, levando-as, mesmo, à prática de atos de discriminação ou até de violência. Por outro lado, caso não exista esta consciencialização, as nossas crianças vão-se tornar em cidadãos estereotipados, cheios de preconceitos que não conseguirão respeitar as diferenças do Outro, tornando-se cada vez mais difícil a aceitação deste por parte destas crianças, como refere Américo Peres (1999, p.49):

“Trata-se de construir uma sociedade aberta, consciente do choque de culturas, mas igualmente receptiva ao exercício da crítica e da postura ética, na defesa

de princípios e valores humanos que respeitem a alteridade. Neste sentido, a experiência do encontro com o outro faz parte da condição humana. Só conseguimos ver a diferença a partir da nossa própria identidade (...). Urge, então, ousar sermos nós através do outro, descobrindo-nos na mesmidade.”

A existência de grupos de pessoas culturalmente diferentes, com línguas, ideias, valores, formas de viver e de estar no mundo, tradições e costumes desiguais, permitem introduzir novas variáveis na nossa cultura.

Assim sendo, podemos seguir a ideia defendida por Banks, quando este refere que “multicultural education incorporates the idea that all students – regardless of their gender and social class and their ethnic, racial, or cultural characteristics – should have an equal opportunity to learn in school”(2007, p.3).

Segundo a visão defendida por Carrington & Short, citado por Cardoso (1996), a educação multicultural refere-se a um conjunto de estratégias organizacionais, curriculares e pedagógicas com o principal objetivo de promover a compreensão e tolerância entre os indivíduos de origens étnicas diferentes mudando as percepções e atitudes, tendo por base programas curriculares que expressem a diversidade de culturas e estilos de vida da sociedade.

Sendo assim, para que todas as diferenças entre os indivíduos de origens diversas sejam ultrapassadas com sucesso e não sejam vistas como uma barreira, é necessário seguir algumas práticas (Bésalu Costa, 1994, p. 116-117):

- “- Preparar os nossos alunos para a capacidade de viverem com sociedades multiculturais;
- Reforçar o questionamento crítico da cultura que apresentam os currículos escolares;
- Promover condições de intercâmbio e comunicação;
- Respeitar todas as culturas, compreendê-las e criticá-las;
- Promover uma luta constante contra as discriminações racistas e xenófobas, tanto a nível de comportamentos e atitudes, assim como a nível cognitivo e ideológico.”

O conceito de educação multicultural foi substituído por muitos estudos pelo termo de educação intercultural, visto que existiu a necessidade de responder a alguns objetivos de contacto entre culturas e entre sujeitos. A interculturalidade expressa o contacto entre culturas numa sociedade multicultural, isto é, numa sociedade caracterizada pela presença de grupos étnicos e culturais diferentes.

Deste modo, as principais linhas de orientação da educação intercultural baseiam-se na valorização das várias culturas, dos seus valores, das suas interações e do reforço da solidariedade entre países com distintos níveis de recurso.

Segundo a Direção-Geral de Educação (2015-2017), a educação intercultural não deve ser apenas um acréscimo ao currículo, mas sim, dizer respeito ao ambiente de aprendizagem total, bem como a outras dimensões dos processos educativos, como por exemplo, a vida da escola e a tomada de decisões, a formação dos docentes, os currículos, as línguas adotadas para o ensino, as metodologias de ensino, a interação entre alunos e os materiais.

A educação intercultural é, pois, vista como “un modelo educativo que propicia el enriquecimiento cultural de los ciudadanos, partiendo del reconocimiento y respecto de la diversidad, a través del intercambio y el diálogo, en la participación activa y crítica para el desarrollo de una sociedad democrática basada en la igualdad, la tolerancia y la solidaridad” (Sales & García, 1997, p. 46).

Segundo Fernand Ouellet (1991, p. 29-30), a educação intercultural é um conceito que designa toda a formação que tenciona desenvolver, quer em grupos maioritários, quer nos grupos minoritários: uma melhor compreensão das culturas nas sociedades modernas; uma maior capacidade de comunicar com pessoas de culturas distintas; a utilização de atitudes adaptadas ao contexto, a partir da compreensão dos diversos mecanismos capazes de promover o racismo; e uma maior capacidade para participar na interação social, que cria identidades e propicia o sentido de pertença comum à humanidade.

A educação intercultural nas nossas escolas segue vários objetivos que pretende cumprir juntamente com os seus alunos (Ferreira, 2003):

- Dar a conhecer e saber conviver com a diferença;

- Valorizar capacidades particulares;
- Preparar para desempenhos múltiplos;
- Gerir a resolução de problemas e conflitos, ressaltando sempre os valores;
- Promover o conhecimento mútuo, a estima responsável e a cordialidade cívica.

Já a UNESCO (2006), propôs três grandes princípios a seguir que são fundamentais para a Educação Intercultural:

- Deve respeitar a identidade cultural do aluno, mediante a oferta de uma educação de qualidade para todos e culturalmente relevante;
- Desenvolver em cada aluno o conhecimento cultural, as atitudes e as competências necessárias a uma participação ativa na vida da sociedade.
- Garantir a todos os alunos a aquisição dos conhecimentos, atitudes e competências que os capacitam para o respeito, compreensão e solidariedade para com o Outro.

Para além destes três princípios, também destaca cinco grandes objetivos que considera serem fundamentais para a consecução efetiva das missões da educação intercultural:

- Redução de todas as formas de exclusão;
- Aprofundamento da integração e do sucesso educativo;
- Promoção do respeito pela diversidade cultural;
- Desenvolvimento da compreensão do outro;
- Fomento da compreensão internacional.

Na implementação de uma educação intercultural deve existir uma preocupação em contemplar-se várias dimensões e instrumentos: uma correta interação entre a escola e a sociedade, a governação da escola, as línguas de ensino-aprendizagem, os métodos de ensino, a formação dos professores, o currículo e os materiais de ensino. A educação intercultural só é consolidada quando o docente se compromete a propiciar a igualdade de oportunidades a todos os alunos, o respeito pela pluralidade e, por fim, proporcionar momentos de diálogo e de comunicação.

Segundo Martins (2002, p. 98), a educação intercultural não pode incumbir-se por toda a “responsabilidade na consumação das igualdades e da justiça social, mas sim

responsabilizar-se pelo desenvolvimento de instrumentos pedagógicos úteis para a interação dialógica entre pessoas de culturas diferentes.” Desta forma, cabe às escolas, primeiramente, a elaboração de projetos que promovam a educação intercultural de forma a proporcionar um melhor relacionamento entre os cidadãos de diferentes origens étnicas e culturais.

1.1.2 A Escola Intercultural e os seus Projetos

A escola de hoje em dia é um reflexo de um espaço multicultural elevado, tanto resultante de conquistas territoriais como de grandes movimentações populacionais. A rapidez destas deslocações humanas nem sempre é acompanhada de uma flexibilização e de uma abertura por parte da população dos países de chegada. Dessa forma, a escola mostra-se muito preocupada com a sua cultura e com a sua identidade étnica, e, por isso, frequentemente, olham para os estrangeiros como alguém diferente, ameaçador, agressivo e intruso. As diferenças entre os alunos nas escolas são, atualmente, tão frequentes e evidentes dando origem a alguns problemas a que estas não estão habituadas, mostrando assim dificuldade em os resolver.

Candau reforça a situação do nosso quotidiano escolar ao afirmar que este se baseia numa:

“Globalização, multiculturalismo, questões de género e de raça, novas formas de comunicação, manifestações culturais de adolescentes e jovens, expressões de diferentes classes sociais, movimentos culturais e religiosos, diversas formas de violência e exclusão social configuram novos e diferenciados cenários sociais, políticos e culturais”. (2006, p.23)

Tendo em conta o panorama de diversidade cultural nas nossas escolas que se vive hoje em dia, cabe a estas terem em consideração a realidade sociocultural e as características individuais dos alunos, das famílias e da comunidade, para assim adaptá-las aos seus processos didáticos, estratégias de avaliação, currículo, materiais a utilizar e conteúdos a abordar, por forma a garantir aos seus alunos uma aprendizagem mais rica.

Seguindo a teoria de Candau, esta considera que a escola já não é um espaço exclusivo para o conhecimento, visto que foram surgindo condições que geraram algumas modificações a este nível. Defende que é necessário ultrapassar a didática voltada para o “aluno-padrão” e reinventar uma didática escolar numa perspetiva diversificada.

“ (...) Durante muito tempo a cultura escolar se configurou a partir da ênfase na questão da igualdade, o que significou, na prática, a afirmação da hegemonia de um determinado modo de concebê-la (...). No entanto, principalmente a partir das reivindicações de diferentes movimentos sociais que defendem o direito à diferença se tem levantado, cada vez com maior força, a exigência de uma cultura educacional mais plural, que questione estereótipos sociais e promova uma educação verdadeiramente intercultural, anti-racista e anti-sexista, (...).”

(Candau, 2000, p.158)

Atendendo ao que foi referido, é de salientar o Documento de Apoio ao Guião de Avaliação de Práticas de Educação Intercultural da Direção-Geral da Educação (2015), onde se valoriza a relação da escola com a família, para que esta siga no sentido do diálogo, da participação e da corresponsabilização, e também que funcione como parte integrante do processo de acolhimento dos alunos, do conhecimento e da valorização da diversidade linguística e cultural presente na escola.

Ainda segundo este documento da Direção Geral da Educação, relativamente às práticas em sala de aula e noutras situações de ensino-aprendizagem, a promoção da interculturalidade deve assentar em processos educativos que:

- Concebam a interculturalidade como parte integrante do projeto educativo da escola e transversal a todas as áreas disciplinares;
- Salvaguardem os princípios da igualdade de tratamento e da não discriminação;
- Proporcionem oportunidades para o desenvolvimento da autoestima, da autoimagem e da autoconfiança de todos os alunos, através de conteúdos, estratégias e atividades;
- Promovam o conhecimento de diversas identidades e culturas, bem como a sua interação positiva e o diálogo efetivo, de modo a que os alunos reconheçam, respeitem e valorizem as diferenças culturais e as suas dimensões comuns;

- Reforcem a interação da escola com a família e com grupos culturais.

De acordo com o ACIDI (2007), a escola intercultural deve ter em conta, prioritariamente, os meios necessários para o sucesso dos seus alunos, a admissão de medidas para diminuir o racismo e a discriminação, inserir na comunidade uma gestão mais democrática e participada, valorizar estratégias de autonomia, de cooperação nas aprendizagens e nas relações com outros. Para isso, devem-se implementar medidas de transformação na estrutura e organização escolar, que permitam a implicação direta das famílias, utilizem recursos comunitários e, para além disso, existe a necessidade de uma formação especial para a resolução de problemas, competências sociais e criatividade (Aguado, Jaurena, & Benito, 2005).

Sendo assim, seguindo a ideia defendida por Ouellet (2002), a escola intercultural deve privilegiar estratégias de autonomia e cooperação para as aprendizagens de todos e promover uma “pedagogia de conflito” para que os alunos desenvolvam atitudes de procura intelectual constante e de não aceitar as desigualdades. Desta forma, a escola, tem o cuidado permanente de fazer com que os seus alunos, em vez de refletirem sobre as desigualdades com arrogância e vitimização, reflitam e ajam sobre elas. Posto isto, os alunos aprendem a reconhecer as diferenças culturais e as suas implicações ao nível das expectativas, atitudes e comportamentos diferentes perante o Outro mas que, através de uma relação pedagógica que promove o contacto real e o trabalho conjunto, se tornam em meios que proporcionam o conhecimento que ultrapassa a formação de estereótipos em relação ao Outro.

À vista disto, podemos então definir o conceito de projeto sobressaindo Martins (2002) ao referir que o programa/projeto corresponde a um conjunto de atuações relacionadas entre si para a execução de objetivos previamente estabelecidos para podermos programar coerentemente as atividades, proceder à seleção de estratégias, de técnicas e dos recursos que sejam mais adequados para a prática e a avaliação da eficácia de todo o processo em relação aos fins propostos. Os projetos de educação intercultural insistem numa relação entre culturas que visam reforçar o valor da diversidade cultural, pretendem eliminar as discriminações e preconceitos para com as minorias culturais através do respeito pelos direitos humanos, favorecer a igualdade de oportunidades e de

justiça social para todos os cidadãos e uma melhor distribuição do poder na sociedade pluralista.

Ainda segundo Martins (2002), o projeto e a aplicação do mesmo devem ser acompanhados por quatro características:

- 1) Adaptação: o projeto deve estar adaptado ao contexto onde se o realiza, responder às necessidades das pessoas em questão e às características do meio envolvente.
- 2) Realismo na escolha e na planificação das atuações: permitir que os objetivos do projeto sejam cumpridos e com os recursos que têm à sua disposição.
- 3) Consistência na estrutura: o projeto deve cumprir uma estrutura constante, por forma a promover uma coerência entre os obstáculos e os processos.
- 4) Flexibilização: todo o projeto deverá ser flexível, ou seja, deve permitir que sejam possível realizar modificações ao longo da sua aplicação.

Para o sucesso esperado por parte destes projetos torna-se necessário adotar várias medidas na organização escolar. A instituição escolar deve preocupar-se em modificar o currículo, a linguagem e a sua própria organização, introduzindo assim os contributos que todas as culturas proporcionam de forma inter-relacionada.

Apesar da escola intercultural se preocupar em integrar da melhor forma os alunos descendentes de outras culturas e promover a diminuição dos preconceitos e atos de discriminação, por vezes estes novos alunos sentem muitas dificuldades em se integrarem, tais como: dificuldades socioeconómicas (classes desfavorecidas, vida familiar difícil, vivência em condições precárias, apoios reduzidos e mudanças constantes de habitação e escola); outro contratempo é o facto de na escola se depararem com comportamentos e regras que devem adotar e constatarem que estes são diferentes daqueles a que estão habituados; outra objeção baseia-se na marginalidade social, uma vez que apresentam uma baixa oportunidade de conseguirem, em idade adulta, o sucesso económico, social e segurança; outro conveniente que encontram é a discriminação que

sofrem devido às suas diferenças; outro impedimento apoia-se no insuficiente domínio da língua do país de acolhimento; e, por último, as crises de identidade e desorientação cultural (Ferreira, 2003).

A título de exemplo deste tipo de projetos praticados nas nossas escolas podemos destacar o surgimento de um projeto realizado em 1990, promovido pela Divisão de Orientação Educativa da Direção-Geral dos Ensinos Básico e Secundário, em cooperação com a Direção Regional de Educação de Lisboa, designado “A Escola na Dimensão Intercultural”, sendo desenvolvido em escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico (Ferreira, 2003). Este projeto apresentava como principais objetivos:

“reduzir o etnocentrismo da cultura escolar e reconhecer a existência de outras culturas na escola; utilizar estratégias de ensino-aprendizagem (...); desenvolver nos alunos competências de comunicação oral e escrita; banir preconceitos e desenvolver estratégias de discriminação positiva; criar condições psicopedagógicas (...); ensaiar e delinear estratégias de intervenção que possam ser generalizadas (...) ”

(Ferreira, 2003, p.94).

A partir da realização deste projeto verificou-se uma grande necessidade da adoção deste tipo de projetos, uma vez que foram identificados vários problemas de carácter psicopedagógico, principalmente, devido ao insucesso, à indisciplina, dificuldades de integração, problemas de carência de recursos, desmotivação do pessoal, isolamento face ao meio envolvente e falhas na formação dos professores.

Deste modo, para solucionar estes problemas, foram então criados os projetos de educação intercultural com o intuito de aumentar as taxas de sucesso escolar, promover a boa integração do aluno, educar para os valores, reforçar a ligação com os pais, fortalecer a ligação da escola com o meio envolvente, fomentar a igualdade de oportunidades e fortificar a segurança.

Como forma de fortalecer este tipo de projetos é de salientar a importância que existe em utilizar várias estratégias para a sua realização, sendo uma delas a promoção do diálogo intercultural.

1.2 Diálogo Intercultural

1.2.1 Conceito e a sua importância

A preparação dos cidadãos, em geral, e dos nossos alunos, em particular, para o diálogo intercultural tem-se assumido como um dos condutores principais das políticas educativas europeias, neste início do século XXI, ganhando particular relevo, tanto a nível teórico como prático, em contextos formais de aprendizagem, devendo-se ao facto de vivermos num mundo tão diversificado, tornando-se assim o diálogo intercultural num instrumento essencial para a nossa sociedade.

Os estereótipos, o racismo, a xenofobia, a intolerância e a discriminação geram violência e ameaçam a paz e o desenvolvimento das sociedades (Conselho da Europa, 2008). Desta forma, os indivíduos sentem necessidade de enfrentar os desafios promovidos pela convivência com os outros, procurar soluções para a resolução de conflitos e dedicar-se à pacificação das relações com o Outro.

Como lembra Roberto Carneiro a nossa sociedade enfrenta um grande problema:

“(...) impreparação para assimilar transformações culturais: vizinhança global impulsionada pelos media; a crise das instituições de socialização tradicionais; a explosão das liberdades pessoais e o neoliberalismo triunfante; a ‘mobilidade’ acrescida das culturas; (...) os fundamentalismos de origem étnica e religiosa; a miséria, a exclusão, a marginalidade e o desemprego crescentes; (...)”

(2001, p.70).

O diálogo intercultural é, pois, uma necessidade constante dos nossos dias, visto que nos encontramos num mundo de diversidade cultural, como já foi salientado, e, por isso mesmo, necessitamos de utilizar o diálogo para ultrapassarmos as barreiras étnicas, religiosas, linguísticas e nacionais, com a finalidade de assegurarmos a coesão social e prevenirmos conflitos.

Segundo o Conselho da Europa (2008, p. 13), o “diálogo intercultural é uma troca de ideias aberta, respeitadora e baseada na compreensão mútua entre indivíduos e grupos com origens e património étnico, cultural, religioso e linguístico diferentes. O diálogo intercultural é exercido a todos os níveis – no seio das sociedades, entre sociedades europeias e entre a Europa e o resto do mundo”.

Tendo em conta o *White Paper* escrito pelo Conselho da Europa (2008), no diálogo intercultural são indispensáveis alguns elementos, nomeadamente, a liberdade e capacidade de nos expressarmos e também a vontade e capacidade para ouvirmos o que os outros têm para nos dizer. Por sua vez, o diálogo intercultural contribui para uma melhor integração política, social, cultural e económica, favorece a igualdade e a dignidade humana, promove uma melhor compreensão das diversas práticas e visões do mundo, reforça a cooperação, permite desenvolver e adaptar da melhor forma os indivíduos e proporciona a tolerância e respeito pelo outro.

Ainda segundo este documento, a principal missão do diálogo intercultural baseia-se na preservação e promoção dos direitos humanos. Para cumprir esta sua missão, esta prática deve obedecer a alguns objetivos no âmbito da promoção do respeito pelos direitos humanos, pela democracia e pelo Estado de Direito.

Este tipo de diálogo deve ser uma prioridade das sociedades inclusivas, ou seja, sociedades em que nenhum indivíduo é excluído. Torna-se desta forma num importante instrumento para ultrapassar as divisões culturais, favorecendo assim a integração e a coesão social.

Para o Conselho da Europa (2008), para se obter sucesso na prática do diálogo intercultural torna-se essencial adotar diversos comportamentos, dos quais se destacam: a abertura de espírito, a disposição para dialogar com o Outro e a disponibilidade para permitir, ao mesmo tempo, que o Outro exprima o seu ponto de vista, ter capacidade para resolver conflitos e, por fim, capacidade de reconhecer a validade dos argumentos utilizados pelo Outro.

Assim sendo, o diálogo intercultural permite apoiar o desenvolvimento da estabilidade democrática e combater os preconceitos e estereótipos entre os indivíduos,

e também promover a criação de alianças entre comunidades culturais e religiosas, permitindo ajudar na prevenção ou redução de conflitos (Conselho da Europa, 2008).

Segundo Koichiro (2002), o diálogo entre as civilizações possibilita vários desafios ao mundo contemporâneo e faculta várias potencialidades para a sociedade em geral. Na sua perspetiva, é uma realidade a que devemos prestar atenção e tomar consciência, visto que é uma realidade histórica e apresenta uma forte contribuição para o enriquecimento do indivíduo, promove a interação e o intercâmbio.

Para que o diálogo intercultural tenha o merecido sucesso torna-se necessário proporcionar espaços que promovam este diálogo. São múltiplos os espaços e que se apresentam ao mais variados níveis, notadamente, ruas, mercados, lojas, casas, jardins-de-infância, escolas e universidades, centros socioculturais, clubes da juventude, igrejas, entre muitos outros, uma vez que permitem o encontro entre crianças/jovens de diversas origens para que possam comunicar e participar em atividades comuns.

Não são apenas este tipo de espaços que proporcionam o sucesso do diálogo intercultural, podemos também salientar as atividades culturais que contribuem para a descoberta de expressões culturais e facilitam o desenvolvimento da compreensão mútua e do respeito; o papel dos meios de comunicação na prática do diálogo intercultural, pois propiciam a comunicação indireta (sítios de debate em linha, fóruns da Internet e em colaborações através de sítios “Wiki”); locais de prática de desporto, onde se permite relacionar o diálogo intercultural com a vida do quotidiano; os locais de trabalho; e por último os serviços públicos, como é o caso do setor da saúde.

Para que o diálogo intercultural decorra com o maior êxito é fundamental satisfazer várias condições. Estas são apontadas pelo Conselho da Europa (2008):

- Direitos Humanos, democracia e Estado de Direito: o diálogo não é possível sem o respeito de todos os indivíduos, pelos direitos humanos, pelo Estado de Direito e pelos princípios democráticos.

- Igual dignidade e respeito mútuo: o diálogo carece da adoção de uma atitude reflexiva, que permite ao indivíduo colocar-se no papel do Outro.

- Igualdade entre géneros: torna-se num elemento crucial da democracia, onde esta igualdade constitui uma parte componente dos direitos humanos. Onde se

destaca a discriminação sexual que se apresenta como um obstáculo à fruição dos direitos humanos e das liberdades.

- Derrubar as barreiras que entravam o diálogo intercultural: algumas destas barreiras devem-se, essencialmente, à dificuldade de comunicar em várias línguas e outras com o poder e a política

O sucesso do diálogo intercultural só ocorrerá se for realizado um trabalho constante com as nossas crianças ao nível da sua formação pessoal e social, uma vez que se torna crucial desenvolver capacidades para que estas consigam receber e respeitar o Outro sem que construam quaisquer estereótipos e preconceitos.

Capítulo 2- Formação pessoal e social: estereótipos e preconceitos

Introdução

Como a nossa sociedade é culturalmente diversificada, verificam-se diversos atos de discriminação perante o Outro. Desta forma, será importante desenvolver nas escolas não só projetos de educação intercultural como também idealizar programas que promovam, ao mesmo tempo, a formação pessoal e social dos nossos educandos. Com estes pretende-se que as crianças aprendam a compreender e a saber lidar com os seus próprios sentimentos, prepará-las para conseguir interagir com o Outro e acima de tudo que consigam também afirmarem-se como pessoas. Assim sendo, promovemos nos nossos educandos competências que lhes permitam manter uma relação cordial e respeitosa com o Outro, consigo mesmo e com o meio envolvente. A formação pessoal e social pretende preparar os alunos para a sociedade para que não sejam desenvolvidos novos estereótipos ou preconceitos de forma a que comecem a aceitar o Outro na sua sociedade como um cidadão igual a si com os mesmos direitos e deveres.

Este segundo capítulo inicia-se com uma abordagem ao conceito de formação pessoal e social, mencionando todos os seus objetivos e limitações, como também a referência ao trabalho que é desenvolvido junto das nossas crianças com o intuito de as formar como cidadãos. Seguidamente, fazemos ligação desta temática com os estereótipos e preconceitos, pois estão muito ligados às causas destes trabalhos que são desenvolvidos juntamente com as crianças, uma vez que vivemos numa comunidade bastante estereotipada e muito influenciada por aquilo que vemos ou ouvimos.

2.1 Formação Pessoal e Social – conceito

Na perspetiva de Zabalza (1992), o desenvolvimento pessoal e social das crianças está diretamente ligado ao desenvolvimento da sua personalidade, implicando, desta forma, o desenvolvimento das suas capacidades, utilizando instrumentos e recursos que são essenciais para se assumir um comportamento autónomo e responsável e para que possam ser capazes de enfrentar os problemas com flexibilidade e espírito inovador. Também pelo estabelecimento de parâmetros de relação entre a criança e os outros, pressupõe-se a aprendizagem de valores, normas e regras, modos de pensar e de agir e a apropriação das capacidades expressivas e comunicativas.

O Relatório para a UNESCO vem reforçar esta posição e o facto de a educação ter de contribuir para o desenvolvimento integral das crianças através daquilo que designa por pilares: aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser e aprender a conhecer. Como reforça Delors et al:

“ (...) a educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais (...): aprender a conhecer, isto é adquirir os instrumentos da compreensão; aprender a fazer, para poder agir sobre o meio envolvente; aprender a viver juntos, a fim de participar e cooperar com os outros (...); finalmente aprender a ser (...)”
(1996, p. 77).

No desenvolvimento pessoal e social incluem-se várias aptidões que são necessárias para que a criança compreenda e saiba lidar com os seus sentimentos e também que seja capaz de interagir com outras pessoas e consiga afirmar-se também ela como pessoa. Esse desenvolvimento ocorre no seu relacionamento com os pais e outras pessoas, compreende o que ela pensa de si mesma, como aprendiz, e o seu sentido de responsabilidade perante si e os outros.

O Desenvolvimento Pessoal, Social e Emocional (PSED) engloba três blocos para a construção do sucesso futuro na vida dos indivíduos. Estes estão intimamente ligados uns aos outros e, muitas vezes, agrupados como uma área de aprendizagem e desenvolvimento (Department for Children, School and Families, 2008):

- Desenvolvimento pessoal (sendo o “eu”) - como chegamos a entender quem somos, o que podemos fazer e como cuidamos de nós mesmos.
- Desenvolvimento Social (ser Social) - como nos entendemos em relação aos outros, como fazemos amigos, como compreendemos as regras da sociedade e nos comportamos com os outros.
- Desenvolvimento emocional (ter sentimentos) - como chegamos a compreender os nossos próprios sentimentos e os dos outros e desenvolver a capacidade de nos colocarmos no lugar dos outros.

Promover o sucesso do PSED é essencial para as crianças em todos os aspetos da sua vida. Isto irá ajudá-las a: relacionar-se com outras crianças e adultos; fazer novos

amigos, sentir-se seguro e valorizado; explorar e aprender com confiança; e sentir-se bem consigo mesmo. (Department for Children, School and Families, 2008, p. 5)

Segundo Sheppy (2010, p. 2) são seis as áreas de aprendizagem e de desenvolvimento pessoal, social e emocional nas crianças que se encontram abrangidas pelos programas educacionais. A figura seguinte ilustra essas mesmas áreas:

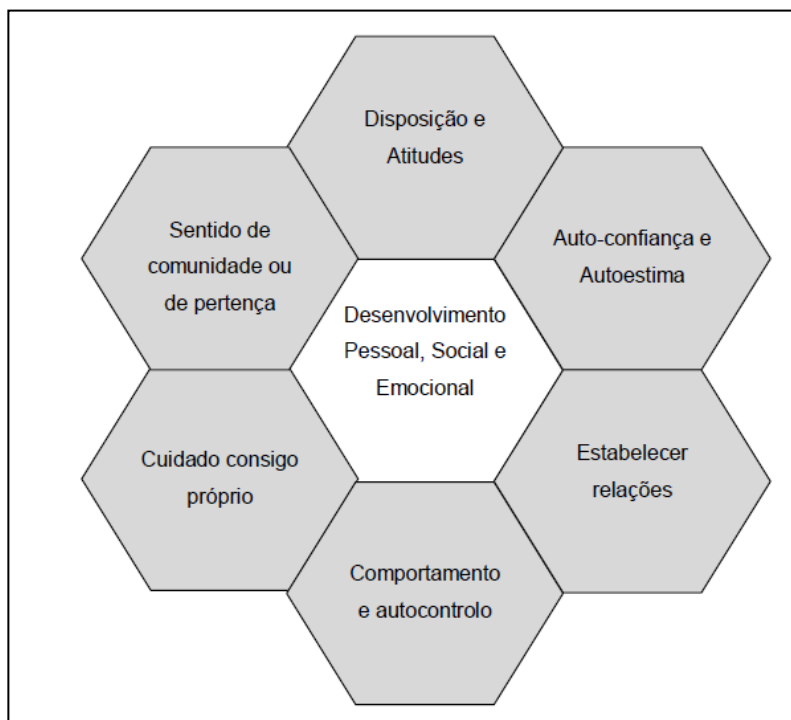


Figura 1- Áreas de aprendizagem e desenvolvimento pessoal, social e emocional

Fonte: Sheppy, S. (2010). *Personal, social and emotional development in the early years foundation stage – Practical guidance in the EYFS*. London: Routledge.

À Formação Pessoal e Social (FPS) impõem-se algumas limitações e especificações com objetivos curriculares, nomeadamente, o desenvolvimento de competências cognitivas, afetivo/relacionais e de intervenção, tendo como principais domínios de aplicação o próprio sujeito, os outros e o meio físico envolvente; e também desenvolver nos alunos a capacidade de se posicionarem e de se relacionarem satisfatória, autónoma e responsabilmente consigo próprios, com os outros e com o meio. Conforme estes objetivos globais da FPS, o que se pretende não é a “aquisição” de saberes, mas sim o “desenvolvimento” no e pelo sujeito de competências para uma relação harmoniosa e

responsável consigo próprio, com os outros e com o meio, nos mais diversos contextos de vida.

A FPS deve ocorrer em diversos contextos curriculares, de onde se destacam a escola e a sua organização nas atividades de complemento curricular e a “disciplina” de Desenvolvimento Pessoal e Social. Esta não se baseia apenas no espaço da sala de aula, mas encontra-se incluída em toda a atividade desenvolvida pelo aluno na escola ou por ela sugerida, alargando-se a contextos informais de socialização, assim sendo, torna-se essencial que o projeto educativo de cada escola seja organizado e refletido tendo em conta as necessidades de formação dos seus alunos. Desta forma, a equipa educativa deve explicitar os valores, objetivos, conteúdos e estratégias considerando os seus diversos níveis de concretização.

Por conseguinte, destaca-se o nº 2 do artigo 47º da LBSE define que “os planos curriculares (...) incluirão em todos os ciclos (...) uma área de formação pessoal e social, que pode ter como componentes a educação ecológica, a educação do consumidor, a educação familiar, a educação sexual, a prevenção de acidentes, a educação para a saúde, a educação para a participação nas instituições, serviços cívicos e outros do mesmo âmbito.”

As atividades complementares do currículo devem estar direcionadas para a formação total e realização pessoal dos educandos, frisando que o objetivo de todo este trabalho educativo se baseia na utilização criativa e formativa dos tempos livres dos alunos. Já não se tratando, assim, de uma preparação do cidadão para a sociedade moderna, mas sim para a formação da pessoa na sua plenitude.

Desta forma, ao adaptarmos o currículo às práticas de FPS em sala de aula formamos não só cidadãos mais conscientes, mais ativos e mais críticos como estas adaptações também nos permitem desconstruir os estereótipos e preconceitos mais presentes nas nossas crianças em relação ao Outro, através da adaptação das nossas atividades possibilitando-nos assim trabalhá-los e problematizá-los para que sejam capazes de aceitar e respeitar o Outro.

2.2 Estereótipos

Tendo em conta o mundo diversificado em que vivemos, continuam a verificar-se diversos atos de violência verbal ou até mesmo física, resultado, muitas das vezes, dos estereótipos e preconceitos que já existem em relação ao Outro. Desta forma, será importante salientar o facto de ainda assistirmos a muitos cidadãos repletos de estereótipos e preconceitos para com o Outro sem terem consciência daquilo que este poderá sentir e sem se preocuparem com o ato violento que estão a cometer. A verdade é que a sociedade categoriza muitas vezes as pessoas em função daquilo que considera comum e/ou que é natural para um determinado grupo social/uma faixa etária/um estatuto social.

Por conseguinte, tendo em vista a perspetiva defendida por Goffman (1988), atribuímos constantemente às pessoas uma identidade social virtual e, a partir do carácter que lhe conferimos, concedemos-lhe requisitos que a vão caracterizar. Assim sendo, este processo funciona como uma via para passar a considerar este indivíduo como uma pessoa diferente do normal.

Confere-se constantemente uma identidade social ao Outro e quando se ressalta a sua diferença, este transforma-se num problema social que incomoda a sociedade, despoletando muitas vezes um sentimento de medo e inquietação, levando à formação de estereótipos em relação ao Outro ou até mesmo originar agressões e desrespeito pelo Outro.

Etiologicamente, a palavra estereótipo emerge da junção de duas palavras gregas: *stereos* (que significa “rígido”) e *túpus* (que significa “traços”). Este termo remonta então para a formação de “traços rígidos”, onde se inclui alguém/alguma coisa para se realizar um julgamento imediato e parcial.

O termo estereótipo, seguindo a ideia de Allport (1979), baseia-se numa crença exagerada, rígida e com uma conotação negativa e muito simplificada. Neste carácter fincado do estereótipo, o indivíduo sente a necessidade de proteger a sua definição da realidade e dificilmente este será eliminado por informações contra ele.

Como nos encontramos numa sociedade estereotipada e com dificuldade em modificar a sua atitude, podemos salientar a definição defendida por Ferreira (2003) quando esta define o termo estereótipo como sendo um conjunto de crenças defendidas

por um indivíduo que se relacionam a determinados grupos sociais. Crenças essas, constantemente, incorretas, baseadas em características e comportamentos do Outro, concedidas a partir da visão que se cria deste ou de traços que são considerados característicos dos seus membros do grupo.

Contudo, os estereótipos não são obrigatoriamente incorretos e com um sentido negativo. Os estereótipos podem assumir uma conotação positiva, no entanto, estes não ocorrem com tanta frequência como os negativos. São exemplos de estereótipos com conotação positiva as caracterizações que concebemos em relação a alguém ou a algo com o objetivo de os enaltecer e não de os criticar ou colocar defeitos.

Atualmente, vivemos numa sociedade sobrecarregada de informações, fazendo com que tendamos a utilizar o estereótipo como uma base para julgarmos o mundo que nos rodeia, principalmente quando não estamos preocupados com o que temos à nossa volta, tornando estes nossos comportamentos numa situação que pode ter vários significados, pois podem ser corretos, incorretos, positivos, negativos ou neutros. A conotação negativa concedida ao estereótipo baseia-se em generalizações incorretas que rotulam as pessoas, não permitindo que estas sejam tratadas como indivíduos com características próprias e fazendo com que os seus direitos morais e legais lhe sejam negados.

Segundo Goffman (1988) existem três tipos de estereótipos: os gerados por deformações físicas apresentadas pelo Outro; os originados pela desonestidade, doenças mentais, a homossexualidade, o desemprego, entre outros; e, por último, os surgidos pela raça, nação e /ou religião do Outro.

A verdade é que grande parte dos estereótipos não são baseados em experiências verdadeiras, mas sim originados pelas posições socioeconómicas de determinados grupos que se mantêm na sociedade, outros por boatos ou imagens distorcidas pelos meios de comunicação. Posto isto, os indivíduos que sofrem de ataques estereotipados encontram-se cientes dos rótulos que lhes são vinculados e acabam por desenvolver um elevado grau de apreensão quando se encontram em contacto com outros indivíduos, visto que têm receio de apresentar algum comportamento espontâneo que faça confirmar os estereótipos a eles atribuídos.

Os estereótipos, com as suas conotações negativas, contribuem para o surgimento de preconceitos e práticas discriminatórias ao atribuir a determinados grupos um estatuto de inferioridade/minoria.

2.3 Preconceitos

Enquanto os estereótipos são tradicionalmente cognitivos, relacionados com a percepção de grupos, o preconceito é sempre acentuado como uma atitude, ou seja, o indivíduo reage negativamente ou positivamente a respeito de certos objetos, instituições, conceitos ou outras pessoas (Richardson & Wanderley, 1985). Desta forma, conclui-se que o preconceito provém dos estereótipos, uma vez que ao possuímos uma determinada ideia, neste caso negativa, em relação ao Outro, esta pode levar à formação de preconceitos que ficarão vinculados e dificilmente se irão modificar, visto que o indivíduo não consegue aceitar o contrário daquilo em que acredita.

Segundo Allport (1979), o preconceito corresponde a uma atitude hostil ou um sentimento negativo em relação a uma pessoa por esta se integrar num grupo ao qual se atribuem determinadas qualidades censuráveis.

Tendo em conta a visão de Giddens (2005), o preconceito refere-se a atitudes defendidas por membros de um determinado grupo em relação a outro grupo/indivíduo que mantêm as suas ideias pré-concebidas sobre um indivíduo ou um grupo, muitas vezes baseadas mais no boato do que na evidência real, ideias essas que são resistentes à mudança, mesmo face à apresentação de nova informação.

O preconceito baseia-se numa antipatia em relação ao Outro acompanhada de uma generalização incorreta, que consiste numa atitude negativa e irracional contra um grupo/indivíduo e contra os membros individuais desse mesmo grupo. Normalmente, o ato de se ser preconceituoso em relação ao Outro ocorre fora do grupo ao qual o cidadão preconceituoso pertence, baseando-se em sentimentos negativos para com o Outro, geralmente, pertencente a membros de grupos considerados minoritários.

Na sociedade em que vivemos existem diversos grupos sociais que se tornam em alvos mais propensos a preconceitos, como é o caso dos grupos sexuais, os homossexuais, os que professam uma religião diferente, os indivíduos com qualquer tipo de deficiência,

os migrantes, os grupos étnicos minoritários, entre outros (Ferreira, 2003). Ao salientar-se os principais alvos de preconceitos também os podemos distinguir em dois grupos distintos: endogrupo e exogrupo. O endogrupo é constituído por um grupo de indivíduos que uma pessoa categorizou como pertencendo ao seu próprio grupo de pertença e com quem se identifica. O exogrupo é constituído por um grupo de indivíduos que uma pessoa categorizou como não pertencendo ao seu grupo de pertença e com quem não se identifica (Ferreira, 2003).

Por conseguinte, ao se dividirem em dois grupos diferentes, as pessoas vítimas de preconceitos apresentam dois tipos de reações: intrapunitivas e extrapunitivas. Nas reações intrapunitivas, os membros do grupo ao qual pertence a vítima de preconceitos são agressivos com o seu próprio grupo. Ao contrário do que acontece nas reações extrapunitivas, em que os membros do grupo ao qual pertence a vítima de preconceitos manifesta lealdade em relação ao seu grupo e agressividade em relação a outros grupos (Allport, 1979).

As pessoas preconceituosas, com os seus comportamentos negativos em relação ao Outro adotam vários comportamentos que incentivam a atos de discriminação, racismo, xenofobia, sexismo ou heterossexismo. Como resultado frequente de atos preconceituosos origina-se a discriminação que assenta numa manifestação comportamental do preconceito e é caracterizada pela presença de comportamentos negativos ou até mesmo agressivos em relação ao Outro, motivados pelo facto de pertencerem a um determinada categoria social.

O preconceito e o ato de discriminação podem interligam-se em diferentes níveis, nomeadamente, em relação à raça, etnia, classe social, género, sexualidade, religião, ou até mesmo ser entendido como atividades que excluem membros de um determinado grupo das oportunidades abertas a outras pessoas, como quando, por exemplo, um negro é recusado num emprego disponibilizado para uma pessoa branca.

Para além da discriminação também se podem despoletar no indivíduo preconceituoso atos de xenofobia, onde este é capaz de rejeitar indivíduos/grupos por julgarem os padrões de cultura e as práticas sociais diferentes das suas e indesejáveis.

Por sua vez, também pode surgir racismo que se fundamenta num tratamento grave para com o Outro tendo em conta o fenótipo entre as pessoas, ou seja, um determinado grupo ao compartilhar determinadas características físicas será alvo de um tratamento desigual de discriminação de carácter pessoal ou institucional.

Assim sendo, torna-se bastante necessário realizar atividades que promovam a formação pessoal e social dos nossos alunos com o objetivo de os tornar em cidadãos mais ativos, mais críticos e mais conscientes em relação ao mundo que os rodeia. Todo este trabalho é essencial, uma vez que vivemos numa sociedade culturalmente diversificada e se pretende que os nossos cidadãos sejam capazes de refletir sobre os seus próprios estereótipos ou preconceitos em relação ao Outro e consigam diminuí-los ou até mesmo modificarem a sua opinião, para que não se transformem em indivíduos preconceituosos com tentação para a prática de atos de discriminação ou de maior violência para com o Outro.

Capítulo 3 – Opções metodológicas de investigação

Introdução

Neste capítulo procuraremos explicitar e fundamentar as opções metodológicas adotadas para a nossa investigação. Começaremos por delinear a nossa investigação, o seu tipo e natureza, os instrumentos de recolha de dados, os objetivos operacionais, a caracterização do contexto e do público-alvo, e, por fim, a calendarização e descrição das sessões que compõem todo o nosso projeto.

3.1 Metodologia da investigação:

Segundo Minayo, o termo metodologia é entendido como “...o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Neste sentido, a metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias e está sempre referida a elas” (2001, p. 16).

O conceito de metodologia é utilizado no sentido de como se define e explica o método que se irá usar com o intuito de se cumprir um objetivo delineado previamente, tendo em conta a sua utilização estatística ou probabilística, assim como a generalização e/ou interpretação dos resultados. São estes os fatores que irão assegurar a investigação e as técnicas que se irão adotar.

Desta forma, a investigação que nos propomos a realizar despontou das unidades curriculares de *Prática Pedagógica Supervisionada* e *Seminário de Orientação Educacional*, que estão agregadas ao Mestrado de Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Esta investigação foi fruto da diversidade cultural que encontramos na instituição educativa onde nos encontramos a estagiar. Esta será toda ela realizada numa turma do 3º ano, onde se encontram duas alunas que apresentam nacionalidades distintas, nomeadamente, ucraniana e cabo-verdiana.

3.2 Investigação-ação:

A nossa investigação será uma investigação do tipo investigação-ação, que Bogdan e Biklen consideram como sendo “... a recolha de informações sistemáticas com o objetivo de promover mudanças sociais”, onde se “...procura resultados que possam ser utilizados pelas pessoas para tomarem decisões práticas relativas a determinados aspetos da sua vida” (1994, p. 292-293). Desta forma, o investigador deve realizar uma variedade de atividades que possam permitir-lhe reunir dados suficientes para uma análise mais detalhada e aprofundada com o intuito de provocar algum tipo de mudança no público-alvo em questão. Para além disso, neste tipo de investigação, o investigador envolve-se de forma muito ativa na causa que levou à investigação que pratica.

Quando os investigadores da investigação-ação recolhem os dados, estes delineiam várias linhas fundamentais que contribuem para o desenvolvimento pleno da sua investigação (Bogdan & Biklen, 1994):

- Realizam uma recolha constante de informação para o auxiliar na identificação de pessoas e instituições que contribuem para uma vida mais tolerável entre os diferentes grupos de pessoas;

- Possibilita-lhes aceder a informação, a compreender e a aceder a factos que têm como principal objetivo tornar mais credíveis a posição e os planos do investigador para uma audiência mais alargada;

- Permite-lhes identificar os aspetos do sistema que se podem tornar num desafio tanto legalmente como através de ações comunitárias;

- O investigador proporciona o convívio entre as pessoas, permitindo-lhes que se conheçam melhor, aumentando ao mesmo tempo a consciência de que têm problemas e na identificação de soluções para a sua resolução;

- A investigação-ação pode ser entendida como uma estratégia organizada para agrupar as pessoas tendo em conta questões particulares;

- Ajuda-nos a ganhar confiança, a mostrarmos um maior empenho num determinado objetivo e no momento de recolha de dados acorre-nos ao planearmos estratégias e no desenvolvimento de programas de ação comunitária.

Desta forma como afirmam Bogdan e Biklen, “quando se conduz uma investigação-ação deve-se pensar neste processo como se de investigação se tratasse e designar as provas recolhidas por dados. Quando se encara esta tarefa como a de um investigador e se colocam “questões de investigação”, forçamo-nos a uma atitude de trabalho mais sistemático” (1994, p. 298).

Neste seguimento, enfatizamos as questões de investigação que nos permitiram delinear as opções metodológicas optadas:

- Quais os estereótipos e/ou preconceitos dos alunos em relação ao Outro?
- Como desconstruir estereótipos e preconceitos em relação ao Outro, através de um projeto de educação intercultural?

Assim sendo, concluímos que seria necessário, ao longo do nosso projeto, realizar várias atividades que permitam, em primeiro lugar, identificar estereótipos e preconceitos de um grupo de alunos relativamente ao Outro e, em segundo lugar, desconstruir alguns desses estereótipos, com o intuito de promover alguma mudança, para um polo mais positivo em relação ao Outro.

3.3 Natureza da investigação

Como a nossa investigação se trata de uma investigação do tipo investigação-ação decidimos seguir uma natureza qualitativa, uma vez que pretendemos promover a mudança e afetar o comportamento das pessoas em relação ao Outro.

Na utilização de métodos de investigação qualitativa, estes permitem-nos observar individualmente cada um dos objetos, indivíduos ou instituições envolvidos no estudo, assentando numa metodologia “comummente definida como conjunto de procedimentos metodológicos aplicados quando se pretende a descrição de fenómenos,

dos fenómenos sociais e a sua respetiva explicação ou fornecimento de elementos da e para a sua compreensão” (Amaral, 2005, p. 2).

Desta forma, este mesmo autor define três níveis de pesquisa para a investigação qualitativa (Amaral, 2005, p. 2):

- **A descrição:** agregada aos aspetos gerais e particulares do fenómeno, assim como à recolha de material informativo para um inquérito;

- **A classificação:** realizando a categorização dos tipos e espécies de fenómenos;

- **A explicação:** realiza a ligação entre a causalidade e a implicação.

A abordagem qualitativa não é vista como uma técnica terapêutica nem como uma técnica de relações humanas, mas sim como um método de investigação que pretende descrever e analisar diversas experiências complexas, partilhando semelhanças com os métodos de relações humanas dado que, como fazendo parte do processo de recolha dos dados, devemos saber escutar corretamente, colocar questões pertinentes e observar detalhes.

A investigação qualitativa baseia-se numa ênfase de interações simbólicas entre indivíduos para a compreensão da forma como um determinado grupo de pessoas, numa determinada situação, dão sentido àquilo que lhes está a acontecer, encorajando-as na compreensão dos diferentes pontos de vista defendidos pelos diferentes indivíduos (Bogdan & Biklen, 1994).

3.4 Metodologias de investigação: instrumentos de recolha de dados

Para a nossa investigação foram utilizadas várias técnicas e instrumentos de recolha de dados com o intuito de conseguirmos responder à nossa questão de investigação, assim como atingir os objetivos traçados. Desta forma, utilizamos como instrumentos de recolha de dados: os dois inquéritos por questionário (inicial e final – anexos 1 e 2), os textos produzidos pelos investigados (anexos 3), bem como os seus desenhos (anexo 3), os inquéritos por entrevista (anexo 4), fotografias do decorrer das várias sessões (anexo 5) e algumas notas de campo.

3.4.1 Inquérito por questionário

O primeiro instrumento de recolha de dados empregue para a recolha de dados foi um inquérito por questionário. A escolha deste tipo de instrumento resultou do número de indivíduos envolvidos na investigação e, fundamentalmente, pelo objetivo traçado que pretendia analisar os conhecimentos prévios das crianças, assim como as suas representações e práticas em relação ao Outro. Como afirma Tuckman (2000) devemos questionar as pessoas para recolhermos dados sobre os seus conhecimentos, preferências, valores, experiências no quotidiano ou até mesmo em relação às suas atitudes para com o Outro de forma a obtermos informações sobre a realidade que pretendemos conhecer.

O questionário é uma ferramenta essencial para a recolha de informações preenchidas pelo inquirido, constituindo-se, sem dúvida, na melhor técnica para recolher dados no âmbito da investigação sociológica (Pardal & Correia, 1995).

Antes da construção do nosso inquérito por questionário foi importante, em primeiro lugar, pensar e escrever as hipóteses de investigação, refletir sobre os tipos de dados que se pretendiam recolher, quais os métodos para analisar e o que iria ser recolhido. Posteriormente, já na construção propriamente dita do instrumento, realizaram-se algumas perguntas de foro pessoal, onde se pretendia adquirir os dados pessoais dos inquiridos e, seguidamente, partiu-se para a elaboração de um conjunto de questões, onde se optou pelo uso de perguntas abertas e fechadas, pois pretendíamos obter informações qualitativas que completassem e contextualizassem a informação quantitativa obtida (Hill in Torres & Palhares, 2014).

Antes da aplicação do nosso inquérito por questionário foi realizado um pré-teste num outro grupo da mesma faixa etária do público-alvo do inquérito, do mesmo estabelecimento de ensino. Decidimos optar, primeiramente, por esta via para nos assegurar da qualidade das perguntas elaboradas, da sua plausibilidade e para que as respostas pretendidas correspondessem ao que era questionado. Após a análise das respostas ao pré-teste, conseguimos realizar as adaptações necessárias para implementarmos no nosso público-alvo.

No final do projeto, um novo inquérito por questionário foi construído, mas com perguntas mais direcionadas com as aprendizagens que os alunos alcançaram nas diferentes sessões. No entanto, este foi pensado e concebido sempre com uma ligação ao inquérito por questionário anterior. Desta forma, conseguimos compreender se o que foi realizado ao longo do projeto sortiu algum tipo de mudança no nosso grupo-alvo.

O inquérito por questionário inicial realizado foi construído com o intuito de atingir alguns objetivos, dos quais se destacam:

- Descobrir o tipo de contactos com o Outro dos nossos inquiridos;
- Perceber qual o interesse dos investigados em conhecer países diferentes do seu;
- Conhecer as razões que levam à curiosidade de conhecerem países diferentes;
- Entender qual a conceção dos inquiridos em relação ao termo cultura;
- Identificar estereótipos e preconceitos em relação ao Outro.

Na tabela seguinte apresentamos os objetivos do inquérito por questionário (anexo 1), bem como as questões a que estes estão associados.

Tabela 1- Objetivos e questões do inquérito por questionário inicial

Objetivos	Questões
Caracterizar o público-alvo quanto a dados como: idade, sexo e background sociocultural	2, 3, 4, 4.1, 4.1.1, 4.1.2, 4.1.3, 4.2, 4.2.1, 4.2.2, 4.2.3
Caracterizar os alunos (práticas linguísticas e culturais)	
1.1.Residência num país estrangeiro	5, 5.1, 5.2, 5.3
1.2.Língua materna	6
1.3.Países que gostaria de conhecer para além do seu	7
1.4 Conhecer as culturas que os alunos já conhecem	9
Identificar representações dos alunos face a algumas culturas	
Identificar a definição de cultura	8
Explorar os contactos diretos dos alunos com pessoas de outras culturas	10
Analisar a importância dada pelos alunos em relação à integração de crianças de outras culturas na escola	11
Explorar as posições em que se colocam os alunos em relação a diferentes grupos culturais	12

Os objetivos traçados, conforme se pode constatar na tabela acima, pretendem não só abarcar a dimensão da representação face às culturas, como também a dimensão das práticas e a dimensão do conhecimento dos alunos em relação às diferentes culturas do mundo.

No final da nossa investigação, um novo inquérito por questionário foi construído e adaptado ao realizado inicialmente, com o objetivo principal de percebermos se todas as nossas sessões tinham sortido algum tipo de efeito nos nossos investigados e se os seus estereótipos e preconceitos em relação ao Outro tinham diminuído. Este inquérito por questionário final (anexo 2) foi elaborado seguindo vários objetivos apresentados na tabela seguinte, bem como as questões a que estes estão associados.

Tabela 2 - Objetivos e questões do inquérito por questionário final

Objetivos	Questões
I. Identificar o contributo que os alunos atribuem às sessões realizadas	
1.1. Identificar as principais descobertas relatadas dos alunos	1
1.2. Verificar a importância dada pelo aluno em relação ao conhecimento de novas culturas	2
1.3. Apurar qual a relevância que o aluno defende em relação a aulas lecionadas pelo professor acerca de culturas diferentes da sua	3
II. Identificar representações dos alunos face a algumas culturas	
2.1 Explorar as posições em que se colocam os alunos em relação a diferentes grupos culturais	8
2.2 Analisar a importância dada pelos alunos em relação à integração de crianças de outras culturas na escola	10
III. Conhecer o nível de satisfação dos alunos face às sessões	
3.1. Identificar os grupos culturais que os alunos mais gostaram de conhecer	4
3.2. Detetar quais os grupos culturais que menos interesse despertaram nos alunos	5
IV. Conhecer quais as preferências dos alunos em relação aos vários grupos culturais trabalhados	

4.1. Reconhecer qual/quais os grupos culturais que os alunos mais gostariam de receber na sua escola	6
4.2. Reconhecer qual/quais os grupos culturais que os alunos mais gostariam de receber na turma	7
4.3. Verificar quais as culturas que os alunos ainda gostariam de conhecer	9, 9.1

3.4.2 Textos produzidos pelos indivíduos

Outro instrumento de recolha de dados escolhido para a investigação foram os vários textos escritos produzidos pelos envolvidos na investigação ou respostas a questões.

Esta é uma ferramenta muito relevante num momento de recolha de dados, pois permite-nos obter testemunhos bastante detalhados daquilo que os atores da investigação viveram na primeira pessoa e também propiciam compreender os significados que os fatores envolvidos nestas situações têm para os intervenientes (Angell, 1945, p. 178 cit. in Bogdan & Biklen, 1994).

Estes dados proporcionam verdadeiras descrições dos investigados, pois com as suas produções conseguimos observar e constatar os verdadeiros pensamentos que estes têm em relação ao mundo que os rodeia.

Os documentos desenvolvidos para este tipo de técnica foram um bloco de notas, a produção de um pequeno texto. Todos estes documentos eram individuais sem qualquer conhecimento “do seu miolo” por parte dos outros envolvidos na investigação. Estes instrumentos foram utilizados e adotados em momentos diferentes aquando das sessões realizadas. Relativamente ao bloco de notas, este foi utilizado durante todas as sessões (ver figuras 2, 3, 4, 5 e 6) e tinha como objetivo, uma vez mais, conhecer os seus estereótipos e preconceitos e, por último, perceber se aprenderam algo de novo com as várias sessões e se a sua opinião mudou ou se manteve. Este instrumento encontrava-se dividido pelas várias sessões planeadas, onde existiam algumas perguntas que se pretendia que os envolvidos na investigação respondessem e fossem o mais sinceros

possível e, também, que demonstrassem a sua satisfação em relação ao que se realizou através de uma avaliação pessoal da atividade.

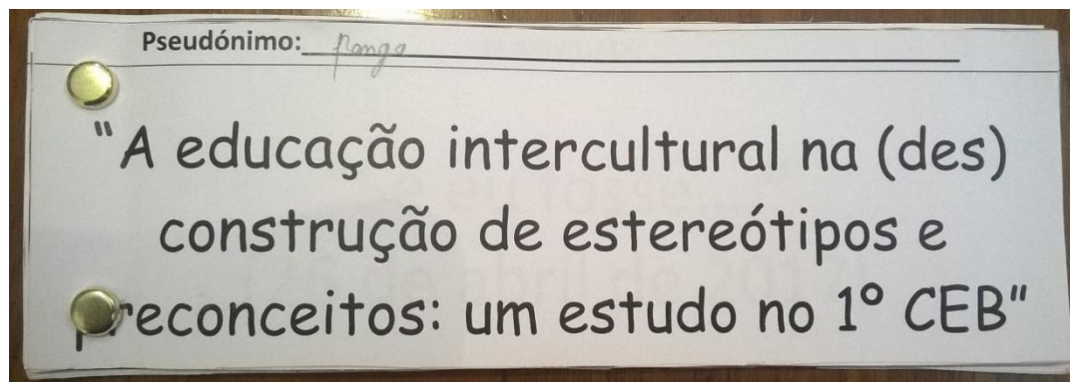


Figura 2- Bloco de Notas Individual

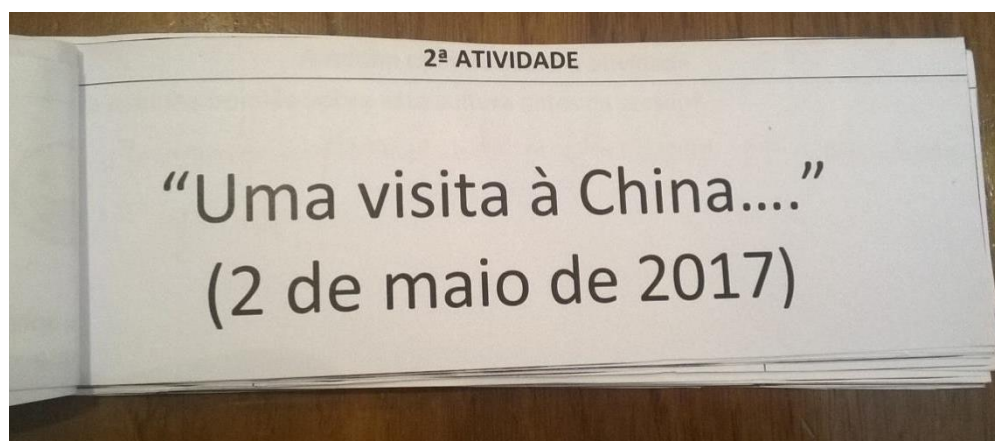


Figura 3 - Bloco de Notas: dividido pelas diferentes sessões

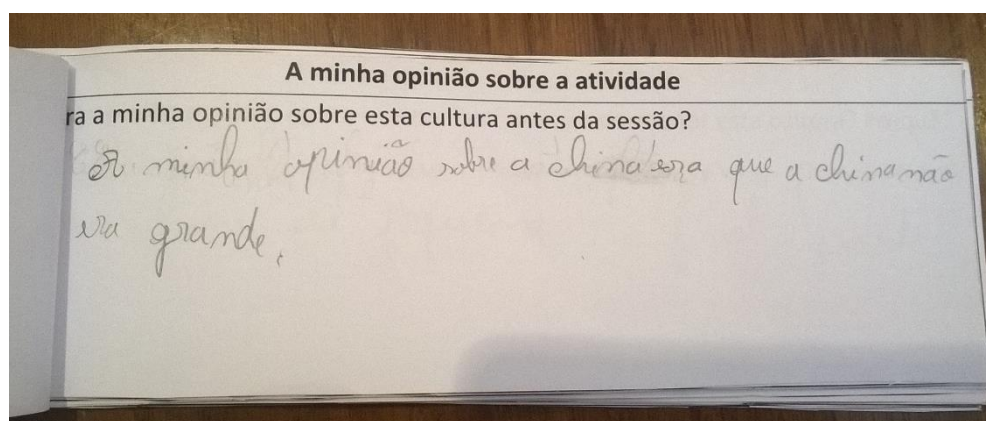


Figura 4 - Bloco de Notas: opinião dos alunos sobre a atividade

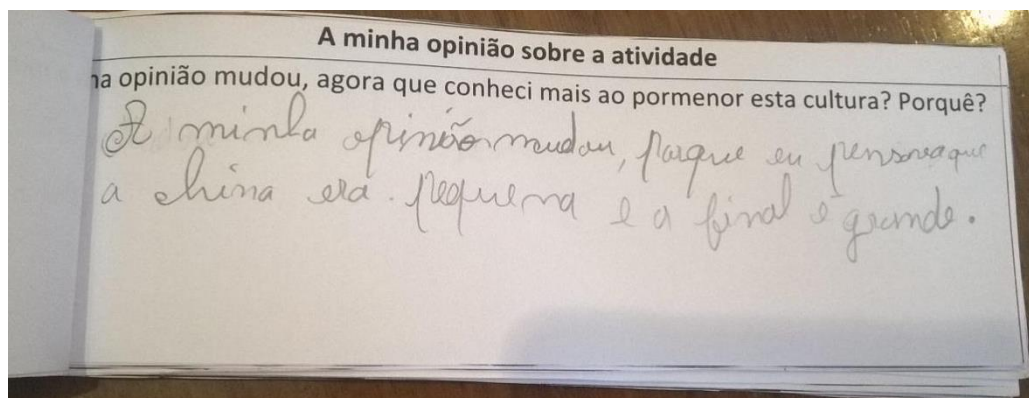


Figura 5 - Bloco de Notas: opinião dos alunos sobre a atividade

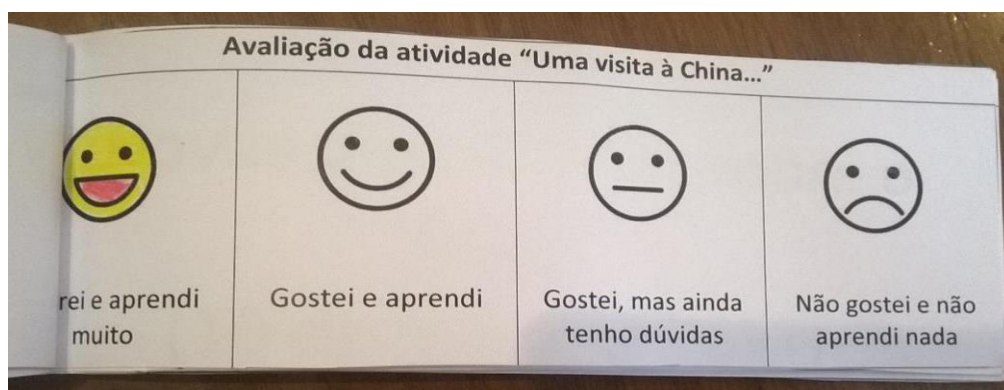


Figura 6- Bloco de Notas: avaliação dos alunos sobre a atividade

Para além deste instrumento, na sessão inicial, foi pedida a produção de um pequeno texto onde os alunos pudessem falar acerca da imagem que têm dos indivíduos dos diferentes grupos a trabalhar ao longo do projeto (ciganos, cabo-verdianos, brasileiros, chineses e ucranianos) tendo em conta o seu aspeto físico, psicológico e/ou social ou até mesmo expressarem a sua conceção do país em questão, assim como a criação de um desenho relacionado com o que escreveram. Este foi utilizado com o intuito de conhecer as ideias prévias dos alunos acerca das várias culturas a trabalhar ao longo da investigação, bem como a desconstrução dos seus estereótipos e preconceitos.

Todos os produtos criados pelos investigados se tornaram em boas ferramentas de recolha de dados, pois nos momentos em que é pedido uma reflexão individual, na maior parte das vezes, estes conseguem mostrar a sua sinceridade e serem mais verdadeiros no que estão a registar ou a produzir.

3.4.3 Inquérito por entrevista

A circunstância da entrevista pressupõe que o investigador solicite ao entrevistado informações sobre um determinado tema, seguindo sempre uma alternância de pergunta-resposta. “A entrevista supõe um caso particular de interação entre os vários interlocutores, configurando uma troca social desigual, onde a iniciativa e o controlo da situação é, em grande medida, da responsabilidade do investigador” (Torres & Palhares, 2014, p. 172 - 173).

Quanto à estruturação das nossas entrevistas optou-se por seguir a via da entrevista semiestruturada, ou seja, o investigador possui um conjunto de questões-guia que serão lançadas no desenrolar da conversa entre o entrevistador e o entrevistado, não seguindo uma ordem específica, mas sim questionadas à medida que surja oportunidade, sem seguir a formulação das perguntas tal e qual como foram concebidas anteriormente. O entrevistador tem como propósito “encaminhar a comunicação para os objetivos da entrevista, sempre que o discurso se desvie das intenções da investigação, suscitando o aprofundamento da informação requerida de elementos compreensivos que, naturalmente, o entrevistado deixa escapar” (Pardal & Correia, 1995, p. 65-66).

3.4.4 Fotografias

A fotografia é uma técnica que está diretamente ligada à investigação qualitativa, mas que só deve ser iniciada quando a relação entre o investigador e os envolvidos na investigação já sentem uma determinada empatia entre si, os investigados confiam no investigador e já o conhecem minimamente.

O investigador deve assumir um papel invisível aplicando dois objetivos: a familiaridade e a distração. Desta forma, os indivíduos começam a ficar acostumados e indiferentes àquilo que os rodeia, deixando de ser motivo para abstração ou divertimento.

Estas reproduções fornecem-nos “fortes dados descritivos, que são muitas vezes utilizadas para compreender o subjetivo e são frequentemente analisadas indutivamente” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 183).

Uma máquina fotográfica no poder de um investigador permite produzir fotografias que serão utilizadas com diferentes finalidades.

Estas são também meios que nos permitem refletir mais ao pormenor acerca do tipo de atitudes e ações que os nossos investigados assumem perante o desconhecido e para com o Outro. Como afirmam Bogdan & Biklen “na procura dos investigadores educacionais, as fotografias não são respostas, mas ferramentas para chegar às respostas” (1994, p. 191).

As fotografias tiradas, durante as diferentes sessões, foram registadas com o objetivo de não só obter um registo das várias sessões como também verificar e poder analisar as atitudes e ações dos investigados em relação ao Outro.

3.4.5 Notas de campo

Durante a observação e os diálogos realizados nas diferentes sessões do projeto, foram registadas algumas notas de campo através daquilo que se foi ouvindo, vendo, experienciando e pensando durante a recolha e reflexão dos dados recolhidos.

Nestas notas foram redigidas as diferentes ideias, reflexões e palpites que foram surgindo por parte dos investigados no decorrer de algumas das atividades do projeto. Todos estes dados serão úteis para a minha investigação e ajudar-me-ão a responder não só há minha questão de investigação como também a verificar se os meus objetivos foram alcançados.

3.5 Objetivos operacionais

A nossa investigação assentou em diferentes objetivos pedagógico-didáticos, dos quais se destacam:

1. Ter consciência da existência do Outro;
2. Conhecer elementos de outras culturas;
3. Ter consciência e refletir sobre os seus eventuais estereótipos e preconceitos em relação ao Outro;
4. Colocar-se no lugar do Outro;
5. Ter respeito pelo Outro e pelas regras sociais e de convivência com este.

Será de elevada importância relembrar que para além dos objetivos pedagógico-didáticos delineados para a investigação, também se alinhavaram dois objetivos de investigação principais:

1. Identificar estereótipos e preconceitos em relação ao Outro;
2. Promover e avaliar atividades que concorram para a desconstrução de estereótipos e preconceitos, no âmbito de um projeto de educação intercultural.

Com as nossas seleções metodológicas pretendemos que estas sejam ferramentas que promovam a educação intercultural, neste caso em contexto de sala de aula, proporcionando momentos de partilha e de construção de conhecimento, com o intuito de a diversidade e a individualidade de cada um dos alunos ser prezada e reconhecida.

Seguidamente, indicarei mais pormenores do nosso projeto de investigação iniciando com a caracterização do contexto educativo em que decorreu a investigação, bem como a caracterização do público-alvo.

3.6 Caracterização do Contexto Educativo

A instituição educativa em que o projeto foi desenvolvido corresponde à escola onde estagiei no segundo semestre do ano letivo 2016-2017, tratando-se assim do Centro Escolar de Nossa Senhora do Pranto, pertencente ao Agrupamento de Escolas de Ílhavo (AEI).

É de salientar que nesta instituição encontramos dois níveis de ensino distintos, ou seja, é composta por crianças que frequentam a educação pré-escolar e alunos que integram a comunidade escolar do 1º Ciclo do Ensino Básico. Dos recursos humanos por este apresentado, destacam-se oito professores do 1.º CEB, duas educadoras, quatro assistentes operacionais (duas para o pré-escolar e outras duas para o 1º ciclo), um professor de educação especial, um professor de apoio educativo e um professor de apoio ao projeto GPS (“Gerar Percursos de Sucesso”). Para além destes recursos humanos, também é de ressaltar uma equipa de dez funcionários que constituem o grupo responsável pelo ATL (Atividades de Tempos Livres).

A comunidade escolar desta escola tem ao seu dispor vários serviços, mais especificamente, uma Biblioteca, um Serviço de Apoio aos alunos com mais dificuldades cognitivas e um Serviço de Atividades para os Tempos Livres.

Para além dos recursos humanos, esta escola dispõe de diferentes recursos pedagógico - didáticos, dos quais se destacam, material de educação física, vinte e dois computadores portáteis, vários livros de literatura infantojuvenil, computadores de mesa,

estantes quadradas para guardar materiais pessoais das crianças, materiais de plástico, matraquilhos, entre muitos outros.

O Centro Escolar de Nossa Senhora do Pranto presenteia os seus alunos com três ofertas educativas distintas referentes a aulas de atividade física desportiva (AFD), música e TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação). Todas estas ofertas são atividades de enriquecimento curricular (AEC) que funcionam em horário posterior ao período de aulas.

No que diz respeito ao espaço e disposição da escola, podemos enfatizar que esta se encontra dividida em dois pisos, um piso inferior e um piso superior, ambos com características diferentes. No piso inferior encontramos a secretaria, o *hall* de entrada, a sala dos professores e outra de reuniões, a cantina, a biblioteca, uma arrecadação, quatro salas de aulas e duas salas do pré-escolar, casas de banho para alunos e outras para adultos, uma sala de apoio pedagógico, um elevador, e, por último um extenso espaço exterior composto por várias áreas (campo de futebol e basquetebol, um parque-infantil para o pré-escolar, equipamentos didáticos, contentores de separação do lixo e um amplo espaço verde). Já no que concerne ao piso superior encontramos quatro salas de aulas, uma sala de apoio pedagógico, duas casas de banho para os alunos e outras duas para os adultos e um elevador.

Para finalizar, é relevante aludir à participação desta instituição, desde 2011, no projeto de Eco Escolas, tendo vindo a ser galardoada desde então.

3.7 Caracterização do Público-Alvo

No que respeita à caracterização dos sujeitos envolvidos na investigação, estes pertencem a uma turma do 3º ano de escolaridade e compõem um grupo de dezoito alunos, dos quais onze são do sexo masculino e seis do sexo feminino, no entanto, com o início do terceiro período escolar, recebemos um novo elemento do sexo feminino, passando assim a sete crianças do sexo feminino. A faixa etária do grupo varia entre os 8, 9 e 10 anos de idade. Um dos sujeitos envolvidos na investigação, do sexo masculino, encontra-se ainda a frequentar o 2º ano de escolaridade, mas está integrado nesta turma, sendo portador de uma doença chamada *Síndrome de Asperger*. Este aluno não foi um dos nossos investigados na investigação, uma vez que em consenso com o professor cooperante decidimos não incluí-lo na investigação, pois não apresentava as capacidades

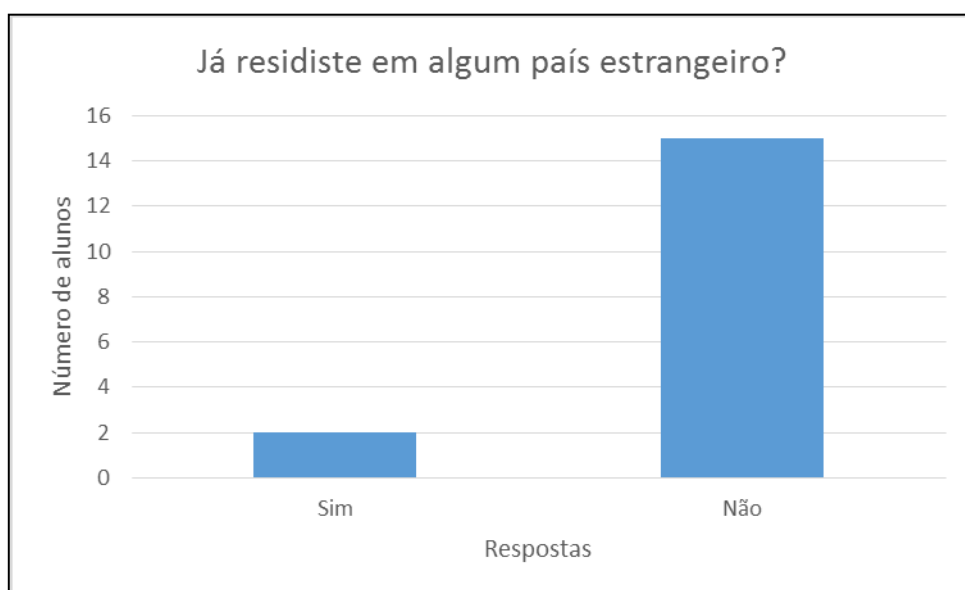
necessárias para responder aos nossos instrumentos de recolha de dados, no entanto, a sua participação durante as sessões foi sempre integrada.

Como seria importante para a implementação do nosso projeto conhecer o mundo linguístico-cultural dos nossos investigados, realizámos algumas questões no nosso inquérito por questionário inicial que nos respondessem a esses critérios.

Dessa forma, verificamos que dos dezassete inquiridos (a aluna que foi integrada na turma apenas no terceiro período não respondeu a este inquérito, porque este foi implementado no segundo período), dezasseis têm como língua materna (LM) o português e apenas uma aluna tem como LM o ucraniano.

Relativamente à questão “Já residiste em algum país estrangeiro?” verificamos que apenas dois dos alunos responderam que sim e os restantes quinze nunca residiram fora de Portugal. Tal como o gráfico de barras abaixo apresentado demonstra.

Gráfico 1 - Respostas dos alunos



Após esta questão também seria pertinente realizar duas novas questões relacionadas com a anterior, caso obtivéssemos respostas positivas, de forma a percebermos em que países já residiram e durante quanto tempo. Como dois dos inquiridos responderam que sim, então será pertinente introduzir esses dados. Dessa forma, obtemos a seguinte informação e apresentamo-la na seguinte tabela:

Tabela 3 - Países já resididos no estrangeiro e duração de residência

Se a resposta foi sim:	
País de residência	Duração
Ucrânia	3 anos
França	2 meses

Como a nossa investigação se preocupa em incentivar o contacto dos nossos investigados com países de culturas diferentes da sua, achamos relevante realizar a seguinte questão: “Gostarias de conhecer algum país para além do teu? Qual/quais? Justifica”. Ao analisarmos as respostas dos dezassete inquiridos, constatamos que todos teriam interesse em conhecer outros países. Os países que estes mais gostariam de conhecer e as suas justificações apresentam-se nos seguintes gráficos:

Gráfico 2 - Países que os inquiridos gostariam de conhecer

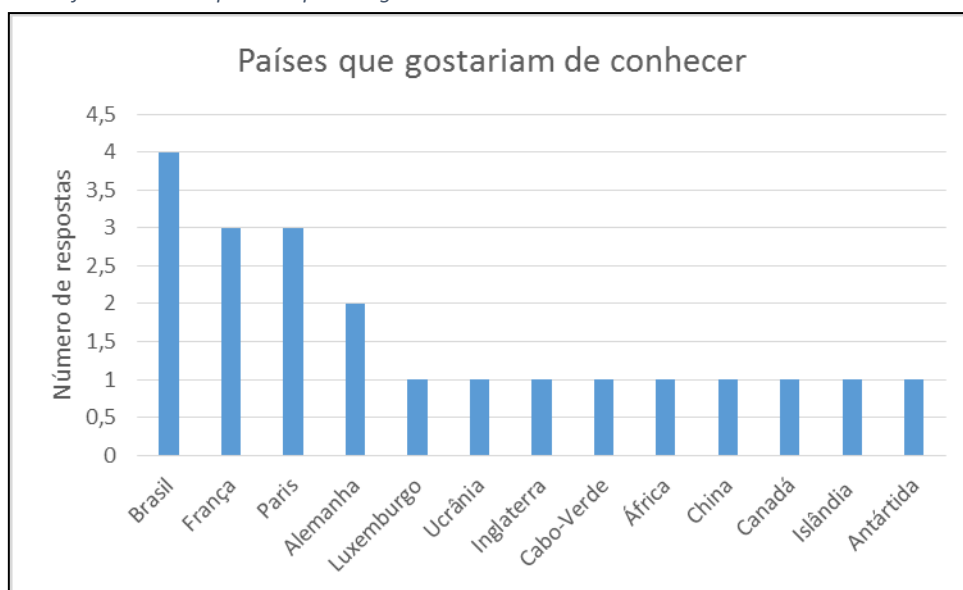
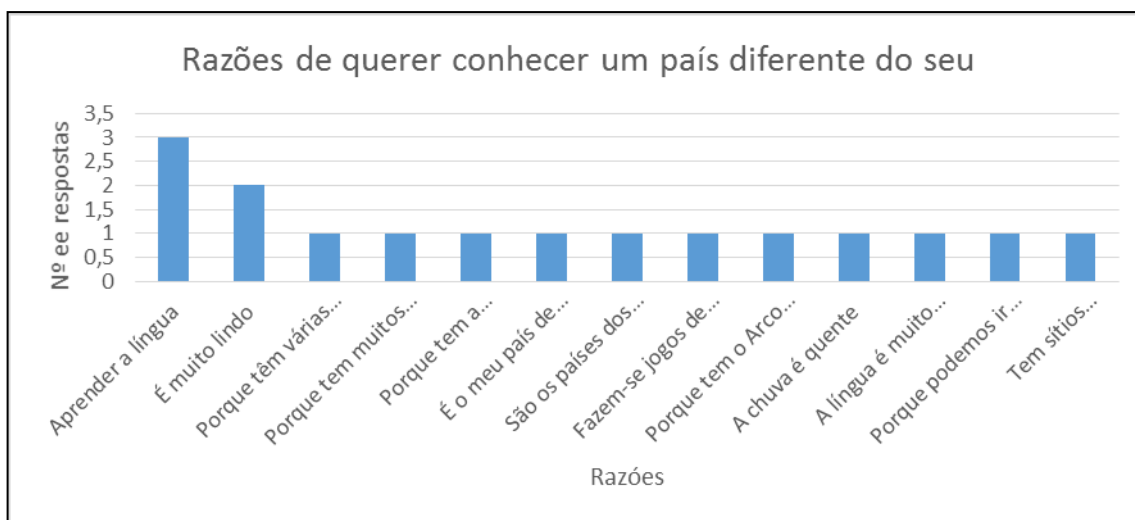


Gráfico 3 - Razões para quererem conhecer outro país



Como era importante conhecermos os nossos inquiridos, também seria essencial compreender o background sociocultural dos alunos. Desta forma, algumas questões centraram-se nos pais dos investigados, uma vez que essas informações seriam pertinentes para o nosso estudo.

Assim sendo, após analisarmos as respostas dos alunos verificamos que existia uma variedade nas suas respostas. Após a sua análise, elaboramos os seguintes gráficos:

Gráfico 4- Nacionalidade dos pais

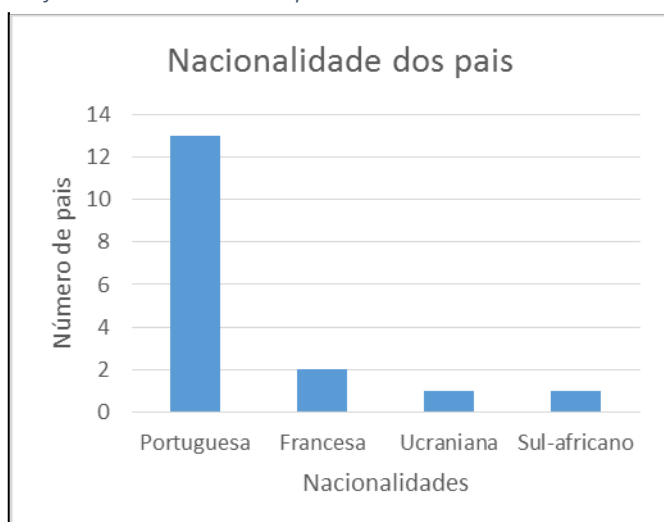
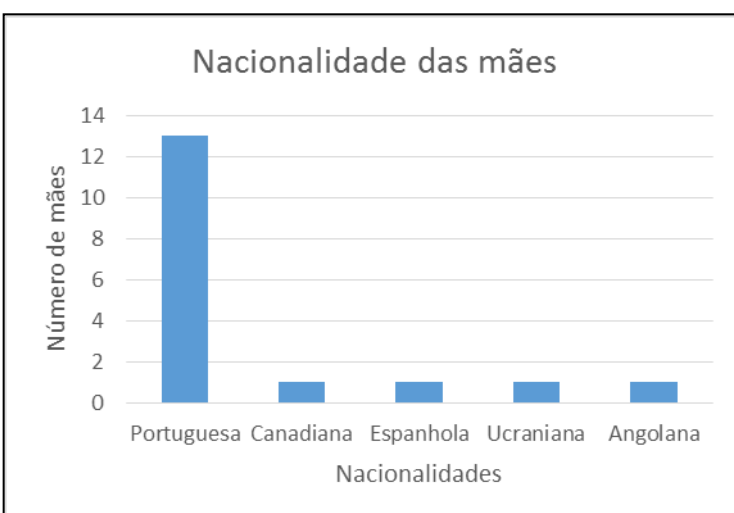


Gráfico 5 - Nacionalidade das mães



Pela análise realizada à informação recolhida nos inquéritos por questionário preenchidos pelos inquiridos, verificámos que todos eles gostariam de conhecer países

diferentes do seu apresentando variadas razões para este seu interesse. Relativamente ao background dos nossos inquiridos, constatámos que no seio familiar a grande parte apresenta nacionalidade portuguesa, no entanto existem alguns casos em que o pai e a mãe são de nacionalidades diferentes. Sendo assim, averiguou-se que este público-alvo seria um bom grupo para a realização da nossa investigação, uma vez que manifestam bastante interesse em conhecer países diferentes do seu e ao mesmo tempo com culturas distintas da sua.

3.8 Calendarização e descrição das sessões:

As sessões foram pensadas e planificadas com base na temática escolhida para abordar ao longo de todo o projeto inseridas no principal objetivo da desconstrução de estereótipos e preconceitos em relação ao Outro e promover o respeito pelo Outro. Assim sendo, foram delineadas de acordo com o quadro seguinte:

Tabela 4 - Organização das sessões

Sessão	Data	Nome da sessão
Nº 1	26 de abril de 2017 (2 horas)	“Se eu fosse...”
Nº2	2 de maio de 2017 (2 horas)	“Uma visita à China...”
Nº3	10 de maio de 2017 (1 hora e 30 minutos)	“Novas descobertas sobre o Brasil”
Nº4	17 de maio de 2017 (3 horas)	1ª parte: “Conhecer a Ucrânia”
		2ª parte: “Pesquisar sobre Cabo-Verde”
Nº5	24 de maio de 2017 (1 hora e 30 minutos)	“Descobrir uma nova cultura – os ciganos”

Com este esboço das atividades procurámos, principalmente, que as crianças tomassem consciência da existência do Outro, refletissem sobre os seus próprios

estereótipos e preconceitos e conseguissem respeitar o Outro de forma a favorecer a convivência com este.

As culturas selecionadas para trabalhar ao longo do projeto foram escolhidas de acordo com as respostas dos inquiridos à questão onze do primeiro inquérito por questionário implementado, inspirada na escala de *Bogardus* apresentada de seguida:

Tabela 5 - Escala de Bogardus

Grupos	1. Exclui-los-ia do meu país:	2. Exclui-los-ia do meu grupo de amigos:	3. Não teria interesse em recebê-lo na minha escola:	4. Não teria interesse em ser amigo com:	5. Viveria no mesmo bairro com:	6. Preferiria tê-lo como simples conhecido:	7. Aceitá-lo-ia como colega de escola:	8. Gostaria de o conhecer para ser seu amigo:
Caboverdianos								
Ucranianos								
Ciganos								
Franceses								
Inglêses								
Espanhóis								
Chineses								
Brasileiros								
Outra: _____								

Tendo em conta as respostas a esta escala, que serve para medir a intensidade dos preconceitos raciais, decidimos eleger os grupos que nos suscitavam uma maior aversão e repulsa por parte dos inquiridos. Esta escolha foi tomada tendo em conta os três primeiros níveis da tabela, sendo aqueles que demonstram um maior conjunto de estereótipos e preconceitos por parte dos investigados, como se verifica pelos gráficos seguintes referentes às diferentes nacionalidades escolhidas aquando da construção do inquérito:

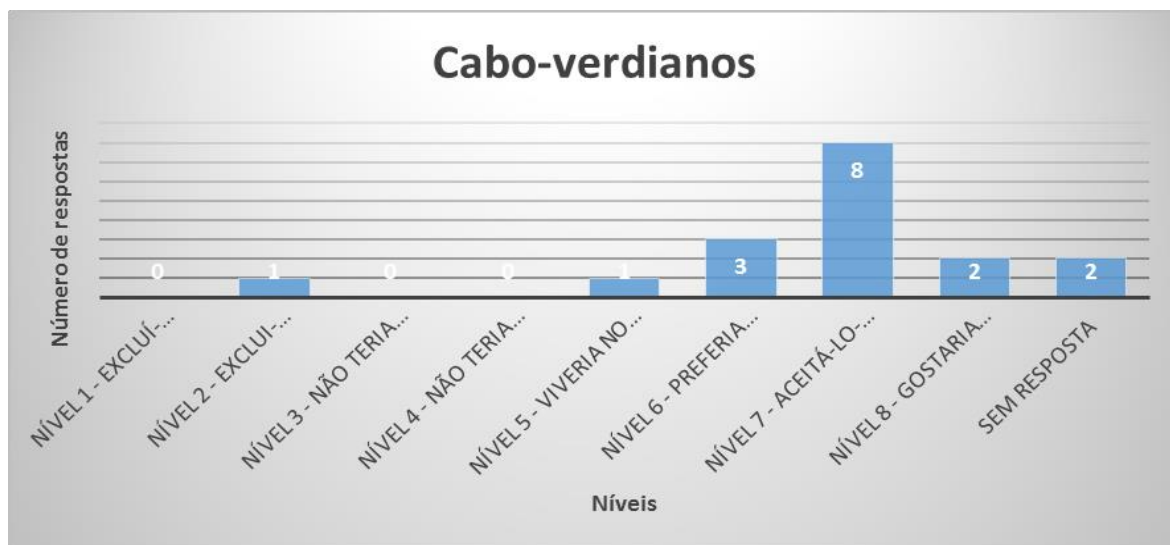


Gráfico 6 - Escala de Bogardus – Cabo-verdianos



Gráfico 7 - Escala de Bogardus - Ucranianos



Gráfico 8 - Escala de Bogardus - Ciganos

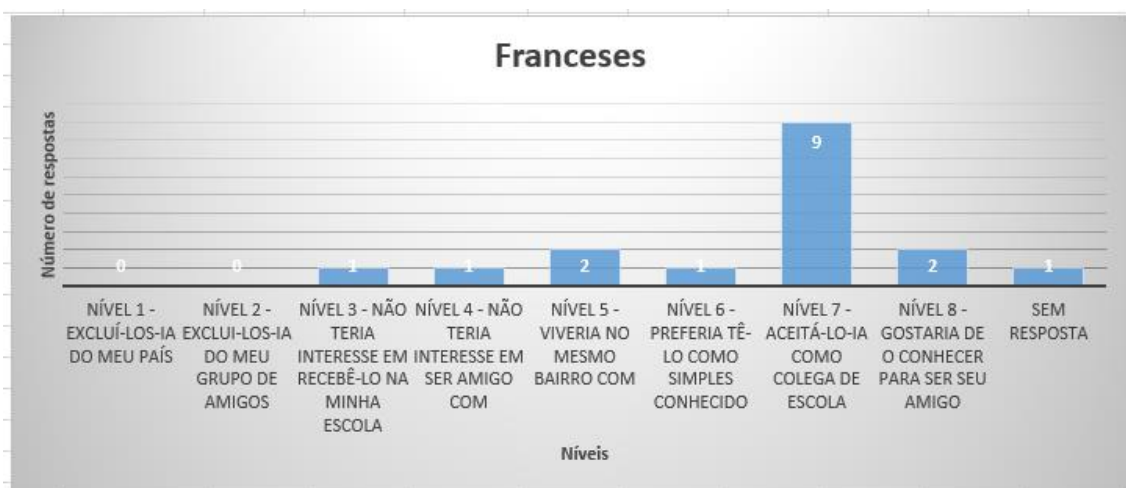


Gráfico 9 - Escala de Bogardus - Franceses

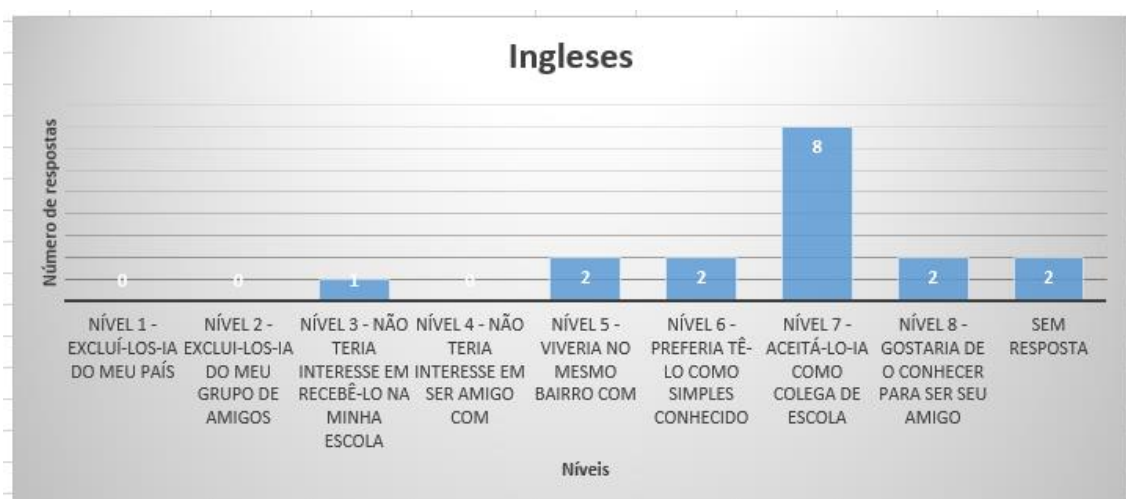


Gráfico 10 - Escala de Bogardus - Ingleses

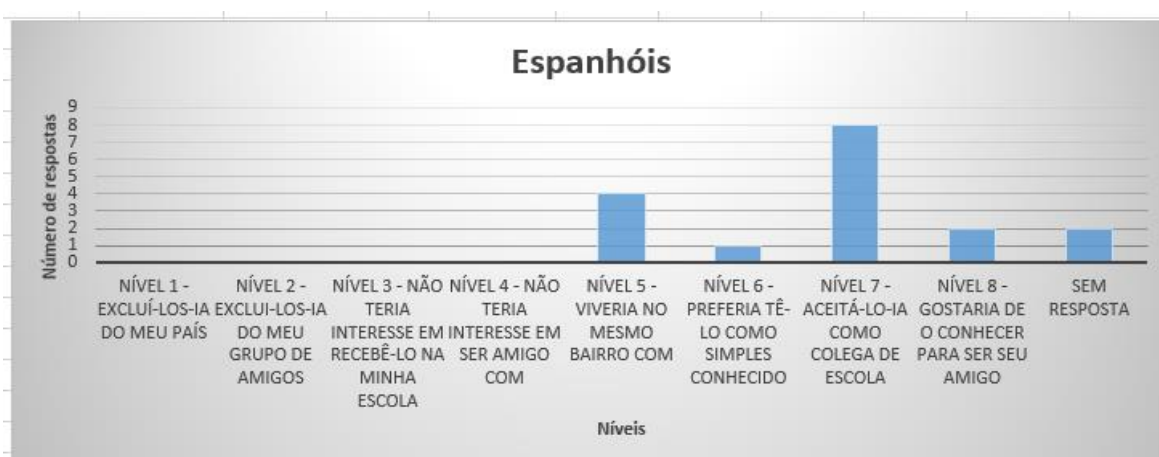


Gráfico 11 - Escala de Bogardus - Espanhóis

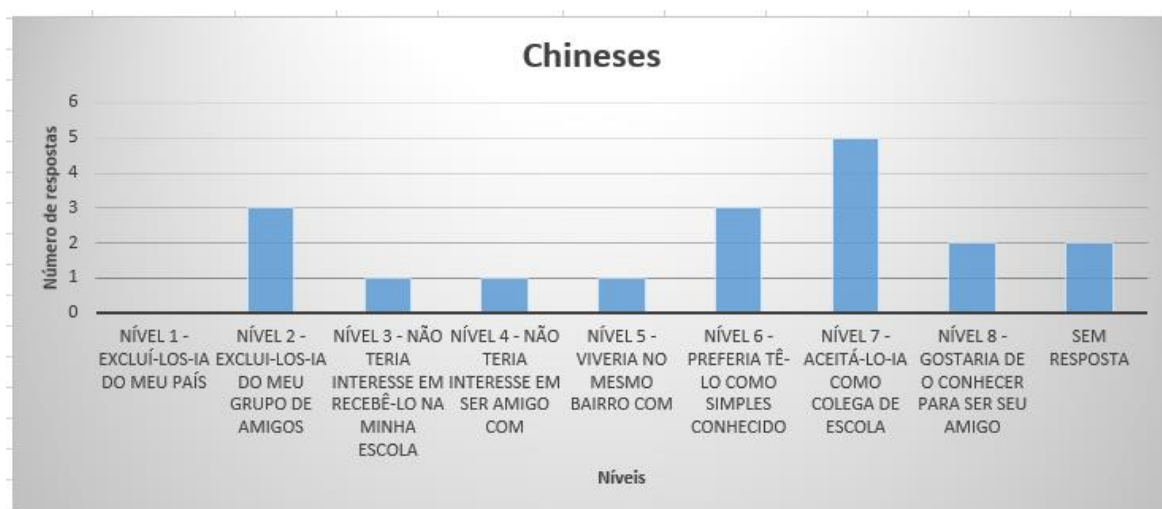


Gráfico 12 - Escala de Bogardus - Chineses



Gráfico 13 - Escala de Bogardus - Brasileiros

Desta forma, finalizada a análise dos gráficos, decidimos então abordar ao longo das nossas sessões, cinco grupos distintos, nomeadamente: chineses, brasileiros, ucranianos, ciganos e cabo-verdianos. Estes foram os grupos que nos suscitaram um maior nível de preocupação, uma vez que os inquiridos apresentaram mais estereótipos e preconceitos perante cidadãos pertencentes a estes grupos.

Nestas atividades procurámos sempre promover a ida de pessoas originárias dos países das culturas escolhidas de forma a reforçar o contacto direto.

O contacto direto permite ao indivíduo conviver com culturas diferentes da sua formando um verdadeiro impacto na forma como socializa com o Outro, como o avalia e

como é entendido pela sociedade. Ao deparar-se com costumes e tradições diferentes da sua, este aprende a respeitar as diferenças do Outro e consegue compreender que as suas opiniões e pensamentos não são os únicos que estão corretos (Luiza Meneghim, 2017)

Torna-se importante o contacto das nossas crianças com o Outro, uma vez que lhes permite não só conhecer novas culturas como também promover o respeito por estas, fazendo com que não as desprezem em relação à sua, por forma a consciencializá-las para a existência de uma diversidade cultural muito rica (Andrade & Martins, 2007).

Ao contactar diretamente com o Outro, que se apresenta na sociedade de forma diferente, permite-lhe comparar as diferenças da sua cultura com a dele, ajuda-o a aperceber-se da existência de adversidades e a desconstruir estereótipos e preconceitos já muito antigos e bastante implantados na sua mente. (Luiza Meneghim, 2017)

No entanto, esta situação de contacto direto não foi possível em todas as sessões, uma vez que não foi exequível a ida de um cidadão de Cabo-Verde e outro de etnia cigana ao contexto.

Nas sessões de contacto direto entre os nossos investigados e os cidadãos das culturas escolhidas, foi possível a realização de contactos com uma familiar da colega de diáde, representante da cultura do Brasil, e uma aluna em Erasmus na Universidade de Aveiro originária da China.

Para além destes dois contatos diretos, também foi realizado um contato externo com uma aluna da Universidade de Aveiro, que é de etnia cigana. Foi-lhe pedida a sua vinda ao contexto, no entanto, por motivos profissionais, esta não pôde dirigir-se ao centro escolar. Apesar disso, para a construção da sessão, pedi a sua colaboração para me facultar informações relevantes acerca da sua cultura para mostrar e apresentar aos alunos através do uso de um *PowerPoint*.

Posto isto, passo a apresentar os objetivos e a descrição pormenorizada de cada uma das sessões individualmente:

Sessão 1: “Se eu fosse...”:

Objetivos principais

- Colocar-se no papel do outro;
- Desconstruir estereótipos e preconceitos.

Descrição pormenorizada

A atividade iniciou-se com uma atividade individual, com a entrega, a cada aluno, de uma folha branca com a frase “Se eu fosse... (e um dos grupos selecionados para trabalhar ao longo do projeto: chineses, ciganos, cabo-verdianos, ucranianos e brasileiros) ”. Nesta folha, os alunos escreveram um pequeno texto (4-5 linhas) em que descreviam aquilo que conhecem sobre o grupo que lhe foi atribuído e/ou a forma como eles seriam fisicamente se pertencessem a esse grupo. Após a escrita do texto podiam desenhar uma figura humana ou objetos característicos da cultura do país na qual o seu grupo está inserido.

Finalizados os textos e os desenhos, promoveu-se uma discussão em pequenos grupos de trabalho: os alunos foram distribuídos de acordo com os grupos culturais que cada aluno possui (grupo dos chineses, ciganos, ucranianos, brasileiros e cabo-verdianos). Em grupo trocaram as ideias de cada um, discutiram-nas e juntaram-nas num pequeno cartaz para apresentarem à turma (onde colocariam as ideias que existiam em comum mais as ideias diferentes que cada um escreveu);

Após a elaboração dos cartazes, desenvolveu-se uma apresentação de cada um dos grupos à restante turma, de forma a conceber um debate entre todos os alunos, tendo em conta as ideias que reuniram. Neste confronto de ideias, realizei um papel de “advogada do diabo” para que os alunos pudessem eles mesmos pensar e refletir sobre aquilo que escreveram e a forma como veem o Outro.

Sessão 2: “Uma visita à China....”

Objetivos principais no ponto de vista do aluno:

- Tomar consciência e refletir sobre os seus eventuais estereótipos e preconceitos em relação ao Outro;

Objetivos principais no ponto de vista do professor:

- Conscientizar para a existência do Outro;
- Dar a conhecer elementos de outra cultura;
- Estimular o respeito pelo Outro e pelas regras sociais e de convivência com o Outro.

Descrição Pormenorizada:

Antes da realização da atividade, ou seja, na aula anterior a esta, proporcionou-se aos alunos, a possibilidade de escreverem algumas questões que gostariam de colocar a uma pessoa de cultura chinesa;

Já no momento da sessão, uma convidada de cultura chinesa visitou o nosso contexto e promoveu-se um diálogo com os nossos investigados abordando questões sobre a sua cultura. Este diálogo guiou-se pelas questões dos alunos à nossa convidada, permitindo-lhe assim falar de uma forma mais espontânea e livre. Caso as dúvidas dos investigados não se direcionarem muito para o objetivo da sessão, então ajudarei a convidada a orientar-se para este, para que dê a conhecer a estes as características da sua cultura.

Após o diálogo e questões, um desafio foi proposto à nossa convidada para que realizasse uma atividade de escrita juntamente com os nossos alunos. Nesta atividade, cada aluno escolheu uma palavra ou uma pequena frase para a nossa convidada escrever em mandarim/caracteres e pronunciá-la. Para finalizar, entreguei a cada aluno o seu bloco de notas individual, onde expressariam a sua opinião sobre a sessão, assim como a sua avaliação em relação à atividade, ou seja, prosseguiram para a pintura da carinha que mais se adequasse à atividade realizada.

Sessão 3: “Novas descobertas sobre o Brasil”**Objetivos principais no ponto de vista do aluno:**

- Tomar consciência e refletir sobre os seus eventuais estereótipos e preconceitos em relação ao Outro;

Objetivos principais no ponto de vista do professor:

- Conscientizar para a existência do Outro;

- Dar a conhecer elementos de outra cultura;
- Estimular o respeito pelo Outro e pelas regras sociais e de convivência com o Outro.

Descrição Pormenorizada:

Para a nossa sessão recebemos na nossa escola uma convidada brasileira que nos veio falar um pouco sobre a cultura do Brasil.

Durante a sessão, a convidada falou sobre a cultura do Brasil focando-se nas questões colocadas pelos alunos e tentando sempre relacioná-las com as várias características do seu país, como por exemplo, localização no mapa, a alimentação, costumes e tradições, festividades, desportos mais praticados no Brasil, entre outros.

De seguida, partiu-se para a realização de uma atividade de correspondência lexical: nesta atividade cada aluno pôde pedir à nossa convidada para que escrevesse e pronunciasse algumas palavras que gostariam de saber se eram ditas e escritas da mesma forma que em Portugal ou se aparecem de maneira diferente no português do Brasil, de forma a compararem a correspondência lexical entre o português e o português do Brasil.

No final da sessão, a nossa convidada tinha uma surpresa para os alunos onde teve a amabilidade de trazer um doce típico do Brasil, brigadeiros. Para finalizar toda a sessão, quatro dos alunos foram escolhidos especificamente para serem desafiados a participar num inquérito por entrevista, para que eu, como investigadora, pudesse ficar a conhecer as ideias prévias dos alunos, assim como as informações que arrecadaram com a sessão, de forma a recolher dados que necessito para a minha investigação.

Sessão 4

A sessão 4 dividiu-se em duas partes distintas dedicadas a culturas diferentes. A primeira parte destinou-se à cultura da Ucrânia e a segunda à cultura de Cabo-Verde.

1ª Parte: “Conhecer a Ucrânia” - Objetivos principais no ponto de vista do aluno:

- Tomar consciência e refletir sobre os seus eventuais estereótipos e preconceitos em relação ao Outro;

Objetivos principais no ponto de vista do professor:

- Consciencializar para a existência do Outro;

- Dar a conhecer elementos de outra cultura;
- Estimular o respeito pelo Outro e pelas regras sociais e de convivência com o Outro.

Descrição Pormenorizada:

Antes da realização da sessão foi pedida a colaboração de uma das alunas da turma que é natural da Ucrânia, para que esta nos pudesse ajudar a conhecer a cultura do seu país. Assim, poderá, juntamente com os pais, reunir informações para dar a conhecer a sua cultura aos colegas.

Já no dia da sessão, a aluna ucraniana iniciou a sessão falando sobre a sua cultura guiando-se e respondendo às questões realizadas pelos colegas.

Para completar a informação transmitida pela aluna aos colegas, apresentei um *PowerPoint* (anexo 6) construído por mim sobre a cultura da Ucrânia, onde foram abordados vários tópicos, nomeadamente, a sua localização geográfica, o clima, o património, a religião praticada, as línguas mais faladas, os desportos praticados com maior frequência, as brincadeiras e/ou jogos típicos, o tipo de música ouvida e dançada, a gastronomia e, por último, as festividades.

2ª Parte: “Pesquisar sobre Cabo-verde”

Objetivos principais no ponto de vista do aluno:

- Tomar consciência e refletir sobre os seus eventuais estereótipos e preconceitos em relação ao Outro;

Objetivos principais no ponto de vista do professor:

- Consciencializar para a existência do Outro;
- Dar a conhecer elementos de outra cultura;
- Estimular o respeito pelo Outro e pelas regras sociais e de convivência com o Outro.

Descrição Pormenorizada:

Para esta sessão, toda a informação sobre a cultura de Cabo-Verde foi previamente recolhida por mim e esquematizada numa apresentação em *PowerPoint*. A sessão decorreu desta forma, pois não foi possível a vinda de um natural desta cultura,

uma vez que não conseguimos contatar com um cidadão cabo-verdiano, apesar de uma grande procura. No entanto, ainda foi tentada a vinda de uma mãe de uma aluna da turma que pensávamos ser de Cabo-Verde, mas depois de conversarmos com esta descobrimos que os pais dela é que são de Cabo-Verde e que esta não conhece Cabo-Verde.

No dia da sessão foi apresentado o *PowerPoint* (anexo 7) elaborado e durante a apresentação demonstrei, através da internet, vários locais de Cabo-Verde, assim como danças e músicas típicas deste país. Nesta apresentação foram apresentados vários tópicos sobre a cultura de Cabo-Verde, tais como, a sua localização geográfica, o clima, o património, a religião praticada, as línguas mais faladas, os desportos praticados com maior frequência, o tipo de música ouvida e dançada, a gastronomia e, por último, as festividades.

Atividade final da sessão 4:

No final destas duas atividades foram realizados dois momentos de recolha de dados distintos:

- * **Primeiramente**, os blocos de notas de cada aluno foram distribuídos pelos mesmos, onde tinham de expressar a sua opinião em relação à atividade sobre a Ucrânia, assim como a sua avaliação, ou seja, partiram para a pintura da carinha que mais se adequou à atividade realizada;
- * **No segundo momento**, os alunos continuaram com o seu bloco de notas onde também fizeram a avaliação da atividade, mas desta vez relativamente à atividade sobre Cabo-Verde, e para finalizar, eu, como investigadora e para recolher alguma informação importante para a minha investigação, realizei alguns inquéritos por entrevista a alunos escolhidos especificamente.

Sessão 5: “Descobrir uma nova cultura - os ciganos”

Objetivos principais no ponto de vista do aluno:

- Tomar consciência e refletir sobre os seus eventuais estereótipos e preconceitos em relação ao Outro;

Objetivos principais no ponto de vista do professor:

- Consciencializar para a existência do Outro;
- Dar a conhecer elementos de outra cultura;
- Estimular o respeito pelo Outro e pelas regras sociais e de convivência com o Outro.

Descrição Pormenorizada:

A sessão sobre a etnia cigana realizou-se com a colaboração de uma aluna cigana da Universidade Aveiro. A sua colaboração foi externa à escola, uma vez que não pôde estar presente no dia da sessão por motivos profissionais. Tendo em conta a sua impossibilidade, ajudou-me na realização de uma apresentação em *PowerPoint* (anexo 8) com informações acerca da cultura dos ciganos. No dia da sessão, a impossibilidade da vinda da convidada à sessão foi explicada aos alunos, mas esclareceu-se que esta iria decorrer com uma apresentação efetuada entre mim e a colega de etnia cigana. Antes da apresentação, realizou-se um pequeno diálogo com os alunos para ficar a conhecer as ideias prévias destes sobre este tipo de povo, ficando assim a compreender quais os estereótipos e preconceitos que estes possuíam em relação aos ciganos. De seguida, partimos para a apresentação.

Durante a apresentação foram demonstradas, em vídeo, danças e músicas típicas deste povo.

Após a apresentação concretizou-se, uma vez mais, um diálogo com os alunos para consciencializá-los de que os ciganos, por serem diferentes, não devem ser tratados com tanta discriminação e para que tomassem consciência e refletissem sobre os seus próprios estereótipos e preconceitos sobre os ciganos.

No final da sessão, para a minha recolha de dados, os alunos que ainda não tinham sido entrevistados foram entrevistados por mim para que pudessem recolher a informação que necessitava para a investigação, assim como a avaliação da sessão no bloco de notas de cada um.

Capítulo 4 - Análise dos dados

Introdução

A análise de dados corresponde a um processo de procura e organização constantes de diferentes materiais, como por exemplo, transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, entre outros. Ao longo do estudo, estes dados foram aglomerados com o objetivo de aumentar a compreensão dos mesmos, assim como para nos permitir apresentar aos outros aquilo que descobrimos (Bogdan & Biklen, 1994).

Como afirmam Bogdan & Biklen, “a análise envolve o trabalho com os dados, a sua organização, divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura de padrões, descoberta dos aspetos importantes e do que deve ser aprendido e a decisão sobre o que vai ser transmitido aos outros” (1994, p.205).

Desta forma, os resultados a seguir apresentados, recolhidos no contexto aquando das sessões do projeto e ao longo de toda a prática de ensino supervisionada, derivam de toda a informação recolhida através de inquéritos por entrevista aos inquiridos, blocos de notas pessoais e individuais e também de produtos produzidos pelos alunos, tal como referimos na secção da metodologia e descrição do estudo.

Todos os resultados seguidamente exibidos incidem nas cinco sessões realizadas, nas quais adotámos vários instrumentos de recolha de dados, complementares à realização de diferentes atividades baseadas no contacto direto ou com recurso a apresentações em *PowerPoint*. Para além da análise do material de cada uma das cinco sessões decorridas, vão ser também analisadas as respostas a um inquérito por questionário realizado no momento final do projeto, que iremos confrontar com as de início do projeto, nomeadamente ao nível dos estereótipos e preconceitos dos alunos nos diferentes momentos de reflexão e eventual início de processo de desmistificação acerca de outras culturas por parte dos nossos alunos.

4.1. Sessão nº 1 – “Se eu fosse...”

4.1.1. Análise dos resultados da sessão n.º 1

Principiámos a nossa primeira sessão com a apresentação do projeto ao grupo de crianças através de um diálogo geral, com o intuito de perceber quais as ideias que os alunos possuíam acerca do Outro, mais direcionadas aos grupos culturais que iríamos trabalhar. Obtivemos algumas respostas interessantes, onde estes foram buscar exemplos que ocorreram no seu meio escolar ou social. Em relação aos ciganos, os alunos fizeram afirmações como: “Se fosse cigano roubava”; “ Há ciganos que são ricos”; “É rico por roubar”; “Comprava um cão por causa de ter medo”; Jogava muito à bola para ser com o Ricardo Quaresma”; “Têm muita cera nos ouvidos”; Usava roupa rasgada e velha”; “Tinha um boxer e mandava-o atacar as pessoas que me quisessem fazer mal”. No que diz respeito dos cabo-verdianos obtivemos afirmações como: “São castanhos. São diferentes de nós”; “Não têm dinheiro para comprar coisas”; Semeiam na natureza para comer”; “São muito carinhosos quando nos recebem no seu país”. Relativamente aos ucranianos afirmaram que estes na sua maioria “têm olhos claros e cabelo loiro”. E, por último, no que diz respeito aos brasileiros estes alegam declarações como, “Os adultos não deixam as crianças andarem sem camisola”; “Os brasileiros velhos já passaram à história”.

Estas respostas possibilitaram-nos entender que quando o grupo é confrontado com a temática das culturas, este é capaz de: (i) compreender e fazer uma associação imediata a situações do quotidiano; (ii) utilizar exemplos que se baseiam muitas vezes em casos reais e pessoais e (iii) tentar partilhar pelo menos numa primeira vez, com alguém, os seus sentimentos e conhecimentos.

Através desta conversa inicial foi possível as crianças perceberem que a temática principal deste projeto seria a educação intercultural e a desconstrução de estereótipos. Desta forma, permitiu-nos explicar que o tema se centrava na abordagem de diferentes países, centrando-se este projeto na abordagem a cinco países, os quais foram escolhidos tendo em conta as respostas que nos inspiraram uma maior preocupação no inquérito por preenchido no início das atividades.

Após o debate de ideias e de escutarmos alguns pontos de vista dos investigados, partimos para a explicação de que este projeto iria ter a duração de cinco sessões em semanas diferentes, nas quais iríamos ter a possível visita de uma pessoa oriunda dos países escolhidos ou a realização de uma atividade através de um *PowerPoint*, visualização de vídeos, entre outros. Para compreendermos o processo de foro investigativo, procurámos sempre questionar os alunos ao longo das sessões e envolvê-los constantemente no diálogo com o (a) convidado (a) ou durante as sessões com a investigadora.

Após todo este processo de apresentação do projeto a desenvolver, iniciámos a nossa atividade propriamente dita, com a problemática “Se eu fosse... (chinês/ brasileiro/ ucraniano/cigano/cabo-verdiano) ”, onde dividimos os alunos por estes cinco diferentes grupos culturais.

Optamos por esta via, uma vez que pretendíamos desconstruir os estereótipos que estes apresentavam perante cidadãos destes cinco grupos distintos, para que estas se conseguissem colocar no lugar do Outro e também refletissem sobre as suas próprias atitudes para com os outros.

Desta forma, começamos por analisar os resultados obtidos sobre o grupo dos chineses:

Tabela 6 - Se eu fosse chinês - respostas dos alunos

“Se eu fosse chinês...”	
Alunos (pseudónimo)	Respostas dos alunos
Panga	“Os chineses comem a comida com paus. Têm os olhos pontiagudos. Falam chinês. Não escrevem com “a”, “e”, “i”, “o” ou “u”, eles escrevem as letras com desenhos”.
Arranha-Céus (G)	“Se eu fosse chinês tinha os olhos fechados, falava chinês, comia massa com pauzinhos, a roupa seria chinesa e teria cores como o vermelho e azul”.

Xavier Rocha	“ Se eu fosse chinês teria os olhos em forma de bico. Via desfocado. Comia com pauzinhos”.
---------------------	--

Através das respostas dadas pelos três alunos que ficaram incluídos no grupo dos chineses, pôde-se verificar que estes possuíam ideias muito semelhantes entre si acerca dos chineses, o que nos levou a refletir no estereótipo que estes demonstram ter para com os oriundos da China.

Verificou-se também que ambos apenas se referem às características físicas dos chineses (como, por exemplo, a forma dos olhos ou o vestuário que utilizam), assim como uma referência a alguns comportamentos (como a forma de comerem e até mesmo o modo como estes escrevem).

Estes resultados demonstraram que crianças com esta idade, 9-10 anos, já possuem estereótipos em relação a pessoas chinesas, parecendo este ser fortemente partilhado. Estes conseguiram demonstrar num pequeno desenho a forma como veem os chineses ou a China e aquilo que associam a esta cultura. Como podemos constatar pelos seguintes desenhos produzidos pelos alunos:



Figura 7 - Desenho produzido pela aluna Panga

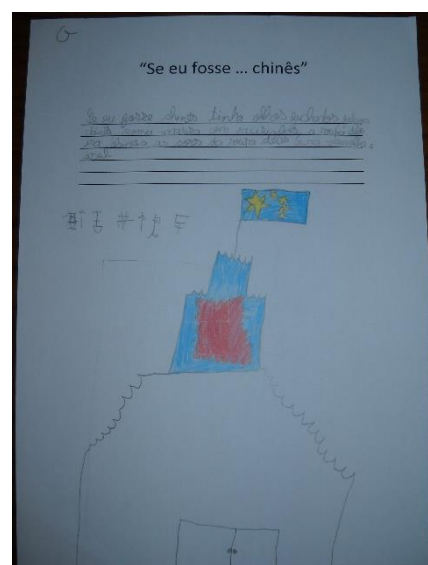


Figura 8 - Desenho produzido pelo aluno Arranha-Céus (G)

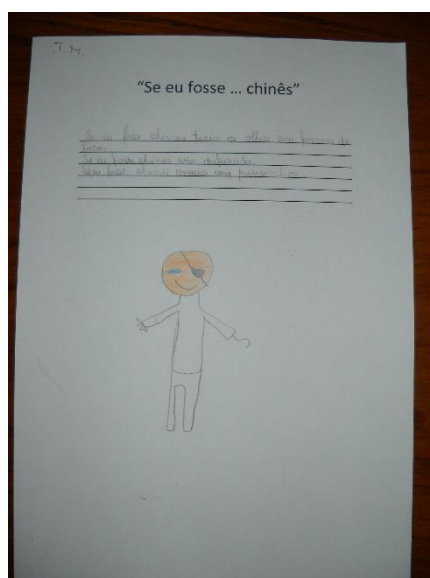


Figura 9 - Desenho produzido pelo aluno Arranha-Céus (G)

De seguida, apresentamos os resultados referentes ao grupo dos brasileiros:

Tabela 7 - Se eu fosse brasileiro - respostas dos alunos

“Se eu fosse brasileiro...”	
Alunos (pseudónimo)	Respostas dos alunos
Frango Churrasco	“Se eu fosse brasileiro ia todos os dias à praia, pescava, nadava, mergulhava e apanhava peixes. Se eu fosse brasileiro andava todos os dias sem camisola, andava num descapotável branco, ia três horas ao ginásio, mais uma hora para correr e era muito musculado”.
Neptuno (T.C)	“Se eu fosse brasileiro adorava ir à escola porque eu tinha olhos bonitos, cabelo giro e corpo. Gostava de jogar futebol. Foram os brasileiros que inventaram o futebol. E é um país muito grande”.
Pseudónimos	“Se eu fosse brasileiro falava português do Brasil, estava sempre a transpirar. A chuva era quente, todos os dias são quentes. No Brasil há muitas praias e a estátua do Cristo Rei.
Homem-de-fogo	“Se eu fosse brasileiro gostava do carnaval. Era castanho e tinha cabelo aos caracóis”.

Ao analisarmos os dados recolhidos, verificamos que os alunos referem sobretudo características físicas dos brasileiros (como serem giros, terem cabelo giro e aos caracóis, a pele ser castanha, ter olhos bonitos e ser musculado). Averiguou-se uma menção associada à cultura do corpo quando há uma alusão às idas ao ginásio todos os dias e, mais uma vez, o facto de os brasileiros possuírem um corpo mais musculado.

Apurou-se, pelos dados, que os alunos despertam algum conhecimento ao nível das vivências culturais do Brasil, como é o caso do carnaval e do futebol, assim como a referência, por parte da aluna *Pseudónimos*, ao monumento mais representativo do Brasil, como o Cristo Rei.

Os alunos *Frango Churrasco* e *Pseudónimos* mostraram também algumas ideias pré-concebidas no que diz respeito às paisagens e vivências, quando nomearam a praia, os atos de nadar, pescar e mergulhar, a chuva ser quente e, por último, todos os dias serem quentes. Ressalva-se assim a ideia errónea, para os alunos, de que em todo o Brasil existe praia e que está sempre bom tempo.

Estas informações apresentam-nos alguns estereótipos já existentes nos nossos alunos que acabam por formar a sua ideia em relação aos brasileiros.

Posteriormente, avançamos com os resultados obtidos pelo grupo dos ucranianos:

Tabela 8 - Se eu fosse ucraniano - respostas dos alunos

"Se eu fosse ucraniano..."	
Alunos (pseudónimo)	Respostas dos alunos
Arranha-Céus (A)	"Se eu fosse ucraniana gostava de conhecer pessoas, de brincar com elas em sua casa, de dormir em casa delas. Era muito querida com os ucranianos e era muito boa a tudo".
Andorinha	"Se eu fosse ucraniana ia todas as vezes que eu pudesse ao meu país. Fazia amigos em todas as escolas e não me importava com a nacionalidade porque o que importa é ter amigos".
Neptuno (R)	"Era loiro e modelo. Tinha um bulldog e um Porsche. Era nerd. Comia panquecas. Tinha uma namorada que era modelo e jogava futebol".
Papagaio	"Se eu fosse ucraniano vivia perto da Rússia. Comia muitas coisas, era giro, falava muito baixo, tinha um bulldog bem-educado, fazia surf e aparecia na televisão".

Certificou-se pela análise dos dados que estes alunos, comparativamente com os anteriores, apresentaram ideias mais dispersas com uma menor consonância entre as suas opiniões relativamente a um grupo,

Constatou-se uma referência às características mais ao nível afetivo quando, principalmente, as alunas *Andorinha* e *Arranha-Céus (A)* fizeram referência à criação de laços de amizade com outras pessoas, a importância de as conhecermos, mostrarmos atitudes de carinho para com elas e irmos a sua casa. Pode-se associar estas características, eventualmente, à relação com uma colega de turma que é descendente da Ucrânia.

Pela análise dos dados afereu-se também uma alusão às características físicas (como o caso de se ser loiro, modelo e giro).

Também existiu uma referência às características de personalidade das pessoas ucranianas pelo facto de estes alunos acharem que estas falam baixo, são bastante sociáveis e *nerds*.

Pela análise dos dados recolhidos dos alunos *Neptuno* e *Papagaio* verificou-se algumas ligações dos ucranianos aos seus hábitos alimentares (por exemplo, "comiam panquecas" e "muitas coisas"), assim como aos seus hábitos mais ao nível do desporto (como o caso do futebol e surf).

É de ressaltar, pela análise, que os mesmos alunos referidos anteriormente, estabeleceram também uma conexão entre os ucranianos e algumas extravagâncias, como é o caso dos cães de raça bulldog e carros como o Porsche, levando-nos a entender que estes consideram que os ucranianos apresentam bastantes posses financeiras, uma vez que são bens que necessitam de um nível monetário elevado.

Por último, ainda se constatou pelo aluno *Papagaio* uma referência geográfica da Ucrânia no mapa quando esse mencionou que se fosse ucraniano "...vivia perto da Rússia", levando-nos à ideia de que este apresenta alguma confusão relativamente à localização geográfica da Ucrânia e da Rússia no mapa-mundo.

Pudemos então averiguar pela análise dos resultados, que estes alunos, relativamente aos ucranianos, apresentaram uma ideia muito vaga sobre os cidadãos

desta cultura, mas demonstraram alguma componente afetiva, eventualmente por terem uma relação de amizade com a aluna ucraniana da turma.

Seguidamente, partimos para a análise dos dados acerca dos ciganos:

Tabela 9- Se eu fosse cigano - respostas dos alunos

“Se eu fosse cigano...”	
Alunos (pseudónimo)	Respostas dos alunos
Trovão	“Se eu fosse cigano emigrava para Portugal. Vinha trabalhar para as obras e depois ia jogar para o Futebol Clube do Porto e era guarda-redes”.
Martim Pires	“Se eu fosse cigana era muito boa pessoa, tinha muitos amigos. Tinha uma casa muito grande e uma irmã mais velha”.
Arranha-Céus (M)	“Se eu fosse cigano perseguia as pessoas que falavam mal de mim. Tinha um pitbull para me defender. Comia batatas fritas, arroz e pizza todos os dias e ao pequeno-almoço comia pão com fiambre”.

Pela análise dos dados denotaram-se algumas ideias controversas, principalmente entre as alunas *Martim Pires* e *Arranha-Céus (M)*, uma vez que a aluna *Martim Pires* tinha uma ideia relativa às características morais dos ciganos mais associadas a pessoas boas e com muitos amigos, enquanto a aluna *Arranha-Céus (M)* fez uma ligação dos ciganos aos seus traços de personalidade mais associados à violência (como a perseguição de pessoas e a posse de animais violentos para sua defesa, como se verifica pela figura 10). Estes dados demonstraram duas ideias completamente diferentes, levando-nos a supor que ambas as alunas têm ou já tiveram convivências distintas com pessoas de etnia cigana, o que talvez tenha influenciado na sua opinião em relação a uma pessoa descendente deste grupo étnico. Pôde ainda estar na origem destas ideias pré-concebidas alguns outros fatores, como episódios da vida quotidiana a que tenham assistido, informações transmitidas por outras pessoas ou até mesmo conhecimentos que tenham obtido

através dos motores de busca da internet ou pelas redes sociais, sendo algo que está muito na moda.

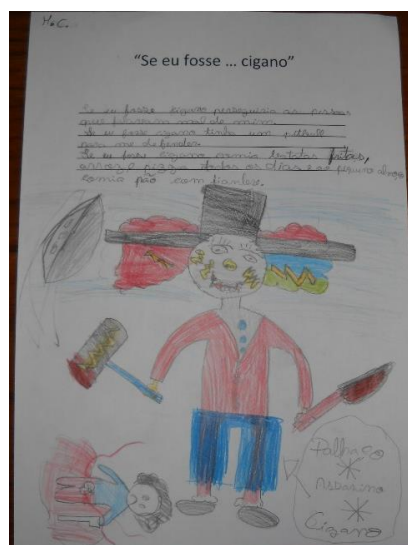


Figura 10 - Desenho produzido pela aluna Arranha-Céus (M)

Seguindo com a análise, verificou-se por parte do aluno *Trovão*, a associação da etnia cigana a informações mais ao nível da emigração e do desporto. Esta grande conexão entre a etnia cigana e o futebol pode estar relacionada com a referência a uma figura pública muito conhecida no mundo do futebol, como é o caso do antigo jogador do Futebol Clube do Porto, Ricardo Quaresma (figura 11). Uma vez que este jogador de futebol é descendente de uma família pertencente à etnia cigana, fato conhecido do grande público, assim como o seu grande esforço e dedicação no mundo do futebol se tratar de um fator que cativa a atenção de crianças desta faixa etária. Esta ideia do aluno *Trovão* levou-nos a crer que este possuía uma boa imagem em relação aos ciganos e que não apresenta, eventualmente, um estereótipo em relação a pessoas de etnia cigana.

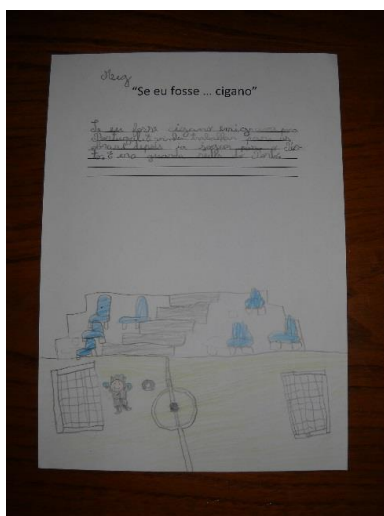


Figura 11 - Desenho produzido pelo aluno Trovão

Destacou-se ainda uma referência por parte da aluna *Arranha-Céus (M)* aos hábitos alimentares dos ciganos ao mencionar “Comia batatas fritas, arroz e pizza todos os dias e ao pequeno-almoço comia pão com fiambre”. Esta informação demonstra, uma vez mais, a sua possível convivência com algum cidadão cigano, pois esta manifesta algum desconhecimento relativamente àquilo que os ciganos, habitualmente, comem, já que parecem tratar-se de alimentos que será difícil qualquer família comer diariamente (por exemplo a pizza).

Por último e não menos importante, a aluna *Martim Pires* ainda fez uma referência à família mais ao nível dos graus de parentesco, associando a possibilidade de ter uma irmã mais velha, o que nos levou a confirmar a ideia de que muitas pessoas possuem em relação ao fato de os ciganos terem muitos irmãos (figura 12).

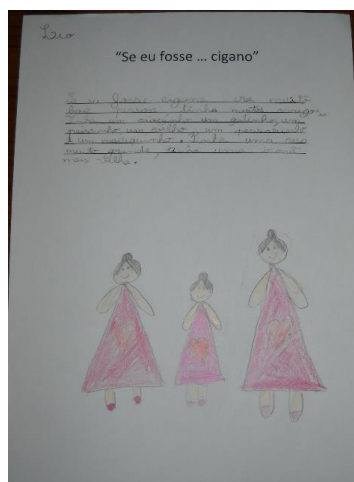


Figura 12 - Desenho produzido pela aluna Martim Pires

No final da análise destes dados pudemos apurar um grande estereótipo, pelo menos por parte de uma das alunas, para com os ciganos, uma vez que na sua opinião os ciganos são pessoas bastante violentas, o que nos levou a questionar acerca da origem de tal estereótipo: será que já tenha estado envolvida em algum episódio de violência com um cigano ou que ouviu algum relato dentro ou fora da escola sobre este grupo?.

Finalmente, terminámos a análise da nossa primeira atividade com os dados recolhidos referentes ao grupo dos cabo-verdianos (tabela 10):

Tabela 10 - Se eu fosse cabo-verdiano - respostas dos alunos

"Se eu fosse cabo-verdiano..."	
Alunos (pseudónimo)	Respostas dos alunos
Pónei	"Se eu fosse de Cabo-Verde era castanha e tinha os olhos pretos. Os cabelos eram pretos e comia na sobremesa gelado de caramelo".
Futebol 11	"Se eu fosse cabo-verdiano vivia num país maior que Portugal, conhecia o Gelson Martins. Alguns são brancos e outros pretos. Eu era muito bom a desporto".

Ao analisarmos os dados apurámos algumas ideias que eram muito semelhantes entre os dois alunos, mais relacionadas com as características físicas (como o caso da cor de pele castanha, olhos pretos, cabelos pretos e alguns serem brancos e outros pretos).

A aluna *Pónei* fez ainda uma referência a hábitos alimentares dos cabo-verdianos quando referiu que se fosse cabo-verdiana “...comia na sobremesa gelado de caramelo”. Pôde-se associar esta sua ideia a alguma convivência que já possa ter tido com algum descendente desta cultura ou algo que tenha ouvido falar ou lido em algum lugar.

Por fim, o aluno *Futebol 11* fez uma associação geográfica, referindo que Cabo-Verde é um país maior do que Portugal, onde demonstrou a ideia que tem sobre a área que este ocupa ao nível geográfico e, para além disso, realizou também uma associação deste país ao mundo do futebol referindo até o nome de um jogador de futebol, Gelson Martins.

Pudemos então verificar que os alunos apresentam alguns estereótipos mais em relação ao aspeto físico dos cabo-verdianos.

4.1.2. Balanço geral da sessão n.º 1

Estando a primeira sessão mais associada à desconstrução dos estereótipos e preconceitos dos nossos alunos em relação aos diferentes grupos étnicos a trabalhar ao longo do projeto, no final da análise dos resultados obtidos podemos então verificar que, em grande parte dos casos existiu uma partilha de ideias muito semelhantes entre os diferentes elementos que compuseram os distintos grupos, de onde podemos ressaltar, por exemplo, as características físicas e traços da personalidade dos descendentes dos diferentes grupos culturais mencionados.

Constatou-se também que os elementos culturais que mais marcaram esta sessão e se tornaram, no ponto de vista dos alunos, nos pontos mais importantes foram os mais ligados às características físicas/morais/sociais, à geografia e sobretudo ao futebol. Desta forma, permitiu-nos averiguar a existência de algum conhecimento dos nossos alunos em relação a pessoas oriundas destes países e, ao mesmo tempo, possibilitou-nos fazer um diagnóstico em relação a alguns estereótipos destes para com o Outro. Dos estereótipos descobertos podemos mencionar, mais afincadamente, o aspeto físico do cidadão dos

grupos culturais trabalhados, a forma de se vestir, a forma como este interage com as outras pessoas, hábitos alimentares e até mesmo elementos relacionados com as paisagens e vivências nestes países.

Desta forma, pode-se apurar que o eventual contato destes alunos com cidadãos dos grupos culturais trabalhados pode ter influenciado na sua atitude em relação a estes, construindo assim as suas ideias pré-concebidas, quer pela positiva como pela negativa.

No entanto, podemos constatar pelos dados recolhidos que ainda existem pontos que são um pouco desconhecidos pelos nossos alunos, como é o caso do desconhecimento ao nível da geografia e dos hábitos alimentares, formando uma estereotipia por generalização. Não podemos deixar de mencionar também a ideia tão negativa que existe em relação ao grupo dos ciganos, tendo sido bastante evidente nos dados recolhidos em relação a este grupo cultural, no que diz respeito, essencialmente, a atos de violência.

4.2. Sessão Nº 2 – “Uma visita à China...”

4.2.1. Análise dos resultados da sessão n.º 2

A nossa segunda atividade consistiu na visita de uma pessoa oriunda da China, que falou com os alunos acerca do seu país e onde estes tiveram a oportunidade de dialogar livremente com a convidada e expor todas as suas dúvidas.

Na tabela abaixo, encontramos os dados recolhidos no final da sessão, onde os alunos tiveram de preencher um mini questionário presente nos blocos de notas individuais de cada um, de onde se obtiveram os seguintes dados:

Tabela 11 - Respostas dos alunos acerca da sessão da cultura da China

Aluno	Opinião antes da sessão	Alteração de opinião após a sessão	O que aprendeu de novo
Arranha-Céus (M)	“Pensava que os chineses comiam com pauzinhos”	“Eu mudei a minha opinião porque pensava que a China	“Eu aprendi muito sobre a China e falar chinês”

		era pobre”	
Neptuno (R)	“Tinha curiosidade em saber mais sobre a China”	“Passei a ter mais interesse”	“Eu aprendi que eles comiam algas secas”
Panga	“A minha opinião sobre a China é que a China não era grande”	“A minha opinião mudou porque eu pensava que a China era pequena e afinal é grande”	“A muralha da China”
Xavier Rocha	“Não tenho nenhuma opinião sobre esta cultura”	“Não mudou”	“Um apartamento de 30 andares. Casas de gelo de lanternas”
Arranha-Céus (G)	“Não era assim como eu pensava”	“Mudou porque surpreendeu-me”	“Aprendi a grande muralha da China”
Papagaio	“Pensava que era menos interessante”	“Mudou porque aprendi mais”	“Aprendi muito”
Tutu	-----	“A minha opinião agora mudou porque conheci a China”	“O que aprendi de novo foi que o Norte da China é muito frio no inverno e muito calor no verão”
Frango Churrasco	“Eu não tinha nenhuma opinião”	“Não mudou”	“Eu aprendi que a China era muito gelada, não comemoravam o carnaval, a páscoa e o natal”
Andorinha	“Pensava que a	“Sim mudou, porque	“Aprendi que a

	China era muito fria”	eu não sabia que há prédios feitos de gelo, dragões feitos de gelo”	China é muito gira e a muralha da China tem 20 000 km”
Pseudónimos	“Não tinha opinião”	“Sim, porque eu pensava que a China não era muito fria”	“Que ela gostava mais da China do que Portugal”
Trovão	“A minha opinião não era igual”	“A minha opinião mudou porque eu pensava que era bom para esquiar mas chega aos -30º C”	“O que eu aprendi foi que a China é um gelo”
Wildman	“Nenhuma”	“Não mudou”	“O que eu aprendi de novo foi que no inverno neva muito”
Arranha-Céus (A)	“Eu não gosto da China porque eles têm olhos em bico”	“A minha opinião é a mesma porque eu não gosto da China”	“Nada”
Futebol 11	“Pensava que a China era muito pequena”	“Sim porque pensava que a muralha da China era pequena”	“Aprendi que era difícil falar chinês”
Pónei	“Não tinha opinião”	“Sim porque a Lee disse muitas coisas sobre a China”	“Aprendi de novo que na China há muita neve”
Neptuno (T.C)	“A minha opinião não era nada igual”	“A minha opinião mudou porque não sabia que tinha muitas pessoas e o espaço era mais pequeno”	“Eu aprendi que na China faz muito frio”

Martim Pires	“A minha opinião sobre esta cultura antes da sessão era que a China é bonita”	“A minha opinião é a mesma”	“O que eu aprendi de novo foi que o norte da China é frio no inverno e calor no verão”
Homem-de-fogo	“A minha opinião sobre esta cultura antes da sessão era que a China era linda”	“Não mudou”	“Aprendi de novo que a China é muito linda”

Relativamente à opinião que os alunos tinham acerca da China antes da sessão, pudemos constatar que há uma grande variedade de respostas, mas que acabam por serem comuns entre alguns alunos. Podemos, então, ressaltar o facto de mencionarem que os chineses comem com pauzinhos, que têm os olhos em bico (como já aparecera anteriormente), ou até mesmo que a sua opinião não era nada igual àquela que têm neste momento, existindo ainda alguns alunos que referiram que não tinham qualquer opinião em relação aos chineses. Desta forma, aperceber-nos que os alunos associaram diretamente os chineses a pessoas que comem com pauzinhos e que têm os olhos em bico, o que nos demonstra desde já dois estereótipos que estão presentes nos nossos alunos (olhos em bico e comem com pauzinhos).

Já no que diz respeito à questão sobre a mudança de opinião após a sessão, existiu, uma vez mais, uma diversidade de respostas, mas que são semelhantes entre alguns alunos. Alguns alunos referiram que a sua opinião mudou, enquanto outros disseram que não mudaram a sua opinião como menciona, por exemplo, a aluna *Arranha-Céus (A)*: “A minha opinião é a mesma porque eu não gosto da China”. No entanto, concluímos que a maioria dos alunos conseguiu alterar a sua opinião acerca dos chineses, o que se torna em algo bastante positivo, visto que a nossa intenção seria modificar a opinião que tinham em relação aos chineses, mas sempre pela positiva, ou pelo menos, transformando-a numa posição neutral.

Na última questão baseada nas novas aprendizagens que adquiriram verificámos que as respostas mais mencionadas são as relacionadas com a muralha da China, as diferenças climáticas que existem entre o norte e o sul deste país e até mesmo alguns elementos culturais deste país (como as casas de gelo com lanternas e apartamentos muito altos).

4.2.2. Balanço geral da sessão n.º 2

Nesta sessão foi trabalhada a desconstrução de alguns estereótipos anteriormente diagnosticados, como por exemplo, o fato de estes associarem os chineses a pessoas com os olhos em bico e com a tradição de comerem com pauzinhos.

Ao longo da atividade foi possível verificar que o contato direto com uma descendente da China demonstrou ser um ponto fulcral para a grande dinâmica que se gerou e também para conseguirmos de certa forma desconstruir os estereótipos e preconceitos que os alunos apresentavam relativamente a pessoas chinesas, fazendo também com que eles próprios pudessem refletir sobre as suas próprias conceções e, possivelmente, mudarem a sua opinião, diminuindo os seus estereótipos.

As crianças foram capazes de se expressarem adequadamente perante uma pessoa oriunda da China, com bastante alegria e à vontade, sem quaisquer faltas de respeito para com a nossa convidada e até se mostraram bastante recetivos e radiantes com a sua vinda à nossa escola.

Nesta sessão fiquei bastante surpreendida com o comportamento adequado do grupo, pois como era uma turma bastante barulhenta e que apresentava alguma desconfiança em relação a pessoas chinesas tive receio que a sessão não corresse da melhor forma, no entanto acabei por ser surpreendida e permitiu-me perceber que o comportamento dos alunos após a sessão em relação aos chineses sofreu algumas alterações positivas.

4.3. Sessão Nº 3 – “Novas descobertas sobre o Brasil”

4.3.1. Análise dos resultados da sessão n.º 3

A nossa terceira atividade realizada foi dedicada ao Brasil, onde recebemos a visita de uma convidada muito especial oriunda do Brasil que veio falar com os nossos alunos acerca do seu país (costumes e tradições, gastronomia, festividades, música, ...), com o objetivo de sensibilizar os nossos alunos para uma realidade diferente da sua e, ao mesmo tempo, tentar desconstruir os estereótipos e/ou preconceitos que os investigados possuíam relativamente a pessoas brasileiras.

Durante o diálogo com a convidada, todos os alunos tiveram a oportunidade de realizar as questões que mais os inquietavam relativamente ao Brasil, permitindo-lhes assim alguma abertura para um diálogo mais livre e dinâmico, assim como fazer com que eles próprios pudessem refletir sobre os seus próprios estereótipos e pensamentos acerca dos brasileiros.

No final da atividade foram concretizados quatro pequenos inquéritos por entrevista a quatro alunos que foram escolhidos tendo em conta as suas reações durante a primeira sessão realizada, assim como as respostas que efetuaram na atividade inicial do projeto e também as suas reações durante a realização desta atividade.

Assim sendo, partimos então para a transcrição das nossas entrevistas e a sua devida análise:

Tabela 12 - Opinião dos alunos sobre o Brasil antes da realização da sessão

Qual era a tua opinião sobre o Brasil antes de conheceres a nossa convidada?	
Alunos (pseudónimos)	Respostas dos alunos
Papagaio	- Acho que era igual. Não sabia algumas coisas, mas acho que era igual.
Martim Pires	- Pensava que não existia neve.
Trovão	- Que era um país grande, que tinha muitas florestas e praias e

	não sabia que havia zonas onde nevava.
Futebol11	- Pensava que não tinha muitas praias e que não havia frio lá. Pensava que só existiam três desportos: basquetebol, futebol e voleibol.

Pela análise dos dados constatámos que os alunos descobriram que não há só sol e praia no Brasil, mas que agora já percebem que há neve e que faz frio em algumas zonas (como é referido por três dos alunos), pelo que a sessão ajudou-os a desenvolver os seus conhecimentos sobre o país, nomeadamente em termos geográficos e climáticos.

Também é de ressaltar, uma vez mais, uma conexão deste país à prática de desporto como mencionou o aluno *Futebol 11*: “Pensava que só existiam três desportos: basquetebol, futebol e voleibol”.

Tabela 13- Novas aprendizagens sobre o Brasil

O que é que aprendeste de novo?	
Alunos (pseudónimos)	Respostas dos alunos
Papagaio	- Como era o Brasil, a população, onde é que ela vivia, comiam várias coisas quase igual aqui, as músicas eram diferentes das daqui. O clima mais perto da risca do equador era mais quente e mais a sul era mais frio.
Martim Pires	- Aprendi que existia neve, que haviam sítios com muito sol, que eram sítios muito quentes, que o Brasil era muito grande. Sobre a alimentação aprendi que eles comem uma comida um bocado estranha comparada com a nossa porque é muito diferente. A música é diferente da nossa, mas também parece muito bonita.
Trovão	- Que nevava no Brasil, que haviam vários parques e igrejas feitas pelos portugueses, a comida não é igual à nossa, eles vendiam nas

	praias, as comidas que comiam nas festas são diferentes
Futebol 11	- Aprendi as cidades, a comida não é igual, vendiam nas praias, nas festas juninas comiam milho, que o Brasil é muito grande e que no Brasil mais para sul é mais frio. Fiquei a saber que existiam outros desportos no Brasil como o ténis, paraquedismo, bowling, andebol, muitos desportos. Fazem uma brincadeira que se chama “pau de sebo”, onde existia um pau de madeira onde no fim tinha um prémio e quem conseguisse subir até lá cima ganhava o prémio.

Pudemos averiguar que existiu uma informação semelhante entre todos os alunos quando mencionaram, nos seus inquéritos por entrevista, as alterações climáticas que se sentem no Brasil (como por exemplo: mais perto da “risca do equador” ser mais quente e mais a sul mais frio; a existência de neve; muito sol; e sítios muito quentes).

Para além da referência ao clima, três dos alunos aludiram à alimentação que é praticada pelos brasileiros, no entanto as opiniões foram muito variadas. O aluno *Papagaio* mencionou que “...comiam várias coisas quase igual a aqui”, a aluna *Martim Pires* referiu que “...eles comem uma comida um bocado estranha comparada com a nossa porque é muito diferente” e o aluno *Trovão* expôs a ideia de que “...a comida não é igual à nossa...”.

Os alunos *Papagaio* e *Martim Pires* fizeram uma referência à música típica do Brasil onde realçaram o fato de esta ser diferente da nossa, o que nos permitiu perceber que os alunos têm a capacidade de comparar a nossa música com a dos brasileiros e verificarem que esta é diferente.

Curiosamente, o aluno *Trovão* fez uma referência muito interessante aos parques e igrejas que existem no Brasil que foram construídos pelos portugueses, o que demonstrou bastante atenção do aluno a fatos históricos associados ao povo português.

Foi nomeado pelos alunos *Trovão* e *Futebol 11* um dos hábitos dos brasileiros, como é o caso de venderem nas praias, assim como uma festa típica do Brasil, as festas

juninas, nomeada pelo aluno *Futebol 11*, de onde pudemos destacar que o aluno Trovão também fez uma referência a estas festas quando aludiu à alimentação que é praticada nestas “...as comidas que comem nas festas são diferentes”, demonstrando assim uma capacidade de comparação dos hábitos alimentares por nós praticados e com os deles.

Por último foi evidenciado pelo aluno *Futebol 11* a prática de diferentes desportos neste país e também uma brincadeira característica dos brasileiros “pau de sebo”.

Tabela 14 - Desejo dos alunos em ir ao Brasil e suas justificações

Gostarias de ir ao Brasil? E porquê?	
Alunos (pseudónimos)	Respostas dos alunos
Papagaio	- Sim, porque parece uma cidade gira, a gastronomia parece deliciosa e as músicas são giras.
Martim Pires	- Sim, porque é um país muito quentinho e também porque tem várias coisas giras para experimentar.
Trovão	- Sim, porque é um sítio bom para viver porque há muito calor. Só não gosto de uma coisa que é não poder fazer esqui lá.
Futebol 11	- Sim, para ver as praias, para conhecer melhor e para ir ter com a minha prima.

Pudemos constatar que após a sessão e ao realizarmos este inquérito por questionário que a visita da nossa convidada à nossa escola despertou a atenção e curiosidade dos nossos alunos para conhecerem o Brasil e quererem saber mais acerca deste país, algo que pudemos verificar pelas respostas dos nossos alunos.

Existiu também uma ligação a familiares emigrados no Brasil, por parte de um dos alunos entrevistados, *Futebol 11*, que mostrou a vontade de ir ao Brasil para poder visitar uma prima que vive no Brasil.

Tabela 15 - Interesse em receber na sua escola um menino brasileiro e justificações

Gostarias de receber um menino brasileiro na tua escola? Porquê?	
Alunos (pseudónimos)	Respostas dos alunos
Papagaio	- Sim, porque gostava de conhecer a forma como eles escrevem.
Martim Pires	- Sim, porque gostava de brincar com ele e aprender mais como eles são.
Trovão	- Sim, porque assim podia-me contar coisas sobre o Brasil.
Futebol11	- Sim, porque gosto muito da língua dos brasileiros e gosto muito de brasileiros.

Apurámos que todos os alunos teriam interesse em receber na sua escola um aluno de nacionalidade brasileira dando justificações muito variadas. Um fez mais referência à curiosidade pela escrita utilizada pelos brasileiros, uma vez que associam muito a língua destes cidadãos como sendo o brasileiro, pensando de imediato que estes escrevem de forma diferente da nossa, no entanto estas ideias pré-concebidas só demonstraram o desconhecimento do fato de que a língua oficial do Brasil é o português, mas, no entanto, estes utilizam algumas palavras diferentes das nossas, que escrevem em tempos verbais diferentes dos nossos e a sua pronúncia é diferentes. Para além disso, dois dos alunos demonstraram interesse em saber mais acerca do Brasil e, finalmente, o último aluno justificou a sua resposta dizendo que gosta muito da língua e também porque gosta muito de cidadãos brasileiros.

Pudemos, então, constatar que os nossos alunos despertaram em si curiosidades e vontades muito diferentes para receberem crianças com uma nacionalidade distinta da sua, o que me pareceu bastante positivo, visto que o objetivo do nosso projeto é proporcionar a consciencialização dos nossos alunos para a existência do Outro e promover estes contatos diretos por forma a formá-los como cidadãos e a saberem respeitar as diferenças do Outro e aceitá-lo na sociedade como aceitam um cidadão igual a si.

Tabela 16 - Interesse em receber um menino brasileiro na turma e justificações

E na tua turma? Gostavas de receber um amigo brasileiro? Porquê?	
Alunos (pseudónimos)	Respostas dos alunos
Papagaio	- Sim, porque gostava de saber mais sobre o Brasil.
Martim Pires	- Sim, porque queria saber mais coisas.
Trovão	- Na escola sim, mas na turma não porque não quero ter mais meninos novos.
Futebol 11	- Sim. Na escola e na turma.

Desta vez, no que diz respeito à receção de uma criança brasileira na escola, mas desta vez inserida na própria turma dos alunos, as respostas já sofreram algumas alterações.

Os alunos *Papagaio*, *Martim Pires* e *Futebol 11* mostraram interesse em receberem um aluno brasileiro na sua turma, referindo que gostariam que tal acontecesse porque queriam saber mais sobre este país. No entanto, um dos alunos não mostrou a mesma vontade de o receber, uma vez que considerou ser uma desnecessidade a receção de mais meninos novos na turma.

4.3.2. Balanço geral da sessão n.º 3

No final da análise dos dados desta terceira sessão, apurámos algum desconhecimento por parte dos nossos alunos em relação ao Brasil, uma vez que nas suas respostas à primeira pergunta verificámos que associavam muito o Brasil a um país muito quente, mas que apesar disso era um país muito parecido com o nosso.

Após a sessão e depois de conhecerem um pouco melhor alguns aspetos deste país, verificámos que os alunos obtiveram mais conhecimentos e que esses os marcaram muito, uma vez que durante a entrevista foi fácil perceber que conseguiram confrontar as suas ideias iniciais com as novas informações que receberam durante a sessão. Desta

forma, penso que foi uma sessão muito importante para os alunos, pois, possivelmente, muitos dos estereótipos que tinham para com os oriundos do Brasil foram diminuídos.

Podemos também afirmar esta diferença no comportamento dos nossos alunos em relação ao Brasil, uma vez que na terceira questão estes mostraram total interesse em conhecer o país, talvez devido à curiosidade que foi despertada durante a sessão.

Quanto à questão da vinda de um aluno brasileiro para a escola, os alunos gostaram da ideia de o receber, no entanto, no que diz respeito à turma, apenas um deles refere que não precisava de mais meninos novos na turma. Este interesse em receber um aluno brasileiro por parte de todos os alunos entrevistados mostrou uma vez mais a vontade que estes têm em conhecerem mais ao pormenor os países diferentes do seu, assim como os próprios descendentes destes países.

4.4. Sessão Nº 4 – “Conhecer a Ucrânia” e “Pesquisar sobre Cabo-Verde”

4.4.1. Análise dos resultados da sessão n.º 4 – 1ª parte

A sessão destinada à abordagem da Ucrânia foi iniciada com a colaboração de uma das alunas da turma, onde esta expôs informações acerca do seu país e respondeu a questões realizadas pelos colegas de turma, sendo, no final, apoiada com uma apresentação em *PowerPoint* idealizada por mim por forma a mostrar mais pormenorizadamente a cultura deste país aos alunos.

Na tabela abaixo, encontramos os dados recolhidos no final da sessão, onde os alunos tiveram de preencher um mini questionário presente nos blocos de notas individuais de cada um, de onde se obtiveram os seguintes dados:

Tabela 17 - Respostas dos alunos acerca da sessão da cultura da Ucrânia

Aluno	Opinião antes da sessão	O que mais gostei de saber sobre a cultura e o país	Gostarias de receber um(a) aluno(a) desta cultura na tua escola? Porquê?

Arranha-Céus (M)	“Nada”	“O país era giro”	“Gostava porque gosto das pessoas ucranianas”
Neptuno (R)	“Eu pensava que era tudo rico”	“Gostei da comida”	“Sim porque gostaria de ser seu amigo”
Panga	“Eu pensava que a primavera era dois meses”	“Que a língua é diferente”	“Sim porque a Ucrânia é fixe”
Xavier Rocha	“Nada”	“Foi a gastronomia”	“Não”
Arranha-Céus (G)	“Pensava que tinha muito mais coisas diferentes”	“Gostei de tudo”	“Sim porque ele podia-me falar um pouco da Ucrânia”
Papagaio	“Pensava que era menos interessante”	“Gostei de tudo”	“Sim gostava porque aprendia mais”
Tutu	“Nenhuma opinião”	“Os jogos”	“Sim porque queria aprender a sua língua”
Frango Churrasco	“Pensava que era tudo igual ao nosso país”	“Gostei mais de saber as comidas típicas”	“Gostava de receber um(a) aluno(a) nesta escola porque podia saber mais coisas sobre o seu país”
Andorinha	“Pensava que à noite dava luz”	“Gostei de tudo”	“Sim para fazer mais amigos”
Pseudónimos	“Pensava que era igual”	“O que mais gostei foi da gastronomia”	“Sim porque era para perguntar

			coisas”
Trovão	“Que a comida era igual à nossa”	“Que praticam desportos que eu gosto”	“Não porque já há meninos a mais”
Wildman	“Não tinha opinião”	“Gostei de tudo”	“Não”
Arranha-Céus (A)	“Nada”	“Nada”	“Sim”
Futebol 11	“Que era muito grande e tinha poucas pessoas”	“Os jogos das escolas”	“Sim, porque é fixe ter alunos novos”
Pónei	“Pensava que no meu país havia praias”	“Gostei e queria saber mais”	“Eu gostaria de receber porque podia perguntar perguntas”
Neptuno (T.C)	“Eu não pensava nada igual”	“Eu pensava que este país não era assim por isso gostei de tudo”	“Eu gostava porque podia perguntar coisas do seu país”
Martim Pires	“Que era linda”	“De tudo”	“Não”
Homem-de-fogo	“Nada”	“A gastronomia”	“Sim porque gostaria de conhecê-lo”

Na primeira questão existiu uma variedade de respostas entre os alunos, onde alguns demonstraram algum desconhecimento acerca da Ucrânia, podendo constatar pela sua opinião desconhecadora deste país, onde mencionaram que não tinham qualquer opinião sobre tal país. Por outro lado, outros consideravam a Ucrânia como um país com as mesmas características que Portugal. Pudemos também ressaltar outros dois alunos: o aluno *Futebol 11* que pensava que a Ucrânia era muito grande e que tinha

poucas pessoas e ainda o aluno *Neptuno (R)*, que considerava que todas as pessoas que vivem na Ucrânia eram ricas.

Em relação à segunda questão correspondente àquilo que mais gostaram de saber sobre este país e a sua cultura, verificámos que existiu muita semelhança entre alguns alunos quando responderam que o que mais gostaram de conhecer deste país foi a gastronomia típica, outros mencionaram os desportos/jogos tradicionais que estes praticam, mas ainda houve outros alunos que gostaram de conhecer a cultura da Ucrânia na sua globalidade. Isto demonstrou que os alunos exibiram bastante interesse em conhecer este país, tendo ficado, no caso de alguns, maravilhados com algumas características em específico (gastronomia e desportos/jogos tradicionais).

Já no que diz respeito à última coluna da tabela, os alunos foram confrontados com a derradeira questão “Gostarias de receber um(a) aluno(a) desta cultura na tua escola? Porquê?”, a partir desta constatámos que as respostas dos alunos foram variadas entre a positiva e a negativa. No entanto, grande parte dos alunos responderam afirmativamente à questão justificando a resposta com o seu interesse em querer saber mais acerca deste país. Também houve quem respondesse negativamente, não apresentando qualquer justificação ou, por outro lado, dizendo que a escola já tem muitos meninos. Com estas respostas comprovámos que, apesar de terem apresentado interesse em conhecer mais sobre a Ucrânia e terem gostado de conhecer este país, a vinda de uma criança deste país ainda pode ser um incómodo para alguns destes alunos ou até mesmo a falta de preparação para os receber, tendo em conta as suas justificações.

4.4.2. Análise dos resultados da sessão n.º 4 – 2ª parte

Terminada a primeira parte da sessão dirigida à Ucrânia partiu-se, de seguida, para a sessão sobre Cabo-Verde, onde foi utilizado um novo *PowerPoint*, novamente idealizado por mim, acerca da cultura deste país.

Consequentemente, para a recolha de dados foram utilizadas as respostas obtidas a partir de pequenos inquéritos por entrevista a quatro alunos escolhidos, tendo em conta uma vez mais as suas atitudes ao longo das sessões em relação a estes grupos

étnicos, bem como as respostas que deram em atividades anteriores. Da análise realizada ressaltam-se os seguintes resultados:

Tabela 18 - Opinião dos alunos sobre Cabo-Verde antes da realização da sessão

Qual era a tua opinião sobre Cabo-Verde antes da sessão?	
Alunos (pseudónimos)	Respostas dos alunos
Neptuno (T.C)	- Não era nada igual. Pensava que não tinha muitos doces e que era maior.
Panga	- Que Cabo-Verde não era assim tão lindo como é.
Tutu	- Que Cabo-Verde era muito bonito, que tinha muitas cascatas e um vulcão.
Arranha-Céus (G)	- Pensava que tinha mais comidas do que aquelas e que as comidas eram iguais às nossas.

Ao analisarmos os dados recolhidos averiguámos que as respostas dadas pelos alunos foram muito variadas. Existiu uma referência, por parte de pelo menos dois alunos, à gastronomia deste país considerando-a com pouca variedade e quantidade (como é o caso da quantidade de doces ou a quantidade de comidas existentes) ou que as comidas típicas eram iguais às de Portugal.

De outro modo, também foi mencionada a dimensão do país em questão, como se verificou pela resposta dada pelo aluno *Neptuno (T.C)*, ao considerar que Cabo-Verde era maior do que aquilo que realmente é.

Por sua vez, a aluna *Tutu* fez alusão à beleza do país, assim como a dois elementos da natureza, cascatas e um vulcão, demonstrando o lado mais paisagístico deste país, assim como a sua beleza natural.

No entanto, apurámos que, no geral, ambos os alunos ainda apresentam algum desconhecimento ou uma opinião muito vaga em relação a este país, como podemos

exemplificar pela resposta obtida pela aluna *Panga*, quando respondeu que pensava que “Cabo-Verde não é assim tão bonito como é”.

Tabela 19 - Novas aprendizagens sobre Cabo-Verde

O que é que aprendeste de novo?	
Alunos (pseudónimos)	Respostas dos alunos
Neptuno (T.C)	- Que haviam muitas praias, muitos doces e muitos desportos desconhecidos.
Panga	- Que Cabo-Verde é mesmo muito muito bonito. Tem muitas praias, tem um vulcão com uma lagoa com água muito quentinha. A comida tem frutas tropicais e comidas diferentes das daqui. Na música há o funaná, a coladeira, o batuque e a morna.
Tutu	- Que Cabo-Verde tem várias línguas, que é um arquipélago que faz parte da África. Falamos sobre gastronomia e festivais.
Arranha-Céus (G)	- Que afinal não era como eu pensava.

Apesar do desconhecimento apresentado por estes alunos na primeira questão, podemos agora aferir que, após a sessão, os alunos já completaram o seu conhecimento acerca deste país. Constatou-se uma referência à gastronomia deste país por parte de três dos alunos inquiridos (como é o caso das frutas tropicais, comidas diferentes e muitos doces).

Existiu uma referência à música típica deste país pela aluna *Panga* quando fez menção a quatro exemplos de músicas típicas deste país, como o funaná, a coladeira, o batuque e a morna, mas a aluna *Tutu* também aludiu à realização de festivais tradicionais neste país.

Para além destas o aluno *Neptuno (T.C)* também citou a prática de desportos neste país que para ele eram desconhecidos.

É de ressaltar a menção por parte da aluna *Tutu* ao nível da geografia quando mencionou que este país se encontrava localizado num “arquipélago que faz parte da África”, mostrando algum conhecimento visual e geográfico em relação à localização deste país no mapa-mundo. Também foi mencionado por esta aluna a existência de uma diversidade linguística neste país, o que se transformou numa informação bastante relativa para o seu conhecimento linguístico-cultural.

Por último e não menos importante, como já foi referido pela aluna *Tutu* na questão anterior, surgiu a indicação de dois elementos da natureza. A aluna *Panga* voltou a ressaltar a existência de um vulcão e de várias praias, enaltecendo, ao mesmo tempo, a beleza deste país ao mencionar que é um país “...mesmo muito muito bonito”.

Tabela 20 - Interesse em receber um amigo Cabo-verdiano na escola e suas justificações

Na tua escola, gostavas de receber um amigo de Cabo-Verde? Porquê?	
Alunos (pseudónimos)	Respostas dos alunos
Neptuno (T.C)	- Sim, para eu ficar a saber mais sobre o seu país.
Panga	- Sim, porque Cabo-Verde é muito bonito e queria perguntar se era verdade que havia muito calor lá.
Tutu	- Sim, porque gostaria de saber como era o país dele mais ao pormenor.
Arranha-Céus (G)	- Sim, para ele me dizer mais coisas sobre Cabo-Verde e gostava de aprender a língua dele.

À questão “Na tua escola, gostavas de receber um amigo de Cabo-Verde? Porquê?”, confirmou-se que ambos os alunos tinham total interesse em recebê-lo na sua escola, apresentando entre si justificações muito semelhantes ao mencionarem que tinham completo interesse em conhecer mais ao pormenor Cabo-Verde e até mesmo, como referiu o aluno *Arranha-Céus (G)*, poder aprender a (s) língua (s) típica (s) deste país.

4.4.3. Balanço geral da sessão n.º 4

Pudemos constatar que, antes de ambas as sessões, existia um grande desconhecimento por parte dos alunos em relação aos dois países ou até mesmo um pensamento distorcido acerca deste país.

Verificámos também que após as sessões, o conhecimento dos alunos é completamente diferente daquele que tinham antes das sessões, pois verificou-se uma completa evolução e diferença no tipo de respostas que foram obtidas após a sessão, quando se viram confrontados com a questão sobre aquilo que aprenderam ou que mais gostaram de conhecer após a sessão, mostrando de certa forma a sua evolução na construção do seu conhecimento em relação aos países desvendados. Podemos mencionar que as respostas obtidas estavam muito próximas das verdadeiras informações passadas aquando das sessões.

No final desta quarta sessão realizada e apesar de esta se encontrar dividida em duas partes distintas, podemos, após analisar os dados na sua globalidade relativos àquilo que mais gostaram de aprender acerca dos dois países, referir que existiu uma grande referência em ambos os casos à gastronomia de ambos os países, demonstrando, talvez, um fascínio ou espanto em relação às comidas típicas destes países.

Quando os alunos foram confrontados com a possível vinda de uma criança oriunda da Ucrânia/Cabo-Verde, as suas respostas e justificações já foram muito variadas em relação ao fascínio e interesse que mostraram para conhecerem ambos os países. Uma vez que alguns alunos mostraram total interesse em recebê-los na sua escola, enquanto outros se mostraram mais apreensivos e pouco interessados em recebê-los, muitas vezes não deram qualquer tipo de justificação ou justificações que nem eles próprios sabem explicar. Esta inquietação pode ser explicada pela possível existência de estereótipos e preconceitos que ainda não foram completamente desconstruídos.

4.5. Sessão Nº 5 – “Descobrir uma nova cultura – os ciganos”

4.5.1. Análise dos resultados da sessão n.º 5

Na última sessão foi realizada uma apresentação em *PowerPoint*, elaborada com a colaboração de uma aluna da Universidade de Aveiro de etnia cigana, onde eram apresentadas as características do grupo dos ciganos.

No final foram realizados alguns inquéritos por entrevista a nove alunos escolhidos, uma vez mais, tendo em conta os seus estereótipos e preconceitos perante a etnia cigana, como vamos poder constatar pelas suas respostas, de onde se obtiveram os seguintes resultados:

Tabela 21 - Opinião dos alunos sobre os Ciganos antes da realização da sessão

O que é que pensavas sobre os ciganos antes da sessão?	
Alunos (pseudónimos)	Respostas dos alunos
Neptuno (R)	- Que eram maus, que viviam em cabanas e que não tinham carros.
Arranha-Céus (A)	- Pensava se eles eram como nós e onde é que viviam.
Xavier Rocha	- Pensava que roubavam e que atacavam pessoas.
Homem-de-fogo	- Que eram morenos e achava que eles roubavam para se sentirem melhor.
Arranha-Céus (M)	- Que os ciganos eram pobres e também alguns eram ricos porque eles usam joias muito valiosas e não têm condições como nós temos.
Andorinha	- Que os ciganos eram pobres e faziam mal às pessoas. Porque um dia contaram aqui uma história na escola porque o nosso recreio tem asneiras na parede e estava a dizer que os ciganos é que escreveram aquilo e que estavam a tentar fazer mal à escola.
Pseudónimos	- Que não dançavam, que não gostavam de música e que não gostavam de ouro.

Pónei	- Não pensava nada.
Frango Churrasco	- Pensava que eles eram todos pretos, que roubavam, que viviam em coisas feitas de lixo e que casavam por se casar.

Variadas foram as respostas obtidas à primeira questão do inquérito por entrevista realizada aos diferentes alunos.

Os alunos *Homem-de-ferro* e *Frango Churrasco* mencionaram duas características físicas distintas que associaram muito aos cidadãos de etnia cigana, como é o caso de serem morenos, na perspetiva de um, e serem todos pretos na perspetiva do outro, respetivamente. Pudemos constatar que foram buscar informações à forma como os ciganos se apresentam fisicamente no que diz respeito à cor de pele.

Para além das características físicas, existiu também uma grande menção à violência, muito associada aos ciganos, como foi o caso de roubarem, atacarem pessoas e serem maus, ou seja, os alunos relacionaram muito os ciganos a pessoas bastante violentas e que só fazem mal às outras pessoas da sociedade.

Outra variante apresentada, podemos dizer por todos os alunos, uns de forma mais direta e outras mais indiretamente, era a de que associavam muito os ciganos a pessoas que se apresentavam na comunidade como pessoas muito pobres, com fracas condições de vida, de onde se destacavam as condições financeiras, ou até mesmo as formas de sobrevivência destes, como a residência em casas feitas de lixo ou cabanas.

Dois dos alunos, *Arranha-Céus (M)* e *Frango Churrasco*, aludiram a aspetos relacionados com os costumes e tradições dos ciganos, como o uso de joias valiosas ou casarem-se só por casar, respetivamente.

Por último, mencionámos um episódio contado pela aluna *Andorinha* que ocorreu no estabelecimento escolar que estas crianças frequentam, de onde podemos sobressair a importância que estes episódios têm para a comunidade escolar que acabam por apoiar a construção de estereótipos e preconceitos nas nossas crianças que são muito difíceis de diminuir na sociedade atual em que vivemos.

Quando questionados acerca de gostarem ou não de receberem um amigo de etnia cigana na sua turma obtiveram-se as seguintes respostas:

Tabela 22 - Interesse em receber um amigo cigano na turma e suas justificações

Gostavas de receber um amigo cigano na tua turma? Porquê?	
Alunos (pseudónimos)	Respostas dos alunos
Neptuno (R)	- Sim. Porque fazia mais amigos.
Arranha-Céus (A)	- Sim. Porque se ele fosse bom eu queria que ele estivesse na nossa escola, se ele não fosse bom não o queria na nossa escola.
Xavier Rocha	- Sim. Porque é bom e brinca como a nossa maneira.
Homem-de-fogo	- Sim gostava. Porque queria saber mais coisas sobre ele e brincar com ele.
Arranha-Céus (M)	-Sim, porque gosto de fazer amigos novos.
Andorinha	- Sim. Para fazer mais amigos.
Pseudónimos	- Sim, depende. Se ele fosse amigo sim, se ele cantasse e dançasse para nós sim. Se ele fosse mau e andasse sempre a bater-nos não.
Pónei	- Se fosse bom sim, se fosse mau não.
Frango Churrasco	- Gostava. Porque ele me podia falar sobre o seu país.

Na resposta a esta questão pudemos constatar que, unanimemente, todos os alunos demonstraram interesse em receber um aluno de etnia cigana na sua turma, mas, ainda assim, as razões pela qual afirmam a sua vontade são muito variadas.

Há alunos que exibiram uma vontade em o receber na sua turma com o intuito de ficarem a saber mais sobre a sua cultura, outros afirmaram que gostavam porque gostam de fazer amigos novos, enquanto outros gostavam de o receber, mas ainda se mostram bastante reticentes, uma vez que só gostavam que ele estivesse na sua turma se este mostrasse ser uma boa pessoa e não batesse em ninguém.

Tabela 23 - Disposição dos alunos para serem amigos de uma criança cigana e justificção

Gostavas de ser amigo dele? Porquê?	
Alunos (pseudónimos)	Respostas dos alunos
Neptuno (R)	- Se ele fosse bom sim queria.
Arranha-Céus (A)	- Sim. Porque os ciganos às vezes, não todos os dias, não brincam connosco.
Xavier Rocha	- Sim. Porque se não tivesse amigos eu seria amigo dele.
Homem-de-fogo	- Sim.
Arranha-Céus (M)	- Sim.
Andorinha	Sim.
Pseudónimos	Sim. Porque eles precisam de apoio e a maior parte dos ciganos não é rico, vive em cabanas e eu podia ajudar.
Pónei	- Sim, porque é feio que um amigo nosso fique sozinho.
Frango Churrasco	- Sim.

Apesar de na questão anterior alguns alunos ainda se mostrarem reticentes com a vinda de um amigo cigano para a turma, quando foram confrontados com a questão de criar laços de amizade com estes alunos, as suas respostas foram logo positivas e mostraram essa vontade dando razões bastante plausíveis.

Desta forma, destacámos diversas respostas dadas pelos diferentes alunos, onde apresentaram variadas razões para a sua vontade. Uns tinham a preocupação de lhe dar apoio e ajudar, outros não gostam de ver outras crianças a brincarem sozinhas, ou até mesmo a angústia de saberem que aquele menino/menina não tem amigos e por isso quer ser seu amigo.

Podemos então aferir que, apesar de ainda existirem alguns estereótipos que não estão completamente eliminados nos nossos alunos, estes conseguem colocar-se no lugar do Outro e parecem ter a vontade de pensar como ele, de sentir o que ele está a sentir e

refletir sobre os atos dos outros para com ele ou até mesmo sobre os seus próprios atos e conseguirem encontrar soluções para o ajudar.

Tabela 24 - Interesse em convidar um amigo cigano para o seu aniversário

Convidava-lo para ir ao teu aniversário?	
Alunos (pseudónimos)	Respostas dos alunos
Neptuno (R)	- Sim.
Arranha-Céus (A)	- Não. Eu só o convidava se ele se portasse bem e se ele fizesse asneiras não queria que ele estivesse na minha festa.
Xavier Rocha	- Sim
Homem-de-fogo	- Sim.
Arranha-Céus (M)	- Sim, todos os anos.
Andorinha	Sim porque convido todos os meus amigos.
Pseudónimos	Sim.
Pónei	- Sim.
Frango Churrasco	- Se ele fosse simpático comigo.

Ao serem questionados com a possibilidade de convidarem o seu novo amigo cigano para o seu aniversário, as respostas já foram diferentes. Uns mencionaram que só o convidavam, uma vez mais, se ele fosse boa pessoa e não fizesse asneiras, outros referiram que o convidariam sem qualquer problema, porque convidam todos os amigos para o seu aniversário.

Comprovámos uma vez mais que quando são momentos muito pessoais, os alunos mostram interesse em levá-lo ao seu aniversário, mas existem sempre contrapartidas que podem barrar essa ida à sua festa, indo sempre buscar, de certa forma, os estereótipos que ainda lhes estão muito enraizados e que são difíceis de contornar.

Tabela 25 - Disposição para convidar esse seu amigo cigano para ir a sua casa

E para ir a tua casa?	
Alunos (pseudónimos)	Respostas dos alunos
Neptuno (R)	- Sim.
Arranha-Céus (A)	- Sim.
Xavier Rocha	- Sim.
Homem-de-fogo	- Sim.
Arranha-Céus (M)	- Se a minha mãe deixasse ia brincar *há minha casa quando quisesse.
Andorinha	- Se a minha mãe deixasse levava.
Pseudónimos	- Sim.
Pónei	- Sim, se ele quisesse.
Frango Churrasco	- Se ele não me roubasse.

Averiguou-se nesta questão total interesse por parte de ambos os alunos em convidarem o seu novo amigo para ir a sua casa, no entanto, alguns dos alunos utilizaram alguns entraves que podem ser os elementos-chave para serem um obstáculo.

Dessas barreiras podemos destacar, com mais ênfase, um dos membros familiares bastante importantes na vida das nossas crianças, como é o caso da mãe, uma vez que dois dos nossos alunos só o levaria a sua casa se a sua mãe permitisse.

Outro obstáculo seria ainda o medo de que esse seu amigo tivesse a tentação de o roubar, demonstrando ainda desconfiança em relação aos ciganos.

Por último, uma ocorrência sugere a preocupação de um dos alunos em saber se o seu amigo cigano realmente tinha interesse em ir a sua casa ou não.

Tabela 26 - Curiosidade em conhecer a casa do seu amigo cigano e justificações

Gostavas de ir a casa dele? Porquê?	
Alunos (pseudónimos)	Respostas dos alunos
Neptuno (R)	- Mais ou menos. Porque são pobres e os pais dele podiam não aceitar.
Arranha-Céus (A)	- Não. Se fosse na floresta não gostava, se fosse numa casa queria ir.
Xavier Rocha	- Sim. Porque gostava de saber como era a casa dele e de brincar com ele.
Homem-de-fogo	- Sim. Porque queria saber como era a casa dele, se era gira e quais eram os brinquedos que ele tinha.
Arranha-Céus (M)	- Sim, gostava de conhecer os pais dele.
Andorinha	- Sim para ver como são as casas dos ciganos e se tem coisas diferentes das nossas.
Pseudónimos	- Sim. Se ele fosse amigo também gostava de conhecer o irmão, a mãe e o pai. E como tu disseste que se eles se casassem era para sempre, então ele também era meu amigo para sempre.
Pónei	- Sim gostava, porque queria brincar com ele e para conhecer a família e as tradições dele.
Frango Churrasco	- Sim para ver o que ele tinha em casa, explorava a casa dele para ver se tinha fatos de quando alguém morre, coisas da cultura dele.

No último momento de recolha de dados da sessão nº 5, os alunos foram desafiados a responderem a uma questão muito importante para decifrar a subsistência de alguma curiosidade em relação aos ciganos ou se ainda existem alguns medos/estereótipos em relação a estes.

Obteve-se na sua maioria uma resposta positiva à questão, porém, dois dos alunos ainda se demonstraram apreensivos em relação aos ciganos.

As respostas positivas foram justificadas com diversas razões, desde a curiosidade em conhecer mais ao detalhe a cultura dos ciganos, passando pelo interesse em conhecer a própria família do seu amigo cigano (pais ou irmãos) e até mesmo pelo despertar da sua atenção em explorar as diferentes coisas que os identificam.

Apesar disso, existiram dois alunos, como já foi referido, que ainda estão inquietos com os ciganos e a sua cultura, uma vez que como demonstrou o aluno *Neptuno (R)*, ainda está muito preocupado com as condições financeiras dos ciganos e com a aceitação dos pais do seu amigo cigano na sua visita à sua casa, ou, por outro lado, como referiu a aluna *Pseudónimos* que se fosse na floresta não gostava de ir, mas que se fosse numa casa sim.

4.5.2. Balanço geral da sessão n.º 5

No balanço final desta nossa última sessão, podemos alegar que no início da sessão as crianças tinham uma ideia muito obscura acerca dos ciganos, de onde destacámos o facto de associarem muito os ciganos a pessoas violentas (roubam, batem, são más pessoa), que vivem em condições precárias (pobres, casas feitas de lixo, vivem na floresta), com características físicas que os definem (como sendo pretos/morenos) e até mesmo a referência a tradições que lhes presta determinada inquietação, tal como o caso de casarem só por se casarem.

Apesar de todo este pensamento mais tenebroso perante o cidadão cigano, os nossos alunos são capazes de, agora após a sessão, refletirem acerca dos seus próprios estereótipos e preconceitos, uma vez que ao terem sido confrontados com a possibilidade de receberem na sua turma um aluno de etnia cigana demonstraram capacidade para aceitá-lo com mais facilidade. No entanto, alguns estereótipos ainda estão muito presos no seu pensamento e tornam-se em obstáculos difíceis de contornar.

Quando os nossos alunos são desafiados a criarem laços com alunos de etnia cigana, estes são capazes de se colocarem no seu lugar e preocuparem-se em relacionar-se com eles e até ajudá-los em tudo aquilo que estes precisarem.

No que diz respeito à oportunidade de convidarem esse novo amigo cigano para ir ao seu aniversário ou a sua casa, os nossos alunos respondem afirmativamente, mas por parte de alguns, ainda existem alguns entraves que podem ser elementos-chave para não deixarem que esse seu novo amigo possa ir ao seu aniversário ou a sua casa (como a possibilidade de ele ser mau, a mãe ter de dar autorização,...). Podemos então aperceber-nos que existem elementos exteriores que podem ser criadores de obstáculos para a impossibilidade de o amigo cigano participar na vida social/pessoal dos nossos alunos.

Quanto à última questão colocada aos nossos alunos, verificou-se a curiosidade que ainda existe por parte deles em conhecerem mais e melhor a cultura dos ciganos, que como podemos constatar estes ainda têm uma representação muito sombria acerca da cultura dos cidadãos de etnia cigana.

4.6. Inquéritos por questionário finais

Depois da realização de todas as sessões atrás descritas, foi organizado um momento exclusivo para a realização de um inquérito por questionário aos alunos com o intuito de percebermos se ocorreu alguma mudança da opinião destes desde que iniciámos o projeto até ao seu término, mesmo tendo a consciência do número limitado de sessões e da dificuldade que existe num trabalho de desconstrução de alguns estereótipos.

Para isso foi elaborado um inquérito por questionário composto por dez questões com o intuito de percebermos qual a opinião dos nossos alunos acerca das sessões realizadas, quais as culturas com as quais estes mais se identificam, quais seriam os alunos descendentes das diferentes culturas que mais gostavam de receber na sua escola ou terem na sua vida pessoal e social, assim como a resposta a uma tabela inspirada na tabela de *Bogardus*, já utilizada no inquérito por questionário inicial, mas desta vez apenas baseada nas culturas apresentadas, na qual teriam de mostrar qual o seu sentimento em relação a estas culturas após as sessões.

4.6.1. Análise dos resultados

A análise dos resultados foi feita seguindo a ordem das questões do próprio instrumento de recolha utilizado.

1) Quais as tuas principais descobertas durante as sessões sobre as diferentes culturas?

Ao realizarmos esta questão obtivemos as seguintes respostas (tabela nº 27):

Tabela 27 - Respostas dos alunos à questão um do inquérito por questionário final

Aluno	Respostas
Arranha-Céus (M)	“Eu aprendi sobre os chineses, os brasileiros, os ucranianos e os ciganos”.
Neptuno (R)	“Eu descobri os ciganos, brasileiros, chineses, ucranianos e os cabo-verdianos”.
Panga	“Eu fiquei a saber que a Ucrânia tem a língua diferente da nossa”.
Xavier Rocha	<hr/>
Arranha-Céus (G)	“Ucrânia, Brasil, Cabo-Verde, ciganos e chineses”
Papagaio	“Ciganos, chineses, brasileiros, ucranianos e cabo-verdianos”.
Tutu	“A roupa, festas e forma de vida”.
Frango Churrasco	“As minhas descobertas foram que aprendi que os ciganos brincam como nós e os outros não, só algumas brincadeiras”.
Andorinha	“Que as pessoas de diferentes culturas são todas diferentes”
Pseudónimos	“Eu aprendi que os ucranianos tinham escola”.
Trovão	“Que na China passa a -30°C. Que os ciganos ligam muito ao ouro. E que na Ucrânia o inverno é a estação maior”.
Wildman	<hr/>

Arranha-Céus (A)	“Nenhuma”
Futebol 11	“As minhas principais descobertas foram as coisas da China”.
Pónei	
Neptuno (T.C)	“Durante as sessões foi muito fixe falar dos chineses, brasileiros, ciganos e ucranianos”.
Martim Pires	“Descobri que alguns países são ricos e outros não na China”.
Homem-de-fogo	“Descobri que os ciganos em crianças vestem a roupa como quiserem e os adultos não”.

Na resposta à primeira questão do inquérito verificámos que a maioria dos alunos referiu que aprenderam sobre os cinco grupos culturais trabalhados (ucranianos, cabo-verdianos, brasileiros, chineses e ciganos). No entanto, houve alguns alunos que fizeram questão de mencionar os aspetos que para eles pareceram ser aqueles que mais lhes despertaram a curiosidade e que mais gostaram de conhecer.

A aluna *Andorinha* referiu que “as pessoas de diferentes culturas são todas diferentes”, desta forma podemos perceber que esta aluna já consegue compreender que todas as culturas são distintas umas das outras. Também a aluna *Tutu* mostrou alguma capacidade para perceber que cada grupo cultural tem a sua roupa, festas tradicionais e formas de vida distintas.

A aluna *Panga* focou o seu interesse sobretudo na Ucrânia, dizendo que ficou “a saber que a Ucrânia tem uma língua diferente da nossa”. Assim sendo, pudemos constatar que esta aluna tinha uma ideia da língua deste país errada, mas que após a sessão conseguiu desconstruir o seu próprio estereótipo e identificar que existe uma diferença ao nível da língua que é falada neste país.

2) Achaste importante conheceres culturas de países diferentes do teu? Justifica.

Já na segunda questão, todos os alunos responderam que achavam muito importante para a sua vida conhecerem culturas diferentes da sua porque podiam aprender mais e melhor acerca destas, referindo ainda que gostam de conhecer países

novos e até mesmo consideraram que era muito “fixe” falar e conhecer culturas diferentes da sua.

Para além destas justificações existiram dois alunos que referiram aspetos distintos dos restantes. Podemos, assim, ressaltar uma citação do aluno *Trovão* quando referiu que ao conhecer um país diferente do seu pode conseguir perceber se pode ou não ir viver para lá, ou seja, constatámos que o aluno só demonstra interesse em visitar ou até mesmo viver num determinado país se esse mesmo o agradar e o presentear com aspetos que para ele são importantes e apelativos.

Por último é de salientar a opinião de um outro aluno, *Neptuno (R)*, que fez uma referência à possibilidade de poder aprender e falar a língua dos países que vai conhecendo ao longo da sua vida.

Todas estas respostas podem ser encontradas na tabela seguinte (tabela nº28):

Tabela 28 - Respostas dos alunos à questão dois do inquérito por questionário final

Aluno	Respostas
Arranha-Céus (M)	
Neptuno (R)	“Sim porque assim já posso falar a língua deles”.
Panga	“Sim, porque assim aprendemos mais sobre os outros países”.
Xavier Rocha	“Sim, porque gostei de saber sobre outras culturas diferentes da minha”.
Arranha-Céus (G)	“Sim achei importante conhecer culturas de países diferentes do meu porque conhecer outros países é fixe”.
Papagaio	“Sim, porque aprendo mais sobre o seu país”.
Tutu	“Sim para saber alguma coisa sobre ela”.
Frango Churrasco	“Sim porque aprendi coisas que não sabia”
Andorinha	“Sim porque acho interessante”.
Pseudónimos	“Sim. Eu acho que é fixe”

Trovão	“Sim, porque assim posso saber se posso ir viver para lá”.
Wildman	_____
Arranha-Céus (A)	“Não”
Futebol 11	“Sim, porque é muito fixe conhecer culturas”.
Pónei	“Acho importante porque é melhor conhecer o país”.
Neptuno (T.C)	“Sim, porque uns são castanho e outros têm cabelo diferente”.
Martim Pires	“Sim, porque aprendi mais”.
Homem-de-fogo	“Achei importante porque gosto de conhecer países novos”.

3) Achas que é importante a professora/o professor falarem sobre culturas de outros países diferentes do teu? Porquê?

Ao depararem-se com esta questão, os alunos deram as seguintes respostas (tabela nº 29):

Tabela 29 - Respostas dos alunos à questão três do inquérito por questionário final

Aluno	Respostas
Arranha-Céus (M)	“Sim gostei para saber mais e para tirar boa nota da escola e passar de ano”.
Neptuno (R)	“Sim porque já posso saber como é o país”.
Panga	“Sim, porque podemos aprender coisas novas”.
Xavier Rocha	“Acho que é importante o professor falar sobre outras culturas”.
Arranha-Céus (G)	“Sim porque é bom conhecer outros países”.
Papagaio	“Sim, porque posso aprender mais”.
Tutu	“Sim porque gostava de me meter no lugar deles”.
Frango	“Sim porque aprendo coisas novas”.

Churrasco	
Andorinha	“Sim para cada vez aprender mais”.
Pseudónimos	“Não. Eu não acho fixe”.
Trovão	“Sim, porque assim começamos a aprender mais sobre os outros países”.
Wildman	
Arranha-Céus (A)	“Não, porque eu não gostaria de falar sobre os ciganos”.
Futebol 11	“Sim porque gosto muito de falar em países”.
Pónei	“Acho que é importante o professor falar sobre outros países porque podemos aprender”.
Neptuno (T.C)	“Sim, porque gosto de aprender a cultura dos outros”.
Martim Pires	“Sim, porque aprendo mais”
Homem-de-fogo	“Sim, porque eu adoro saber culturas novas de outros países”.

Nesta questão, a grande maioria dos alunos responderam que é muito importante os professores falarem sobre culturas diferentes da sua, uma vez que, como justificaram na questão anterior, consideram que são momentos que lhes transmitem conhecimentos que contribuem para a sua cultura geral e dos quais eles demonstram bastante interesse para aprenderem aspetos de culturas diferentes.

No entanto, existiram duas alunas que julgaram não ser relevante os professores falarem sobre a cultura de outros países, dado que não têm interesse em conhecerem países ou grupos culturais diferentes do seu. No entanto, podemos comparar estas suas respostas com as que foram dadas na questão anterior referente ao facto de elas acharem ou não importante conhecerem culturas diferentes da sua. Nesta questão verificámos que a resposta da aluna *Pseudónimos* é completamente contraditória à que respondeu na questão três, uma vez que na segunda questão ela respondeu afirmativamente enquanto na terceira já assumiu uma resposta negativa, o que nos faz

pensar que gosta de falar e de conhecer outras culturas, no entanto não achava que os professores tivessem um papel importante nesta sua descoberta. Já a aluna *Arranha-Céus* (A) nas duas questões manteve a sua posição, pois respondeu negativamente em ambas as questões.

4) Após conheceres culturas diferentes da tua, qual a que mais gostaste de conhecer? Porquê?

Ao chegarem à quarta questão muitos foram os interesses pessoais dos diferentes alunos como se pode constatar pela tabela nº 30 apresentada a seguir. As suas respostas incidiram mais nos grupos dos brasileiros e dos ucranianos, enquanto os três restantes grupos foram aqueles que os alunos escolheram menos. Note-se, no entanto, que nenhum dos grupos ficou excluído das preferências dos alunos, o que só demonstra ser um ponto bastante positivo depois de todo o trabalho que foi desenvolvido ao longo do projeto.

Os alunos que mais escolheram os ucranianos gostaram bastante de conhecer esta cultura, justificando com aspetos mais relacionados com a presença de uma aluna oriunda deste país, os diferentes desportos/jogos/brincadeiras que lá são praticados, a gastronomia diferente e a beleza do próprio país.

Já no que diz respeito aos alunos que reportaram o seu maior interesse no grupo dos brasileiros, estes justificaram a sua escolha afirmando que gostaram muito dos desportos lá existentes, o clima que se faz sentir e a grande extensão de praias lá existente, a esperança em visitar este país, o sonho de querer ser brasileira e também o fato da língua ser igual à nossa, mas ter uma pronúncia diferente.

Tabela 30 - Respostas dos alunos à questão quatro do inquérito por questionário final

Aluno	Respostas
Arranha-Céus (M)	“Eu gostei da cultura do Brasil porque gostava de ser brasileira e gosto dos doces do Brasil”.
Neptuno (R)	“Eu gostei dos ucranianos porque os ucranianos têm jogos fixes”.

Panga	“Brasileiros porque a língua é quase igual à nossa e por isso foi a que mais gostei”.
Xavier Rocha	“Foi a China porque adorei a cidadã da China”.
Arranha-Céus (G)	“Gostei de conhecer mais a Ucrânia porque os ucranianos são diferentes”.
Papagaio	“A que eu mais gostei foram os ucranianos porque parece ser muito giro”.
Tutu	“Ucrânia porque a cultura dos ucranianos é engraçada e interessante”.
Frango Churrasco	“Gostei mais dos brasileiros porque têm muito sol, podem estar na praia muitas vezes e gostava de lá ir”.
Andorinha	“Ucranianos porque tenho uma menina ucraniana na minha turma”.
Pseudónimos	“Eu gostei mais da cultura chinesa porque era a que eu conhecia menos”.
Trovão	“A cultura que eu mais gostei o Brasil porque posso fazer os desportos que eu gosto, como por exemplo, esqui, futebol e outros”.
Wildman	<hr/>
Arranha-Céus (A)	“Cabo-verde porque é fixe”
Futebol 11	“Eu gostei mais do Brasil, porque é muito grande e gostava de conhecer.”
Pónei	“Eu gostei de aprender sobre o Brasil porque aprendi mais”.
Neptuno (T.C)	“Os ucranianos porque os ucranianos têm pratos muito bons”.
Martim Pires	“Da Ucrânia porque é muito bonita”.
Homem-de-fogo	“A cultura que eu mais gostei foi a dos ciganos porque gostei da forma como eles se vestiam”.

5) E a que menos gostaste? Justifica.

A esta questão obtiveram-se as seguintes respostas, evidenciadas na tabela nº 31 apresentada de seguida:

Tabela 31 - Respostas dos alunos à questão cinco do inquérito por questionário final

Aluno	Respostas
Arranha-Céus (M)	“Eu não gostei da cultura dos ciganos porque eles são porcos”.
Neptuno (R)	“Nada. Gostei de tudo”.
Panga	“Os cabo-verdianos, porque é uma seca”.
Xavier Rocha	“Foi Cabo-Verde porque não achei muito importante”.
Arranha-Céus (G)	“A que menos gostei foi os ciganos porque não gostei da forma deles”.
Papagaio	“A que eu menos gostei foi os ciganos porque não gosto da cultura”.
Tutu	“Cabo-verde porque a cultura é má”.
Frango Churrasco	“Gostei menos dos cabo-verdianos porque as músicas são fatelas e as roupas igualmente”.
Andorinha	“Nenhuma, gostei de todas”.
Pseudónimos	“Nenhuma, gostei de todas”
Trovão	“O que menos gostei foi os ucranianos porque há regras a mais lá”.
Wildman	
Arranha-Céus (A)	“Os ciganos porque não goste deles”
Futebol 11	“Eu gostei de todas”
Pónei	“O que menos gostei foi o dos ciganos, porque eu ainda tenho algumas dúvidas”.
Neptuno (T.C)	“Eu gostei de todos porque se deve aprender a cultura dos outros”.

Martim Pires	“De nada, gostei de tudo”
Homem-de-fogo	“A que eu menos gostei foi dos cabo-verdianos”.

Pela análise realizada aos dados correspondentes a esta questão verificámos que o grupo cultural que os alunos mostraram uma maior aversão foram o grupo dos ciganos. Os alunos que afirmaram um determinado desagrado em abordar o grupo dos ciganos, justificaram a sua escolha apontando elementos como a forma que estes cidadãos se apresentam na sociedade, uma certa decepção em relação à cultura deste grupo, alguma referência aos ciganos como pessoas com falta de higiene, a existência de dúvidas em relação a este grupo ou até mesmo uma grande aversão a este grupo. Deste modo, averiguámos que apesar de ter sido feito todo um trabalho de desconstrução de estereótipos, consciencialização para a existência do Outro e sua aceitação na sociedade, constatámos que é muito difícil modificar o ponto de vista de alguém que já possui uma conceção muito negativa em relação a um determinado grupo cultural. É de salientar também que ainda existe a necessidade de realizar um trabalho mais aprofundado de desconstrução de estereótipos e preconceitos, de desenvolver um trabalho mais sistemático, durante um período mais alargado de tempo, envolvendo eventualmente outros atores (como as famílias) e com o contato direto com uma colega de etnia cigana (e não apenas através da nossa informação fornecida sobre ela).

Já quanto ao grupo dos ucranianos, foram cinco os alunos que apontaram este país como aquele que menos gostaram, fundamentando a sua resposta afirmando que é uma cultura desinteressante (como as roupas ou as músicas) e até mesmo acharem que esta cultura não é importante ser conhecida.

Apenas um aluno referiu que o grupo que menos gostou foram os ucranianos, pois considerou que existem regras a mais neste país para serem cumpridas pelos cidadãos.

No entanto, apesar de todos estes alunos terem apresentado uma insatisfação em conhecerem estes três grupos, ainda existiram seis alunos que afirmaram que gostaram de conhecer e falar sobre todas as culturas e que não houve nenhuma que não gostassem. Os alunos mostraram, assim, que ficaram bastante satisfeitos com todas as

sessões que foram realizadas e que consideraram muito importante a realização das mesmas, na medida em que lhes permitiu conhecer culturas novas e desenvolverem a sua cultura geral.

6) Gostarias de receber alguma criança dos grupos culturais que conheceste na tua escola? Qual/Quais? Justifica.

Ao serem confrontados com esta questão várias foram as preferências dos nossos alunos, mas, apesar disso, os seus maiores focos incidiram sob o grupo dos brasileiros e dos ucranianos.

Relativamente aos brasileiros, este foi o grupo com maior preferência apresentando um total de sete alunos interessados em os receber na sua escola. Estes fundamentaram a sua escolha na possibilidade de poderem aprender mais sobre a cultura deste país, outros afirmaram que ouvem falar muito bem deste país, ainda existiram outros que mencionam que gostavam de falar como eles, mas, no entanto, ainda houve alguns alunos que não deram qualquer justificação em relação à sua preferência.

Quanto aos ucranianos, os quatro alunos que demonstraram mais simpatia por este grupo cultural, baseraam a sua resposta afirmando que assim poderiam aprender mais acerca desta cultura, a possibilidade de poderem aprender a língua destes e ainda porque gostaram da cultura deste país.

Pudemos então apurar que existe um grande fascínio, por parte dos nossos alunos, pelos cidadãos descendentes destes dois países distintos e que estes apresentaram justificações que são muito semelhantes entre si (como por exemplo, aprenderem mais, aprenderem a língua e apreciarem a cultura).

Ainda podemos ressaltar desta questão, que existiram dois alunos com total interesse em receberem na sua escola uma criança de qualquer uma das culturas, porque gostaram muito de falar sobre estes povos.

Não podemos deixar de mencionar que um dos alunos referiu a sua preferência por uma criança cigana, justificando-a com a sua curiosidade para conhecer e aprender mais acerca da sua cultura.

Para finalizar evidenciamos a resposta dada por quatro dos alunos, ao referirem que não teriam qualquer interesse em receber na sua escola uma criança de qualquer uma das culturas abordadas, afirmando que já existe gente a mais na escola ou até mesmo não apresentando qualquer justificação para a sua resposta. Podemos então verificar que ainda existem nesta turma alguns alunos que não estão preparados para receberem crianças de qualquer país e nem sequer mostrarem interesse em relacionar-se com esta criança.

Todas estas respostas dos nossos alunos podem ser visualizadas na tabela seguinte (tabela nº32):

Tabela 32 - Respostas dos alunos à questão seis do inquérito por questionário final

Aluno	Respostas
Arranha-Céus (M)	Eu gostava de receber uma menina brasileira para falar sobre o Brasil”.
Neptuno (R)	Sim, uma ucraniana”.
Panga	“Não gostaria porque não quero”.
Xavier Rocha	“Não sei”.
Arranha-Céus (G)	“Sim, gostava de receber alguma criança ucraniana, brasileira, cabo-verdiana e chinesa porque gostei dos seus países”.
Papagaio	“Gostaria de receber um ucraniano porque gosto da cultura”.
Tutu	“Ucranianos porque gostava de aprender a língua deles”.
Frango Churrasco	“Gostaria de receber um brasileiro para me falar sobre o seu país”.
Andorinha	“Sim, brasileiros porque falam muito bem do Brasil”.
Pseudónimos	“Sim. Um brasileiro. Eu acho que gostaria”.
Trovão	“Não, porque já há gente a mais na escola”.
Wildman	“Sim. Brasileiro porque queria aprender a língua deles”.
Arranha-Céus (A)	“Eu não gostaria de receber se fosse refugiado”.

Futebol 11	“Sim cabo-verdiano, ucraniano, ciganos, chineses e brasileiros”.
Pónei	“Gostaria de receber uma criança do Brasil porque queria fazer perguntas”.
Neptuno (T.C)	“Eu gostaria de ter um brasileiro na minha escola”.
Martim Pires	“Sim ucranianos, porque queria aprender e brincar com eles”.
Homem-de-fogo	“Gostaria de receber uma criança cigana porque gostaria de saber mais sobre ela”.

7) E na tua turma? Qual/quais? Justifica.

Em relação à turma, obtiveram-se as seguintes respostas (tabela nº33):

Tabela 33 - Respostas dos alunos à questão sete do inquérito por questionário final

Aluno	Respostas
Arranha-Céus (M)	Eu gostaria de receber uma menina brasileira na minha turma porque gosto de fazer amigos novos.”.
Neptuno (R)	“Na minha turma queria uma ucraniana”.
Panga	“Não gostaria porque já tenho uma ucraniana”
Xavier Rocha	“Sim, um brasileiro porque deve ser fixe saber mais sobre a sua cultura”.
Arranha-Céus (G)	“Também os ucranianos, brasileiros, cabo-verdianos e chineses porque gostei dos seus países”.
Papagaio	“Um brasileiro porque gosto da cultura”.
Tutu	“Ucranianos porque queria ser amiga deles”.
Frango Churrasco	“Gostaria de receber na turma um brasileiro para me fala sobre o seu país”.
Andorinha	“Sim, brasileiro porque ainda queria saber mais sobre o Brasil e para fazer novos amigos”.
Pseudónimos	“Sim. Eu queria ter um ou uma brasileira. Eu acho que gostaria de ter”.

Trovão	“Não, porque já há gente a mais na turma”
Wildman	<hr/>
Arranha-Céus (A)	“Não gostaria de ter ninguém”.
Futebol 11	“Eu gostava de receber cabo-verdiano, ucraniano, cigano, chinês e brasileiro, porque é divertido”.
Pónei	“Na minha turma há uma menina que é de Cabo-Verde”.
Neptuno (T.C)	“Eu gostaria de ter um brasileiro porque tinha mais um amigo”.
Martim Pires	“Na minha turma gostava de ucranianos porque queria aprender mais”.
Homem-de-fogo	“Gostaria de receber uma criança chinesa porque gostaria de falar chinês”

No que diz respeito à receção de uma criança de qualquer uma das culturas, desta vez na turma, grande parte deles referiram exatamente o mesmo grupo cultural que responderam na questão anterior, assim como as mesmas razões que apresentaram acima.

Podemos, então, aferir que a maioria das crianças apresenta total interesse em receber crianças de países diferentes do seu na sua turma, o que demonstra, desde já, alguma capacidade para se colocarem no lugar do Outro e refletirem sobre os seus próprios anseios e estereótipos em relação a este.

8) Coloca uma cruz, para cada grupo, na coluna que melhor exprime o teu sentimento:

Ao depararem-se com esta questão, variadas foram as repostas dos alunos como podemos verificar pela tabela apresentada de seguida (tabela nº 34):

Tabela 34 - Respostas dos alunos à questão oito do inquérito por questionário final

Aluno	Respostas								
Arranha-Céus (M)	Grupos	1. Exclui-los-ia do meu país:	2. Exclui-los-ia do meu grupo de amigos:	3. Não teria interesse em recebê-lo na minha escola:	4. Não teria interesse em ser amigo com:	5. Viveria no mesmo bairro com:	6. Preferiria tê-lo como simples conhecido:	7. Aceitá-lo-ia como colega de escola	8. Gostaria de conhecê-lo pra ser seu amigo
	Cabo-Verdianos			X					
	Ucranianos								X
	Ciganos				X				
	Chineses				X				
	Brasileiros						X		
Neptuno (R)	Grupos	1. Exclui-los-ia do meu país:	2. Exclui-los-ia do meu grupo de amigos:	3. Não teria interesse em recebê-lo na minha escola:	4. Não teria interesse em ser amigo com:	5. Viveria no mesmo bairro com:	6. Preferiria tê-lo como simples conhecido:	7. Aceitá-lo-ia como colega de escola	8. Gostaria de conhecê-lo pra ser seu amigo
	Cabo-Verdianos						X		
	Ucranianos					X			
	Ciganos						X		
	Chineses					X			
	Brasileiros					X			

<div>Panga</div>	<table><tr><th>Grupos</th><th>1. Exclui-los-ia do meu país:</th><th>2. Exclui-los-ia do meu grupo de amigos:</th><th>3. Não teria interesse em recebê-lo na minha escola:</th><th>4. Não teria interesse em ser amigo com:</th><th>5. Viveria no mesmo bairro com:</th><th>6. Preferiria tê-lo como simples conhecido:</th><th>7. Aceitá-lo-ia como colega de escola</th><th>8. Gostaria de conhecê-lo pra ser seu amigo</th></tr><tr><td>Cabo-Verdianos</td><td></td><td></td><td>X</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr><tr><td>Ucranianos</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>X</td></tr><tr><td>Ciganos</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td></td><td></td></tr><tr><td>Chineses</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>X</td></tr><tr><td>Brasileiros</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>X</td></tr></table>	Grupos	1. Exclui-los-ia do meu país:	2. Exclui-los-ia do meu grupo de amigos:	3. Não teria interesse em recebê-lo na minha escola:	4. Não teria interesse em ser amigo com:	5. Viveria no mesmo bairro com:	6. Preferiria tê-lo como simples conhecido:	7. Aceitá-lo-ia como colega de escola	8. Gostaria de conhecê-lo pra ser seu amigo	Cabo-Verdianos			X						Ucranianos								X	Ciganos						X			Chineses								X	Brasileiros								X
Grupos	1. Exclui-los-ia do meu país:	2. Exclui-los-ia do meu grupo de amigos:	3. Não teria interesse em recebê-lo na minha escola:	4. Não teria interesse em ser amigo com:	5. Viveria no mesmo bairro com:	6. Preferiria tê-lo como simples conhecido:	7. Aceitá-lo-ia como colega de escola	8. Gostaria de conhecê-lo pra ser seu amigo																																															
Cabo-Verdianos			X																																																				
Ucranianos								X																																															
Ciganos						X																																																	
Chineses								X																																															
Brasileiros								X																																															
<div>Xavier Rocha</div>	<table><tr><th>Grupos</th><th>1. Exclui-los-ia do meu país:</th><th>2. Exclui-los-ia do meu grupo de amigos:</th><th>3. Não teria interesse em recebê-lo na minha escola:</th><th>4. Não teria interesse em ser amigo com:</th><th>5. Viveria no mesmo bairro com:</th><th>6. Preferiria tê-lo como simples conhecido:</th><th>7. Aceitá-lo-ia como colega de escola</th><th>8. Gostaria de conhecê-lo pra ser seu amigo</th></tr><tr><td>Cabo-Verdianos</td><td>X</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr><tr><td>Ucranianos</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td></td><td></td><td></td></tr><tr><td>Ciganos</td><td></td><td></td><td>X</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr><tr><td>Chineses</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td></td><td></td></tr><tr><td>Brasileiros</td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr></table>	Grupos	1. Exclui-los-ia do meu país:	2. Exclui-los-ia do meu grupo de amigos:	3. Não teria interesse em recebê-lo na minha escola:	4. Não teria interesse em ser amigo com:	5. Viveria no mesmo bairro com:	6. Preferiria tê-lo como simples conhecido:	7. Aceitá-lo-ia como colega de escola	8. Gostaria de conhecê-lo pra ser seu amigo	Cabo-Verdianos	X								Ucranianos					X				Ciganos			X						Chineses						X			Brasileiros				X				
Grupos	1. Exclui-los-ia do meu país:	2. Exclui-los-ia do meu grupo de amigos:	3. Não teria interesse em recebê-lo na minha escola:	4. Não teria interesse em ser amigo com:	5. Viveria no mesmo bairro com:	6. Preferiria tê-lo como simples conhecido:	7. Aceitá-lo-ia como colega de escola	8. Gostaria de conhecê-lo pra ser seu amigo																																															
Cabo-Verdianos	X																																																						
Ucranianos					X																																																		
Ciganos			X																																																				
Chineses						X																																																	
Brasileiros				X																																																			
<div>Arranha-Céus (G)</div>	<table><tr><th>Grupos</th><th>1. Exclui-los-ia do meu país:</th><th>2. Exclui-los-ia do meu grupo de amigos:</th><th>3. Não teria interesse em recebê-lo na minha escola:</th><th>4. Não teria interesse em ser amigo com:</th><th>5. Viveria no mesmo bairro com:</th><th>6. Preferiria tê-lo como simples conhecido:</th><th>7. Aceitá-lo-ia como colega de escola</th><th>8. Gostaria de conhecê-lo pra ser seu amigo</th></tr><tr><td>Cabo-Verdianos</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>X</td></tr><tr><td>Ucranianos</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td></td><td></td><td></td></tr><tr><td>Ciganos</td><td>X</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr><tr><td>Chineses</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td></td></tr><tr><td>Brasileiros</td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td>X</td><td></td><td></td></tr></table>	Grupos	1. Exclui-los-ia do meu país:	2. Exclui-los-ia do meu grupo de amigos:	3. Não teria interesse em recebê-lo na minha escola:	4. Não teria interesse em ser amigo com:	5. Viveria no mesmo bairro com:	6. Preferiria tê-lo como simples conhecido:	7. Aceitá-lo-ia como colega de escola	8. Gostaria de conhecê-lo pra ser seu amigo	Cabo-Verdianos								X	Ucranianos					X				Ciganos	X								Chineses							X		Brasileiros						X		
Grupos	1. Exclui-los-ia do meu país:	2. Exclui-los-ia do meu grupo de amigos:	3. Não teria interesse em recebê-lo na minha escola:	4. Não teria interesse em ser amigo com:	5. Viveria no mesmo bairro com:	6. Preferiria tê-lo como simples conhecido:	7. Aceitá-lo-ia como colega de escola	8. Gostaria de conhecê-lo pra ser seu amigo																																															
Cabo-Verdianos								X																																															
Ucranianos					X																																																		
Ciganos	X																																																						
Chineses							X																																																
Brasileiros						X																																																	

Papagaio	Grupos	1. Exclui-los-ia do meu país:	2. Exclui-los-ia do meu grupo de amigos:	3. Não teria interesse em recebê-lo na minha escola:	4. Não teria interesse em ser amigo com:	5. Viveria no mesmo bairro com:	6. Preferiria tê-lo como simples conhecido:	7. Aceitá-lo-ia como colega de escola:	8. Gostaria de conhecê-lo pra ser seu amigo
	Cabo-Verdianos						X		
	Ucranianos								X
	Ciganos					X			
	Chineses						X		
	Brasileiros							X	
Tutu	Grupos	1. Exclui-los-ia do meu país:	2. Exclui-los-ia do meu grupo de amigos:	3. Não teria interesse em recebê-lo na minha escola:	4. Não teria interesse em ser amigo com:	5. Viveria no mesmo bairro com:	6. Preferiria tê-lo como simples conhecido:	7. Aceitá-lo-ia como colega de escola:	8. Gostaria de conhecê-lo pra ser seu amigo
	Cabo-Verdianos						X		
	Ucranianos								X
	Ciganos			X					
	Chineses					X			
	Brasileiros								X
Frango Churrasco	Grupos	1. Exclui-los-ia do meu país:	2. Exclui-los-ia do meu grupo de amigos:	3. Não teria interesse em recebê-lo na minha escola:	4. Não teria interesse em ser amigo com:	5. Viveria no mesmo bairro com:	6. Preferiria tê-lo como simples conhecido:	7. Aceitá-lo-ia como colega de escola:	8. Gostaria de conhecê-lo pra ser seu amigo
	Cabo-Verdianos						X		
	Ucranianos								X
	Ciganos							X	
	Chineses							X	
	Brasileiros								X
Andorinha	Grupos	1. Exclui-los-ia do meu país:	2. Exclui-los-ia do meu grupo de amigos:	3. Não teria interesse em recebê-lo na minha escola:	4. Não teria interesse em ser amigo com:	5. Viveria no mesmo bairro com:	6. Preferiria tê-lo como simples conhecido:	7. Aceitá-lo-ia como colega de escola:	8. Gostaria de conhecê-lo pra ser seu amigo
	Cabo-Verdianos			X					
	Ucranianos								X
	Ciganos					X			
	Chineses				X				
	Brasileiros							X	

Pseudónimos	Grupos	1. Exclui-los-ia do meu país:	2. Exclui-los-ia do meu grupo de amigos:	3. Não teria interesse em recebê-lo na minha escola:	4. Não teria interesse em ser amigo com:	5. Viveria no mesmo bairro com:	6. Preferiria tê-lo como simples conhecido:	7. Aceitá-lo-ia como colega de escola	8. Gostaria de conhecê-lo pra ser seu amigo
	Cabo-Verdianos						X		
	Ucranianos							X	
	Ciganos					X			
	Chineses								X
	Brasileiros								X
Trovão	Grupos	1. Exclui-los-ia do meu país:	2. Exclui-los-ia do meu grupo de amigos:	3. Não teria interesse em recebê-lo na minha escola:	4. Não teria interesse em ser amigo com:	5. Viveria no mesmo bairro com:	6. Preferiria tê-lo como simples conhecido:	7. Aceitá-lo-ia como colega de escola	8. Gostaria de conhecê-lo pra ser seu amigo
	Cabo-Verdianos							X	
	Ucranianos								X
	Ciganos						X		
	Chineses							X	
	Brasileiros								X
Wildman	Grupos	1. Exclui-los-ia do meu país:	2. Exclui-los-ia do meu grupo de amigos:	3. Não teria interesse em recebê-lo na minha escola:	4. Não teria interesse em ser amigo com:	5. Viveria no mesmo bairro com:	6. Preferiria tê-lo como simples conhecido:	7. Aceitá-lo-ia como colega de escola	8. Gostaria de conhecê-lo pra ser seu amigo
	Cabo-Verdianos						X		
	Ucranianos								X
	Ciganos						X		
	Chineses							X	
	Brasileiros							X	

Arranha-Céus

(A)

Grupos	1. Exclui-los-ia do meu país:	2. Exclui-los-ia do meu grupo de amigos:	3. Não teria interesse em recebê-lo na minha escola:	4. Não teria interesse em ser amigo com:	5. Viveria no mesmo bairro com:	6. Preferiria tê-lo como simples conhecido:	7. Aceitá-lo-ia como colega de escola	8. Gostaria de conhecê-lo pra ser seu amigo
Cabo-Verdianos								X
Ucranianos							X	
Ciganos		X						
Chineses			X					
Brasileiros						X		

Futebol 11

Grupos	1. Exclui-los-ia do meu país:	2. Exclui-los-ia do meu grupo de amigos:	3. Não teria interesse em recebê-lo na minha escola:	4. Não teria interesse em ser amigo com:	5. Viveria no mesmo bairro com:	6. Preferiria tê-lo como simples conhecido:	7. Aceitá-lo-ia como colega de escola	8. Gostaria de conhecê-lo pra ser seu amigo
Cabo-Verdianos					X			
Ucranianos							X	
Ciganos								
Chineses					X			
Brasileiros					X			

Pónei

Grupos	1. Exclui-los-ia do meu país:	2. Exclui-los-ia do meu grupo de amigos:	3. Não teria interesse em recebê-lo na minha escola:	4. Não teria interesse em ser amigo com:	5. Viveria no mesmo bairro com:	6. Preferiria tê-lo como simples conhecido:	7. Aceitá-lo-ia como colega de escola	8. Gostaria de conhecê-lo pra ser seu amigo
Cabo-Verdianos						X		
Ucranianos								X
Ciganos						X		
Chineses						X		
Brasileiros								X

Neptuno (T.C)

Grupos	1. Exclui-los-ia do meu país:	2. Exclui-los-ia do meu grupo de amigos:	3. Não teria interesse em recebê-lo na minha escola:	4. Não teria interesse em ser amigo com:	5. Viveria no mesmo bairro com:	6. Preferiria tê-lo como simples conhecido:	7. Aceitá-lo-ia como colega de escola	8. Gostaria de conhecê-lo pra ser seu amigo
Cabo-Verdianos						X		
Ucranianos			X					
Ciganos					X			
Chineses				X				
Brasileiros							X	

Martim Pires	Grupos	1. Exclui-los-ia do meu país:	2. Exclui-los-ia do meu grupo de amigos:	3. Não teria interesse em recebê-lo na minha escola:	4. Não teria interesse em ser amigo com:	5. Viveria no mesmo bairro com:	6. Preferiria tê-lo como simples conhecido:	7. Aceitá-lo-ia como colega de escola	8. Gostaria de conhecê-lo pra ser seu amigo
	Cabo-Verdianos								X
	Ucranianos								X
	Ciganos							X	
	Chineses								X
	Brasileiros								X

Homem-de-fogo	Grupos	1. Exclui-los-ia do meu país:	2. Exclui-los-ia do meu grupo de amigos:	3. Não teria interesse em recebê-lo na minha escola:	4. Não teria interesse em ser amigo com:	5. Viveria no mesmo bairro com:	6. Preferiria tê-lo como simples conhecido:	7. Aceitá-lo-ia como colega de escola	8. Gostaria de conhecê-lo pra ser seu amigo
	Cabo-Verdianos							X	
	Ucranianos								X
	Ciganos					X			
	Chineses								X
	Brasileiros							X	

Para analisarmos com maior rigor e perfeição as respostas dadas pelos alunos a esta tabela torna-se necessário voltarmos ao inquérito por questionário inicial, realizado antes de todas as sessões, para percebermos se ocorreu alguma evolução na opinião dos nossos alunos e se alguns dos estereótipos e preconceitos existentes sofreram alguma alteração e se foram ultrapassados ou se ocorreu alguma regressão e construídos novos estereótipos e preconceitos.

Desta forma, começamos por comparar as respostas dadas em relação ao grupo dos cabo-verdianos (gráfico 14):

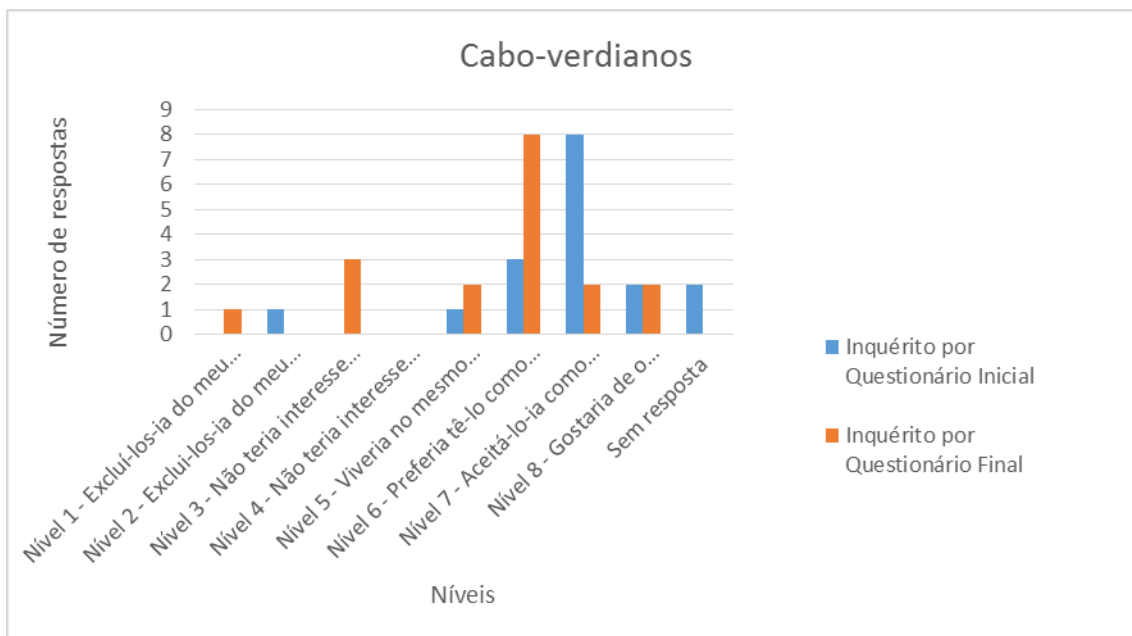


Gráfico 14 - Respostas dadas pelos alunos nos inquéritos por questionário inicial e final – Cabo-verdianos

Pela análise que conseguimos realizar através da comparação do antes e do depois da sessão, conseguimos verificar que no início os alunos se concentravam em grande número no nível 7, mas neste momento já verificámos que ocorreu uma regressão e que se foram concentrar no nível 6, que é um nível mais abaixo. Constata-se também que inicialmente não existia nenhum aluno no nível 1, mas neste momento encontramos um aluno que se encontra neste nível. Nos níveis 3 e 5 ocorreram aumentos nos números de respostas e no nível 8 verifica-se o mesmo número de respostas entre ambos os gráficos.

Podemos então verificar que apesar de ter sido desenvolvido todo um trabalho de consciencialização para a existência do Outro, o respeito por este e a sua aceitação na sociedade, os alunos ainda se demonstram muito reticentes em relação a este grupo, uma vez que, pela análise do gráfico, as suas respostas alteraram-se após a sessão, mostrando-se até num dos casos muito negativa, visto que se situava no nível 1 da tabela de *Bogardus*.

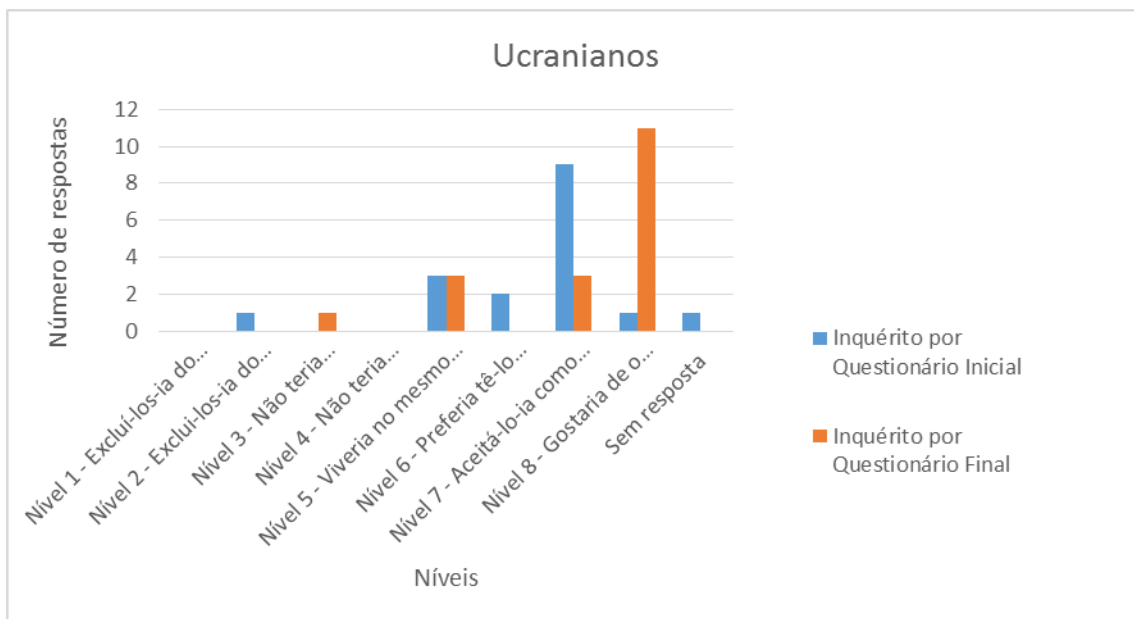


Gráfico 15 - Respostas dadas pelos alunos nos inquéritos por questionário inicial e final – Ucrânianos

Quanto aos ucranianos (gráfico 15) verificou-se uma acentuação no nível 8 da tabela e uma grande descida no nível 7, podemos então verificar que um grande número de respostas que se concentravam no nível 7 subiram um nível, o que demonstra que alguns dos estereótipos e/ou preconceitos que estavam presentes nos nossos alunos foram desconstruídos e ultrapassados.

Constatámos também que no início do projeto existia pelo menos um aluno que se colocava no nível 2 em relação aos ucranianos, no entanto, com a realização do projeto verificou-se que ocorreu uma evolução e já não existe qualquer aluno que se situa nos dois primeiros níveis.

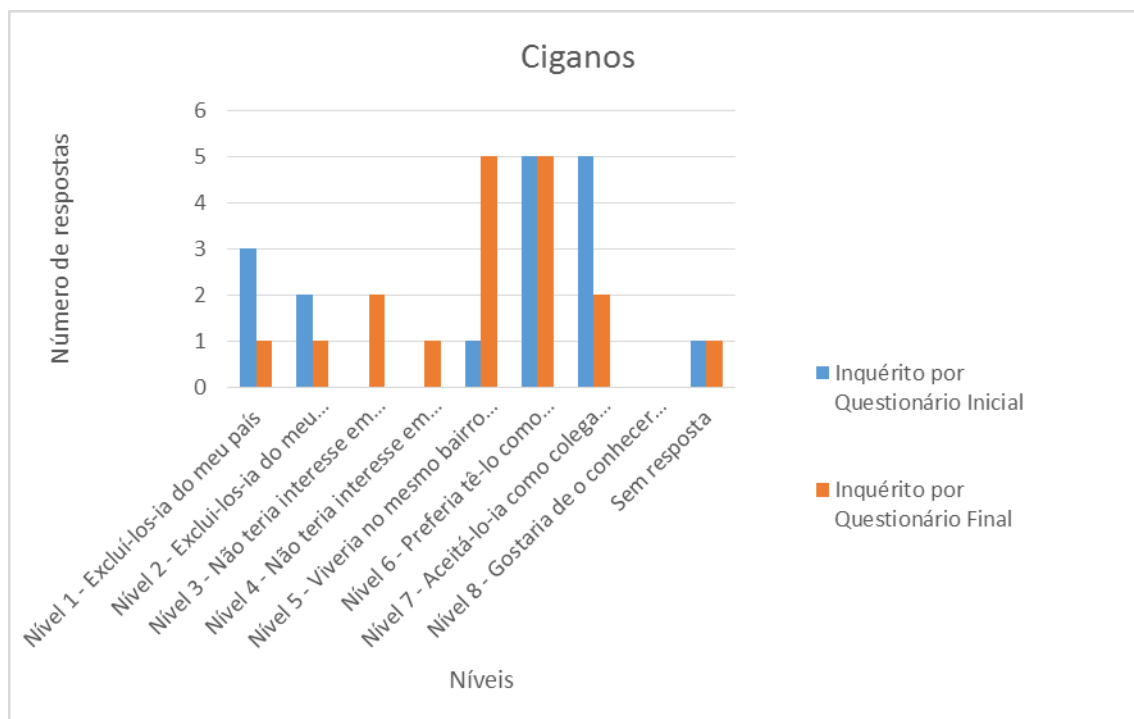


Gráfico 16 - Respostas dadas pelos alunos nos inquéritos por questionário inicial e final – Ciganos

Relativamente aos ciganos (gráfico 16) podemos apurar que ocorreu uma diminuição no número de respostas nos dois primeiros níveis, mas, apesar disso, ainda continuam a existir alunos que se situam nestes dois níveis (uma ocorrência em cada um), permitindo-nos então concluir que ainda temos alunos com alguma dificuldade em aceitar crianças de etnia cigana.

Averiguamos que aconteceu um aumento do número de alunos no nível 5 e que existe a mesma quantidade de alunos no nível 6 tanto no início do projeto como no seu final.

Ao calcularmos a média dos resultados obtidos, constatámos que os alunos que se posicionam no nível 5 da tabela após as sessões, correspondem a 28% dos inquiridos. Verifica-se também que 33% dos alunos se situam no nível 6, sendo este o que apresenta um maior número de respostas, o que nos permitiu assim concluir que a maioria dos alunos preferia ter um cidadão cigano como um simples conhecido.

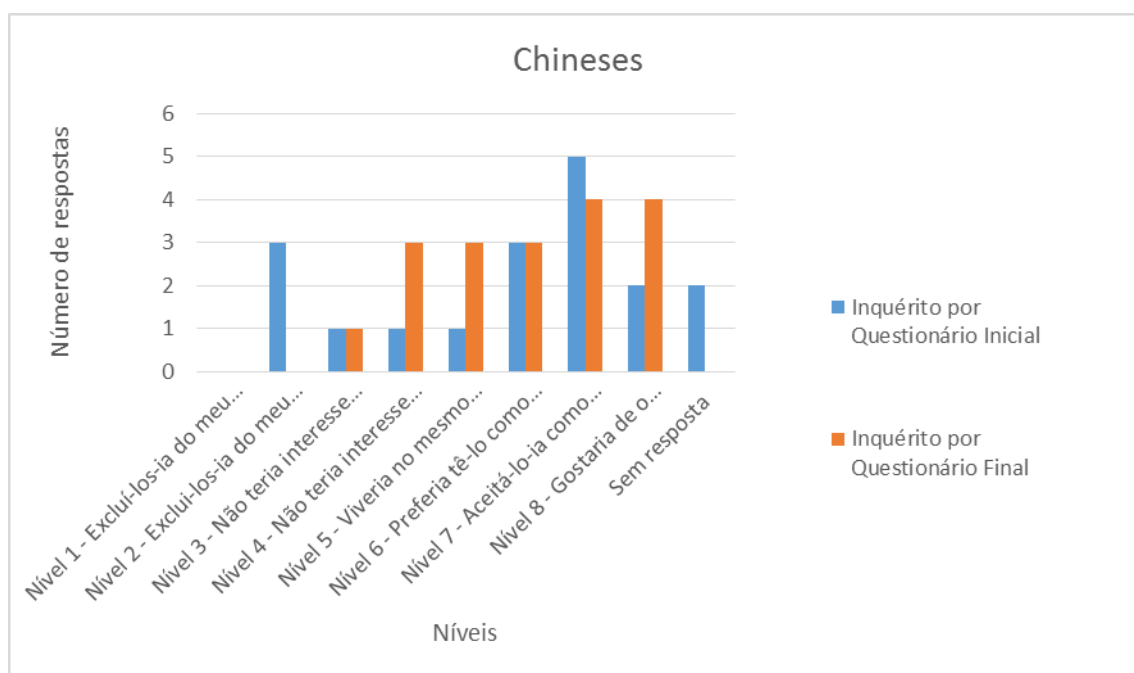


Gráfico 17 - Respostas dadas pelos alunos nos inquéritos por questionário inicial e final – Chineses

Comprovamos pelos resultados obtidos que no início do projeto existiam alunos que se situavam no nível 2 e neste momento já não temos qualquer aluno nesse nível, o que é um ponto bastante positivo pois ficamos a perceber que os nossos objetivos foram alcançados e que os nossos alunos têm neste momento uma visão completamente diferente daquela que tinham inicialmente acerca dos chineses, encontrando-se preparados para receberem um aluno deste grupo cultural.

Observamos também que no final do projeto a grande maioria dos alunos se situam desde o nível 4 até ao nível 8, verificando-se uma maior concentração nos níveis 7 e 8.

Podemos deduzir por esta análise que, possivelmente, a oportunidade de terem um contato direto, durante a sessão, com uma pessoa oriunda da China, possa ter permitido uma alteração da opinião dos alunos, fazendo com que estes já se mostrassem mais capazes de aceitarem crianças desta cultura e estarem aptos para os integrar na comunidade escolar em que estão inseridos ou até mesmo na sociedade. Assim, os resultados parecem mostrar a importância do contato direto com pessoas de grupos culturais distintos, que se propõem a falar sobre si e sobre a sua cultura.

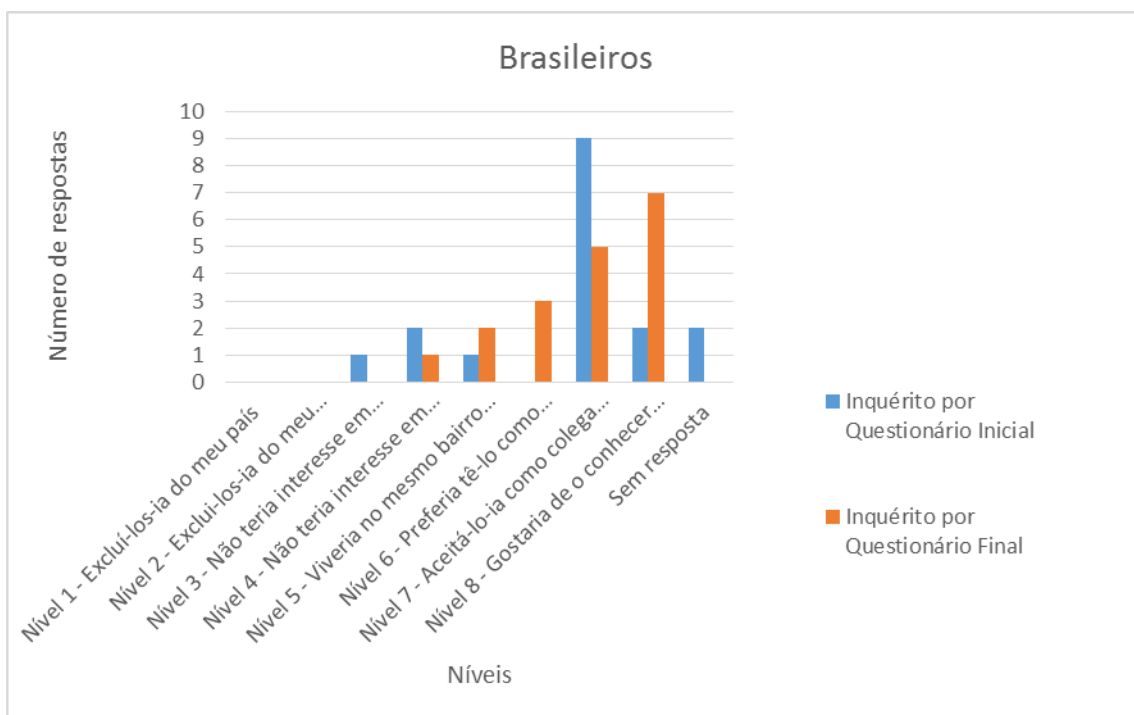


Gráfico 18 - Respostas dadas pelos alunos nos inquéritos por questionário inicial e final – Brasileiros

Ao compararmos as duas barras do gráfico observamos que no início existiam alunos que se englobavam no nível 3, mas, neste momento, verificámos que nenhum dos alunos se inclui neste nível e muito menos nos dois primeiros níveis.

Como podemos visualizar, ocorreram algumas mudanças desde o nível 4 até ao nível 8, onde se verifica uma evolução no número de respostas ao longo dos quatro níveis, ocorrendo uma maior concentração nos níveis 7 e 8.

Novamente podemos, talvez, justificar estas alterações devido ao contato direto com uma descendente do Brasil, o que vem comprovar que este tipo de oportunidade permite às nossas crianças abrirem os seus horizontes e terem uma visão das coisas de uma forma muito mais clara e ampla e não fechada no seu mundo, onde por vezes existem estereótipos baseados, constantemente, pela falta de informação.

9) Para além das culturas que explorámos gostarias que fossem realizadas aulas sobre outras culturas? Se sim: Sobre qual/quais? Porquê?

Ao chegarem à questão nove ainda se confirma, pelos resultados obtidos na tabela nº 35, apresentada a seguir, que existem algumas dúvidas ou até mesmo

desinteresse por parte de alguns alunos em realizarem aulas onde abordassem culturas de países diferentes do seu. No entanto, ainda existiram nove crianças, ou seja, metade do grupo turma, que têm interesse absoluto para conhecerem culturas de países diferentes do seu.

Os alunos que ainda se encontram confusos e que não sabem se realmente têm ou não interesse não conseguem apresentar qualquer justificação para a sua escolha.

Os alunos que responderam negativamente à questão fazem-no justificando que já aprenderam muito e que não querem aprender mais.

No que se refere a metade da turma que respondeu afirmativamente à questão, gostava de explorar países como a Itália, Alemanha, França, Luxemburgo e Espanha. Estes alunos esclareceram as suas escolhas afirmando que gostam muito de conhecer culturas novas, que podem aprender mais e até mesmo fazendo referência a membros familiares que se encontram emigrados nestes países.

Podemos então concluir que apesar de alguns alunos não mostrarem qualquer interesse em assistirem a aulas dedicadas a novas culturas, mais de metade da turma demonstrou conveniência em fazê-lo pois pretendiam desenvolver a sua cultura geral e aprender coisas novas para a sua bagagem de conhecimentos.

Tabela 35 - Respostas dos alunos à questão nove do inquérito por questionário final

Aluno	Respostas
Arranha-Céus (M)	“Não. Porque já aprendi muito”.
Neptuno (R)	“Não sei.”
Panga	“Não sei, porque não tenho nenhuma ideia”
Xavier Rocha	“Sim, sobre os espanhóis porque quero saber sobre o seu país”.
Arranha-Céus (G)	“Sim, sobre os alemães porque não conheço o país e quero conhecer”.
Papagaio	“Sim. Sobre os italianos porque adorava conhecer a cultura”.
Tutu	“Não”.

Frango Churrasco	“Sim. Gostaria de saber sobre o francisco porque queria ir para lá ter com o meu padrinho e com os meus primos e tios”.
Andorinha	“Sim. Sobre Luxemburgo porque a minha irmã mora lá”.
Pseudónimos	“Não sei”.
Trovão	“Não sei”.
Wildman	“Não sei”.
Arranha-Céus (A)	“Não sei”
Futebol 11	“Sim. Sobre a França, porque gostava de saber os doces típicos”.
Pónei	“Sim. Gostaria de conhecer a Madeira”.
Neptuno (T.C)	“Sim. Sobre as culturas porque eu gosto de aprender outras culturas novas”.
Martim Pires	“Não sei”.
Homem-de-fogo	“Sim. Sobre os italianos porque gostaria de saber coisas sobre eles”.

10) Achas que é importante a integração de crianças de outras culturas nas escolas?

Porquê?

Para finalizar o questionário, foi realizada uma questão da qual se obtiveram as seguintes respostas (tabela nº 36):

Tabela 36 - Respostas dos alunos à questão dez do inquérito por questionário final

Aluno	Respostas
Arranha-Céus (M)	“Sim. Porque há crianças que querem ter e fazer amigos”.
Neptuno (R)	“Sim aprendia a falar a língua”.
Panga	“Sim, porque as crianças aprendem outras línguas”.
Xavier Rocha	“Sim acho que era importante”.
Arranha-Céus	“Sim porque gosto de conhecer outros países”.

(G)	
Papagaio	“Sim, porque podem aprender a nossa cultura”.
Tutu	“Sim porque ela iria aprender a nossa língua portuguesa”.
Frango Churrasco	“Sim porque é preciso ajudá-lo”.
Andorinha	“Sim para aprender novas línguas”.
Pseudónimos	“Sim, porque é fixe e divertido”.
Trovão	“Sim, porque somos todos iguais”.
Wildman	“Sim”.
Arranha-Céus (A)	“Sim porque eles são importantes”
Futebol 11	“Claro, eu gosto muito. Porque gosto de ter amigos”.
Pónei	“Acho que é importante para conhecer o país”.
Neptuno (T.C)	“Sim, porque assim consigo ter mais amigos”.
Martim Pires	“Sim, porque eles têm de aprender a nossa língua para podemos falar”.
Homem-de-fogo	“Sim, porque eles também querem aprender”.

Na décima e última questão verificamos uma semelhança entre todas as respostas dos alunos, visto que todos consideraram ser muito importante por parte das escolas em integrarem crianças de outras culturas. Esta resposta dos alunos reflete muito do trabalho desenvolvido com estes ao longo de todo o projeto e a forma como já se sentem preparados para refletirem sobre os seus próprios estereótipos e preconceitos, bem como encontrarem soluções para os contornar e enfrentarem todas as advertências sem qualquer obstáculo.

Várias foram os motivos apresentados pelos alunos, dos quais se destacam: a possibilidade de estes poderem fazer mais amigos, poderem aprenderem mais sobre a sua cultura, o fato de estas novas crianças também quererem aprender, inclusive a nossa

língua, e frequentarem uma escola, a necessidade que temos em os ajudar, a possibilidade de poderem aprender novas línguas e, por último, o fato de estas crianças também serem pessoas importantes e iguais a nós.

4.6.2. Balanço geral dos inquéritos por questionário finais

No final da análise de todos os inquéritos preenchidos pelos alunos pudemos aperceber-nos que os alunos mostraram bastante interesse para conhecerem países com culturas diferentes da sua, uma vez que eles próprios consideraram estes momentos de descoberta momentos que contribuem bastante para a sua aquisição de novas aprendizagens que vão contribuir para a construção da sua cultura geral.

Os alunos apresentaram interesses diferentes ao longo do inquérito por questionário quando revelaram uma determinada aptidão para selecionarem grupos culturais distintos para mostrarem o seu agrado ou desagrado em relação às sessões e conhecimentos que adquiriram, como também a capacidade para eleger um determinado cidadão de uma certa cultura para frequentar a sua escola ou até mesmo a sua turma e, por último, conseguir compreender que o trabalho desenvolvido pelos professores relativamente à diversidade cultural é muito importante para eles com vários contributos para o seu desenvolvimento pessoal e social, assim como perceberem que as crianças de culturas diferentes devem ser integradas nas nossas escolas.

Relativamente aos gráficos desenvolvidos para analisar a evolução ou regressão que ocorreu em relação aos diferentes grupos culturais, constatámos que ao longo do projeto foram decorrendo várias alterações no ponto de vista dos diferentes alunos, uma vez que em alguns casos se verificou que estes já não se situavam nos dois primeiros níveis, que são os que demonstram uma maior preocupação, mas que passaram para os níveis superiores a este, situando-se até ao nível 8, que é o que demonstra total capacidade para a integração destas crianças na sua vida pessoal e social. No entanto, pela análise ainda observámos que ocorreram algumas regressões nas opiniões dos alunos existindo alguns que passaram a situar-se nos dois primeiros níveis.

Analisando globalmente as respostas a todo o inquérito por questionário, confirmámos que alguns alunos já se conseguiram colocar no lugar do Outro e que foram

capazes de refletir sobre os seus próprios estereótipos e/ou preconceitos em relação a estes grupos acabando por diminuí-los, contudo, ainda existiram outros alunos que expressaram possuir estereótipos e/ou preconceitos relativamente a determinados grupos culturais e que não estão completamente preparados para viverem em sociedade com estes e aceitá-los independentemente das suas diferenças.

5. Considerações Finais

Quando iniciei esta nova fase da minha vida, tinha a ideia de que seria uma fase de muito trabalho e que exigia de mim muito esforço e total dedicação para alcançar todos os meus objetivos e sonhos.

Ao chegar ao contexto onde iria implementar o meu projeto fiquei de imediato expectante, uma vez que me deparei com alunos pertencentes a diferentes culturas, o que me proporcionaria uma boa recolha de dados e, mais importante do que isso, mostrar ser um trabalho com relevância para o grupo de crianças em questão, visto que os comportamentos dos alunos entre si eram diversos devido às diferenças que existiam entre eles.

Com este projeto pretendíamos, essencialmente, identificar os estereótipos e preconceitos de um grupo de crianças em relação ao Outro e proporcionar atividades que concorressem para a desconstrução de estereótipos e preconceitos através de um projeto de educação intercultural, tendo como objetivos a consciencialização da existência do Outro, levar os alunos a refletirem sobre os seus eventuais estereótipos e preconceitos, proporcionar momentos em que os alunos se colocassem no lugar do Outro, assim como a estimulação do respeito pelo Outro e pelas regras sociais e de convivência com este.

Para o sucesso deste projeto foram garantidas estratégias que permitiram o trabalho em grupo, individual e momentos de contato direto com cidadãos oriundo dos países a trabalhar.

Ao longo das diversas sessões foram adotadas diferentes estratégias das quais se destacam: o recurso ao contato direto com cidadãos oriundos do Brasil e da China, sessões através de apresentações em *PowerPoint*, assim como inquéritos aos alunos. A opção por estas estratégias teve como principal intenção a possibilidade de sessões de contato direto, o desenvolvimento de posições mais positivas nos alunos perante o Outro e ampliar capacidades de integração e de respeito pelo Outro.

Constatámos que as sessões decorreram no geral muito bem, no entanto, algumas sessões tiveram de ser posteriormente alteradas devido a algumas dificuldades sentidas, na medida em que algumas das atividades a desenvolver estavam dependentes da disponibilidade de pessoas oriundas de outras culturas, mais propriamente de etnia cigana. Apesar disso, obtivemos do grupo turma um feedback bastante positivo, com respostas aos inquéritos por questionário e por entrevista bastante diversificadas e imprevisíveis, o que nos permitiu ficar a refletir acerca dos pensamentos que os nossos alunos têm do mundo cultural à sua volta, assim como todo o trabalho que é necessário realizar perante as nossas crianças em relação ao mundo que as rodeia.

Pelas formas de agir e reações dos alunos aquando das sessões de contato direto, averiguámos que este tipo de contato com pessoas oriundas de outros países se constituiu como um momento bastante positivo e valorizado pelas crianças, uma vez que estas conseguiram mostrar um lado diferente, demonstrando-se mais abertas, espontâneas e com atitudes mais sinceras ao nível de questões e dúvidas que pudessem ter.

Um projeto de educação intercultural deve ter como principal foco as crianças pois são elas que serão o espelho da sociedade em que vivemos, dado o seu papel para uma sociedade mais ativa, crítica e com um espírito mais aberto à diferença. Cabe aos professores o papel de serem guias destes cidadãos na formação de atitudes sociais mais positivas em sala de aula e fora dela para com o Outro, assegurando o seu bem-estar, despertando-lhes a curiosidade para novas aprendizagens, criando-lhes a oportunidade para refletirem sobre o contato com o Outro e para as imagens pré-concebidas, os estereótipos e, por vezes, preconceitos que possuem em relação ao Outro. Só assim podem ser criadas condições para que se trabalhe no sentido de um verdadeiro acolhimento e integração de todos na vida da escola e da comunidade em geral.

Nas intervenções e análise dos dados é possível verificar que as mentes das nossas crianças já estão muito moldadas àquilo que lhes é transmitido pelos membros da família ou até mesmo pela sociedade e o quanto se torna difícil alterar essas ideias, visto que estas estão muito vincadas e implicam um trabalho árduo para a sua possível mudança.

Esta consciencialização deve ser iniciada o mais cedo possível, pois, com a passagem do tempo, estas vão ficando mais velhas e com preconceitos que são cada vez mais complicados de serem modificados.

No final de todo o trabalho realizado e pela análise dos resultados obtidos apurámos que alguns alunos já adotaram posições mais positivas para com pessoas oriundas de outros países e que apresentaram uma maior capacidade de aceitação do Outro, no entanto, ainda existiram outros que ainda se mostraram bastante reticentes e com algumas atitudes de discriminação. Será, então, necessário continuar a desenvolver, de forma mais sistemática, um trabalho de consciencialização da existência do Outro e da importância de valorizar a diversidade. Esta consciencialização deve, sempre que possível, envolver diferentes atores, dos quais se destacam, por exemplo, as famílias, assim como estabelecer redes de contatos e parcerias entre diferentes escolas e, por exemplo, contar com a colaboração de associações de imigrantes da comunidade.

Esta fase da minha vida tornou-se num marco bastante importante, uma vez que este projeto me permitiu conhecer mais ao pormenor a perceção das crianças em relação às diferentes culturas dos vários países, compreender o quanto é importante consciencializar os nossos alunos para a existência do Outro, assim como promover o máximo de atividades que lhes permitam tornar-se em cidadãos mais ativos e críticos com capacidades para aceitarem o Outro e não tomarem uma atitude negativa e discriminatória, uma vez que é um trabalho bastante importante para a vida futura dos nossos educandos. A profissão de docente implica um cargo com grandes responsabilidades para com os alunos e para com a sociedade, na medida em que se torna necessário que o professor tenha uma boa preparação para a sua profissão, assim como uma formação apropriada.

Em relação ao meu processo formativo, esta etapa da minha vida permitiu-me perceber que eu como educadora/professora tenho uma grande responsabilidade para com os meus alunos, pois estes veem em mim alguém como um modelo a seguir, sou uma pessoa que tem de ter muito cuidado com as expressões que uso ou formas de falar, pois estas minhas atitudes podem influenciar nos comportamentos adotados pelos

alunos, devo olhar para os meus alunos como cidadãos individuais com mentalidades muito diferentes umas das outras, tenho de respeitar as opiniões dos alunos, mas dando-lhes sempre os melhores conselhos para que sejam bons cidadãos e, por último, centralizar toda a minha atenção nas crianças que tenho ao meu encargo.

Em consequência disto, cabe ao professor ser o principal responsável por todo este trabalho, pois desempenha um papel crucial como educador e como um sujeito que estimula o pensamento crítico, tem grandes influências sobre os seus alunos e deve educar e formar os seus alunos como cidadãos. Este tem a capacidade de refletir criticamente podendo levar os seus alunos a serem competentes o suficiente para conseguirem contornar os problemas com que se deparam, orientando-os e formando-os para que reflitam sobre os caminhos possíveis e, acima de tudo, ser o amigo verdadeiro que os nossos alunos precisam estando sempre presente para os apoiar e ajudar.

Assim sendo, posso concluir que toda esta experiência contribuiu para o meu crescimento e formação profissional, assim como desenvolver diferentes aprendizagens em relação às minhas atitudes e ao meu papel como professora e de todo o mundo que envolve o contexto onde estamos inseridos. Permitiu-me também preparar-me para o meu futuro profissional e ficar mais alerta em relação ao mundo que rodeia as nossas crianças, pois são elas o centro da nossa atenção e preocupação.

No final de todo este trabalho árduo, esforço, dedicação e empenho fico muito feliz por saber que contribuí para a formação de cidadãos mais conscientes e responsáveis, assim como para a sua evolução como pessoas.

Como futura profissional de educação pretendo continuar a dar o melhor de mim e a formar cidadãos cada vez mais tolerantes à diferença, mais respeitadores e responsáveis, não esquecendo o fato de serem crianças, o que faz com que todos os dias se crie um novo desafio, mas que tem de ser ultrapassado com estratégias adequadas a cada situação.

6. Referências Bibliográficas

6.1 Bibliografia

- Aguado, T., Jaurena, I. G., & Benito, P. M. (2005). *Educación intercultural: una propuesta para la transformación de la escuela*. Madrid: Catarata
- Aguiar, A. R. C. & Bizarro, R. (2011). A diversidade cultural na aula de português: um percurso para a descoberta de si e do outro. *Revista EduSCIENCE*, 1, 63-68
- Andrade, A. I. & Martins, F. (2007). *Cadernos do LALE: Abordar as línguas, integrar a diversidade nos primeiros anos de escolaridade*. Universidade de Aveiro: Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores
- Allport, G. W. (1979). *The nature of prejudice*. Addison: Wesley Publishing Company
- Banks, J.A. & Banks C.A. (2007). *Multicultural education: issues and perspectives*. Estados Unidos: Techbooks
- Bésalu Costa, X. (1994). Educación Intercultural en Europe. *Revista de Estudios Sociales y de Sociología Aplicada*, 97, 115-127
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação – uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora
- Candau et al (2006). *Educação Intercultural e Cotidiano Escolar*. Rio de Janeiro: 7 letras
- Candau, V. (2000). *Reinventar a escola* (4ª edição). Petrópolis: Editora Vozes
- Cardoso, C. M. (1996). *Educação Multicultural: Percursos para práticas reflexivas* (4ª edição). Alfragide: Texto Editores
- Carita, A. & Abreu, I. (1994). *A formação pessoal e social: desenho curricular* (2ª edição). Lisboa: Instituto de Inovação Educacional
- Carneiro, R. (2008). *A Educação Intercultural*. In *Percursos de Interculturalidade, Portugal, desafios à identidade* (49-110). Lisboa: ACIDI
- Carneiro, R. (2001). *Fundamentos da Educação e da Aprendizagem*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão

- Cochito, M. I. G. S. (2004). *Cooperação e aprendizagem: educação intercultural*. Porto: Acime
- Cortesão, L. & Pacheco, N. (1991). O conceito de educação intercultural: interculturismo e realidade Portuguesa. *Inovação*, 4, 33-44
- Cró, M. L. & Pinho, A. M. (2011). A primeira infância e a avaliação do desenvolvimento pessoal e social. *Revista Ibero-americana de Educação*, 56 (1), 1 – 11
- Delors, J. et al. (1996). *Educação: um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da comissão internacional sobre educação para o século XXI*. Rio Tinto: ASA
- DGE & Alto Comissariado para as Migrações (2015-2017). *Escola Intercultural*. Lisboa: DGE
- Duarte, J. A. M. (2013). *Metodologias de Investigação*. Lisboa: Vírgula
- Europe, O. & Europe, D. (2008). *Livro Branco sobre o Diálogo Intercultural – “Viver Juntos em igual dignidade”*. Estrasburgo: Conselho da Europa
- Ferreira, M. M. (2003). *Educação Intercultural*. Lisboa: Universidade Aberta
- Formosinho, J. et al. (1992). *Formação Pessoal e Social* (6ª edição). Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação
- Freire, P. (1972). *Pedagogia do oprimido*. Porto: Afrontamento
- Giddens, A. (2005). *Sociologia* (4ª edição). Porto Alegre: Artmed
- Goffman, E. (1988). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada* (4ª edição). Rio Tinto: Livros Técnicos e Científicos
- Hill, M. M. & Hill, A. (1998). *Desenho de questionários e análise dos dados- alguns contributos*. Fortaleza: Dinâmia
- Martins, E. C. (2002). Programa de Educação Intercultural. *Aprender*, 96-107
- Matsuura, K. (2002). *A UNESCO e os desafios do novo século*. Brasil: UNESCO
- Minayo, M. C. S. (2001). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes

- Morin, E. (2001). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez
- Ouellet, F. (1991). *L'éducation interculturelle — essai sur le contenu de la formation des maîtres*. Paris: Éditions Harmattan
- Ouellet, F. (2002). *Les défis du pluralisme en éducation*. França: L'harmattan
- Pardal, L. & Correia, E. (1995). *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. Porto: Areal Editores
- Peres, A. N. (1999). *Educação Intercultural: utopia ou realidade?*. Porto: Profedições
- Richardson, R. J. & Wanderley, J. C. V. (1898). *Medição de atitudes nas ciências da conduta*. Brasil: Editora UFPB
- Sales, L. M. F. & Silva, J. M. A. P. (2008). Diferenças, preconceitos e violência no âmbito escolar: algumas reflexões. *Cadernos de educação*, 30, 149-166
- Sales, M.A., & García, R. (1997). *Programas de educación intercultural*. Bilbao: Desclée De Brou Wer
- Santos, M. F. J. (2015). *Educação Intercultural no 1º Ciclo do Ensino Básico: parcerias envolvendo a escola e a comunidade*. Tese de Doutoramento, Universidade de Aveiro, Portugal
- Santos, M. J. M. (2006). *Estereótipos, preconceitos, axé-music e pagode*. Dissertação, Faculdade de filosofia e ciências humanas - Universidade Federal da Bahia, Salvador
- Santos, R. F. (2008). *A influência dos estereótipos no julgamento da veracidade de enunciados*. Dissertação, Faculdade de filosofia e ciências humanas – Universidade Federal da Bahia, Salvador
- Senos, S. (2011). *A Cultura Linguística dos alunos do 9º ano de escolaridade do Concelho de Aveiro*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Aveiro, Portugal
- Sheppy, S. (2010). *Personal, social and emotional development in the early years foundation stage – Pratical guidance in the EYFS*. London: Rotledge

- Silva, M. C. V. (2008). *Diversidade cultural na escola: Encontros e desencontros*. Lisboa: Edições Colibri
- Tavares, J. S. (2012). *Crescer comigo e com os outros – desenvolvendo competências sociais*. Relatório de Estágio, Universidade de Aveiro, Portugal
- Torres, L. L. & Palhares, J. A. (2014). *Metodologia de investigação em Ciências Sociais da Educação*. Vila nova de Famalicão: Edições Húmus
- Tuckman, B. W. (2000). *Manual de investigação em educação: conceder e realizar o processo de investigação em educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Tylor, E. B. (1871). *Cultura primitiva I (los origenes de la cultura)*. Espanha: Ayuso
- UNESCO (2006). *Guidelines on Intercultural Education*. France: UNESCO
- UNESCO (2007). *Convenção sobre a proteção e promoção da diversidade das expressões culturais*. Brasil: UNESCO
- Velho, G. (2004). *Projeto e Metamorfose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor
- Zabalza, M. A. (1992). *Didática da Educação Infantil*. Rio Tinto: ASA

6.2 Webgrafia

- ACIDI (2007). O que quero dizer quando penso em Educação Intercultural?. Acedido janeiro 2, 2017, em <http://www.entreculturas.pt/DiarioDeBordo.aspx?to=214>
- Bizarro, R. & Braga, F. (2002). Educação intercultural, competência plurilingue e competência pluricultural: novos desafios para a formação de professores de Línguas Estrangeiras. *ResearchGate Web site*. Acedido outubro 26, 2016, em https://www.researchgate.net/profile/Rosa_Bizarro/publication/37652176_Educacao_intercultural_com
- Department for Children, School and Families (2008). Social and Emotional Aspects of Development: Guidance for practitioners working in the Early Years Foundation Stage. *Foundation Years Web site*. Acedido novembro 17, 2016, em <https://www.foundationyears.org.uk/2011/10/social-and-emotional-aspects-of-development-%E2%80%93-guidance-for-practitioners/>
- Meneghim, L. (2017). Entenda a importância de apresentar culturas diferentes para o seu filho. *My target-idiomas Web site*. Acedido outubro 24, 2017, em <https://mytargetidiomas.com.br/blog/entenda-a-importancia-de-apresentar-culturas-diferentes-para-o-seu-filho/>
- Rodrigues, D. (2013, outubro 28). A escola face a diversidade. *Jornal Público*. Acedido maio 22, 2017, em <https://www.publico.pt/2013/10/28/sociedade/noticia/a-escola-face-a-diversidade-1610537>
- UNESCO (2002). Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural. *Gabinete de documentação e direito comparado Web site*. Acedido novembro 17, 2016, em <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>
- UNESCO (2009). Relatório Mundial da UNESCO – Investir na Diversidade Cultural e no Diálogo Intercultural. Acedido novembro 1, 2016, em <http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001847/184755por.pdf>

7. Anexos

Anexo 1 – Inquérito por questionário inicial

Inquérito por questionário

Este questionário é **anónimo**. Procura ser o mais honesto e sincero possível. Responde individualmente e lembra-te que **não existem respostas certas ou erradas**.
Agradecemos desde já a tua colaboração.

Primeira parte

1. Pseudónimo: _____

2. Idade: _____ anos.

3. Sexo: Feminino ☐ Masculino ☐

4. Informações sobre os pais:

4.1. Pai:

4.1.1. Nacionalidade: _____

4.1.2. Profissão: _____

4.1.3. Pratica alguma religião? Se sim, qual? _____

4.2. Mãe

4.2.1. Nacionalidade: _____

4.2.2. Profissão: _____

4.2.3. Pratica alguma religião? Se sim, qual? _____

5. Já residiste em algum país estrangeiro? Sim ☐ Não ☐

Se a resposta foi sim:

5.1. Qual? _____

5.2. Durante quanto tempo? _____

5.3. Falas a língua desse país? Sim ☐ Não ☐ Alguma coisa ☐

6. Qual é a tua língua materna? _____

7. Gostarias de conhecer algum país para além do teu? Qual/Quais? Justifica.

8. O que entendes por cultura?

9. Conheces alguma cultura para além da tua? Se sim, qual ou quais?

10. Já contactaste com crianças de outras culturas? Se sim, de que país? Onde a (s) conheceste?

10. Achas que é importante a integração de crianças de outras culturas na tua escola? Porquê?

11. Coloca uma cruz, para cada grupo, na coluna que melhor exprime o teu sentimento:

Grupos	1. Exclui- los-ia do meu país:	2. Exclui- los-ia do meu grupo de amigos:	3. Não teria interess e em recebê- lo na minha escola:	4. Não teria inter esse em ser amig o com:	5. Vive ria no mes mo bairr o com:	6. Preferir ia tê-lo como simples conheci do:	7. Aceitá- lo-ia como colega de escola:	8. Gostari a de o conhec er para ser seu amigo:
Cabo-Verdianos								
Ucranianos								
Ciganos								
Franceses								
Ingleses								
Espanhóis								
Chineses								
Brasileiros								
Outra: _____								

Anexo 2 – Inquérito por questionário final

Inquérito por questionário

Este questionário é **anónimo**. Procura ser o mais honesto e sincero possível. Responde individualmente e lembra-te que **não existem respostas certas ou erradas**.

Primeira parte

1. Pseudónimo: _____

2. Quais as tuas principais descobertas durante as sessões sobre as diferentes culturas?

3. Achaste importante conheceres culturas de países diferentes do teu? Justifica.

5. Achas que é importante a professora/o professor falarem sobre culturas de outros países diferentes do teu? Porquê?

6. Após conheceres culturas diferentes da tua, qual a que mais gostaste de conhecer? Porquê?

7. E a que menos gostaste? Justifica.

8. Gostarias de receber alguma criança dos grupos culturais que conheceste na tua escola? Qual/Quais? Justifica.

9. E na tua turma? Qual/quais? Justifica.

10. Coloca uma cruz, para cada grupo, na coluna que melhor exprime o teu sentimento:

Grupos	1. Exclui- -los- ia do meu país:	2. Exclui- -los- ia do meu grupo de amig os:	3. Não teria interes se em recebê- -lo na minha escola:	4. Não teria interes se em ser amigo com:	5. Viveri a no mes mo bairr o com:	6. Preferiri a tê-lo como simples conheci do:	7. Aceitá- lo-ia como colega de escola	8. Gostaria de conhecê- lo pra ser seu amigo
Cabo- Verdianos								
Ucraniano s								
Ciganos								
Chineses								
Brasileiros								

11. Para além das culturas que exploramos gostarias que fossem realizadas aulas sobre outras culturas?

Sim ☐ Não ☐ Não sei ☐

11.1 Se sim: Sobre qual/quais? Porquê?

12. Achas que é importante a integração de crianças de outras culturas nas escolas? Porquê?

Anexo 3 – Textos e desenhos produzidos pelos alunos (sessão nº 1)

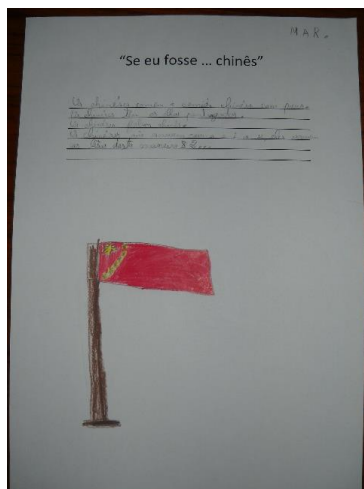


Figura 13 - Texto e desenho sobre os chineses



Figura 14 - Texto e desenho sobre os chineses

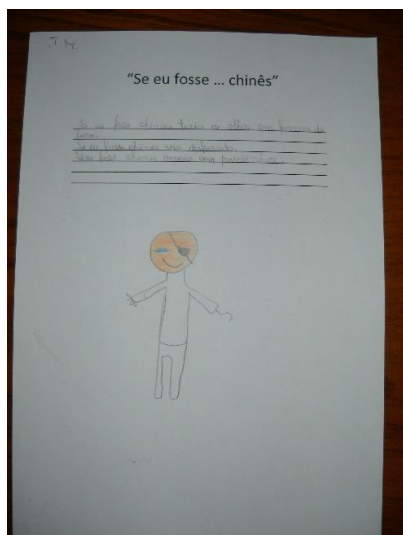


Figura 15 - Texto e desenho sobre os chineses

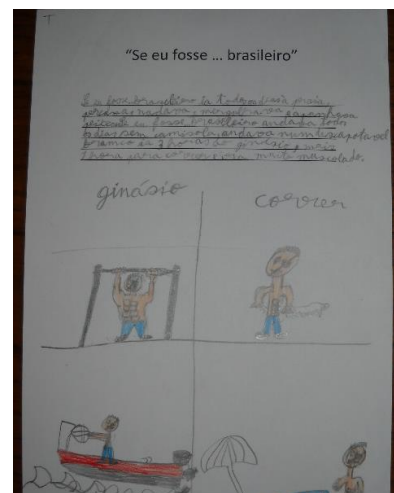


Figura 16 - Texto e desenho sobre os brasileiros



Figura 17 - Texto e desenho sobre os brasileiros

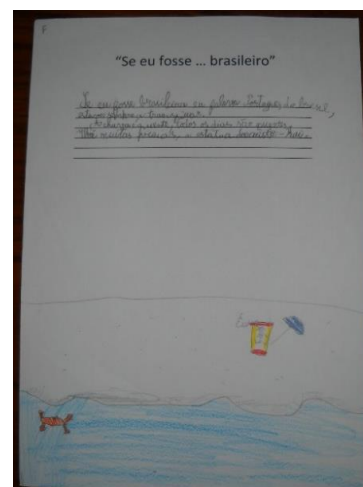


Figura 18 - Texto e desenho sobre os brasileiros

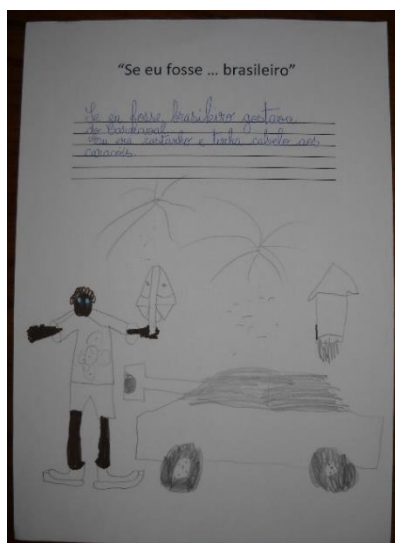


Figura 19 - Texto e desenho sobre os brasileiros



Figura 20 - Texto e desenho sobre os ucranianos

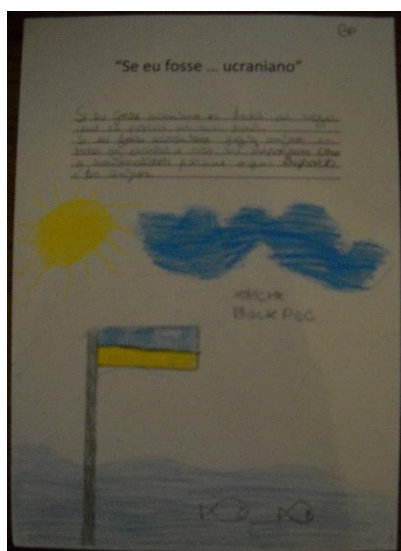


Figura 21 - Texto e desenho sobre os ucranianos

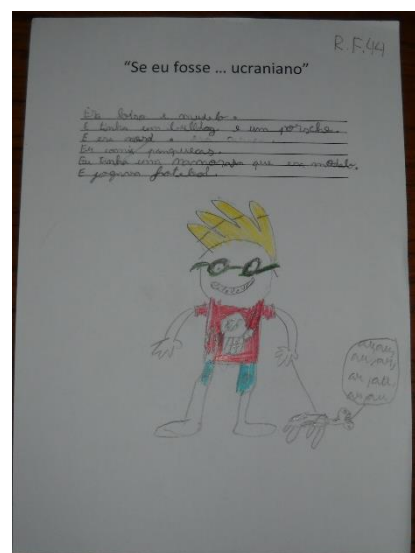


Figura 22 - Texto e desenho sobre os ucranianos

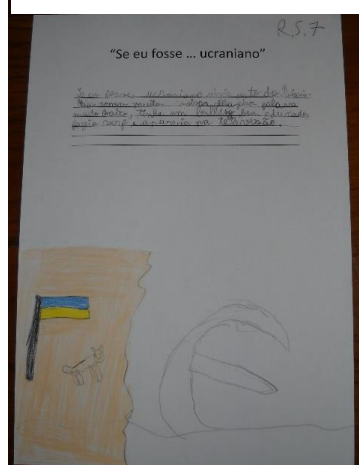


Figura 23 - Texto e desenho sobre os ucranianos

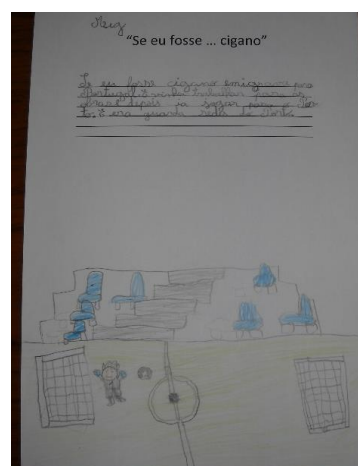


Figura 24 - Texto e desenho sobre os ciganos

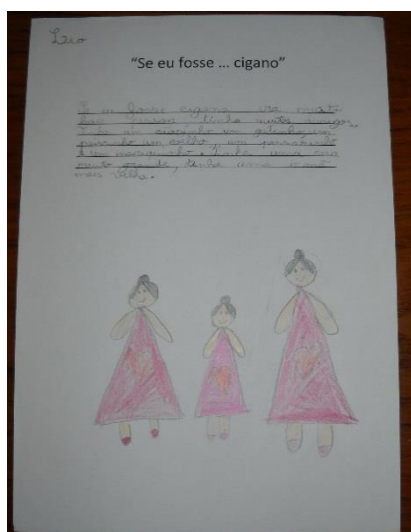


Figura 25 - Texto e desenho sobre os ciganos

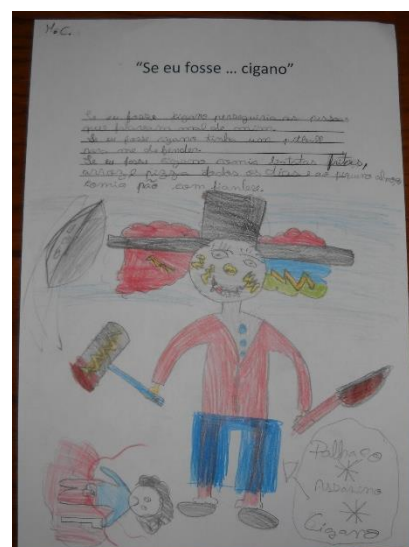


Figura 26 - Texto e desenho sobre os ciganos



Figura 27 - Texto e desenho sobre os cabo-verdianos

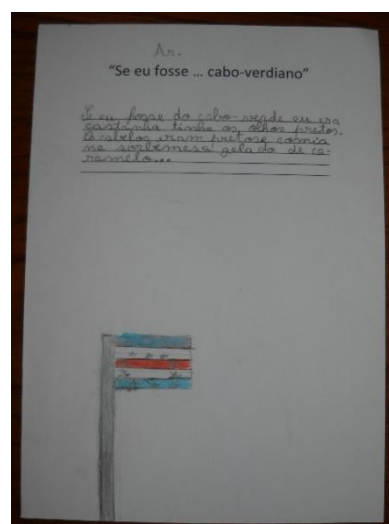


Figura 28 - Texto e desenho sobre os cabo-verdianos

Anexo 4 – Inquéritos por entrevista

Tabela 37 - Inquéritos por entrevista sobre a sessão do Brasil

Inquéritos por entrevista sobre o Brasil: sessão nº 3
1) Qual era a tua opinião sobre o Brasil antes de conheceres a nossa convidada?
2) Qual era a tua opinião sobre o Brasil antes de conheceres a nossa convidada?
3) O que é que aprendeste de novo?
4) O que é que aprendeste de novo?
5) Gostarias de ir ao Brasil? E porquê?
6) Gostarias de receber um menino brasileiro na tua escola? Porquê?
7) E na tua turma? Gostavas de receber um amigo brasileiro? Porquê?

Tabela 38 - Inquéritos por entrevista sobre a sessão de Cabo-Verde

Inquéritos por entrevista sobre Cabo-Verde: sessão nº 4 (2ª parte)
1) Qual era a tua opinião sobre Cabo-Verde antes da sessão?
2) O que é que aprendeste de novo?
3) Na tua escola, gostavas de receber um amigo de Cabo-Verde? Porquê?

Tabela 39 - Inquéritos por entrevista sobre a sessão dos ciganos

Inquéritos por entrevista sobre os ciganos: sessão nº 5
1) O que é que pensavas sobre os ciganos antes da sessão?
2) Gostavas de receber um amigo cigano na tua turma? Porquê?
3) Gostavas de ser amigo dele? Porquê?
4) Convidava-lo para ir ao teu aniversário?
5) E para ir a tua casa?
6) Gostavas de ir a casa dele? Porquê?

Anexo 5 – Fotografias das várias sessões

Sessão 1: “Se eu fosse...”:

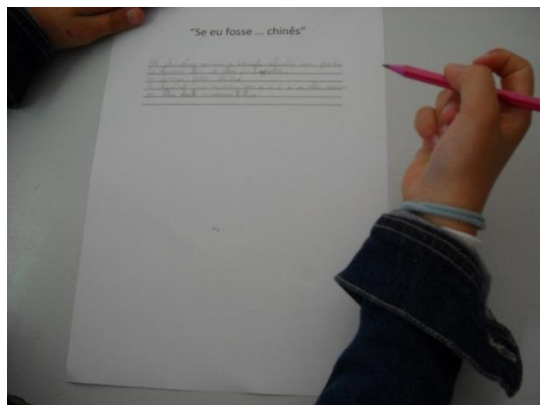


Figura 29 - 1ª sessão "Se eu fosse..."



Figura 30 - 1ª sessão "Se eu fosse..."

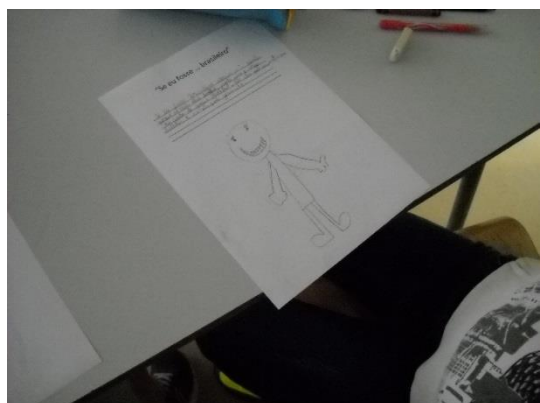


Figura 31 - 1ª sessão "Se eu fosse..."

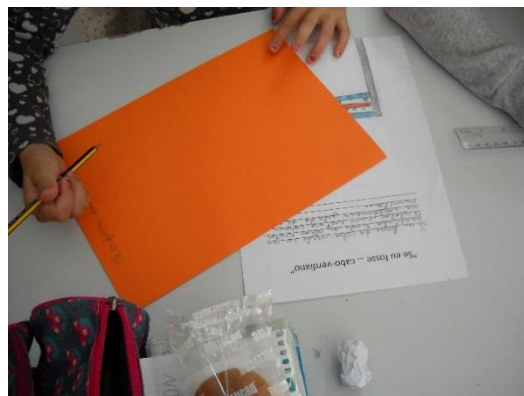


Figura 32 - 1ª sessão "Se eu fosse..."



Figura 33 - 1ª sessão "Se eu fosse..."

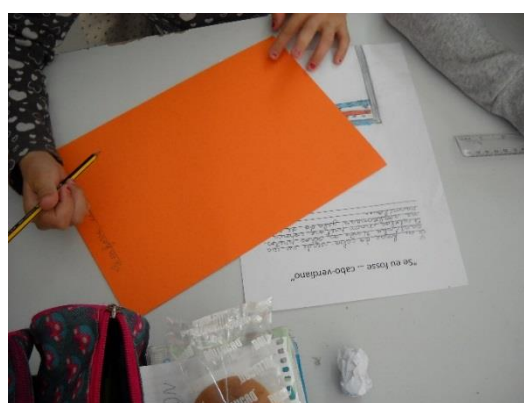


Figura 34 - 1ª sessão "Se eu fosse..."

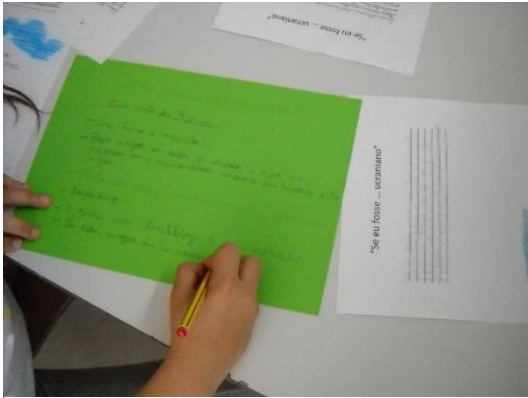


Figura 35 - 1ª sessão "Se eu fosse..."



Figura 36 - 1ª sessão "Se eu fosse..."



Figura 37 - 1ª sessão "Se eu fosse..."

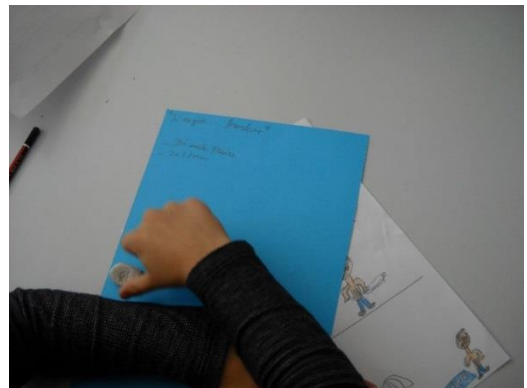


Figura 38 - 1ª sessão "Se eu fosse..."



Figura 39 - 1ª sessão "Se eu fosse..."

Sessão 2: “Uma visita à China....”



Figura 40 – 2.ª sessão “Uma visita à China”



Figura 41 – 2.ª sessão “Uma visita à China”



Figura 42 – 2.ª sessão “Uma visita à China”



Figura 43 – 2.ª sessão “Uma visita à China”



Figura 44 – 2.ª sessão “Uma visita à China”

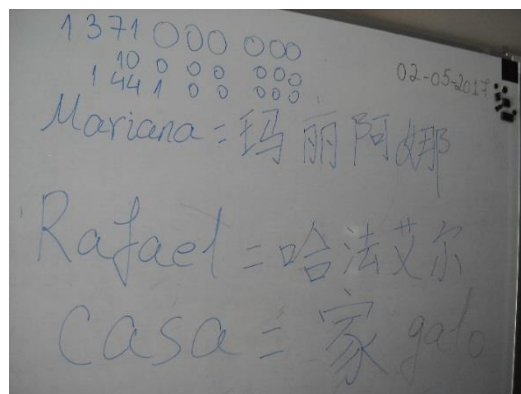


Figura 45 – 2.ª sessão “Uma visita à China”



Figura 46 – 2.ª sessão "Uma visita à China"



Figura 47 – 2.ª sessão "Uma visita à China"



Figura 48 – 2ª sessão "Uma visita à China" – a nossa convidada

Sessão 3: “Novas descobertas sobre o Brasil”



Figura 49 – 3ª sessão “Novas descobertas sobre o Brasil”



Figura 50 – 3ª sessão “Novas descobertas sobre o Brasil”



Figura 51 – 3ª sessão “Novas descobertas sobre o Brasil”



Figura 52 – 3ª sessão “Novas descobertas sobre o Brasil”



Figura 53 – 3ª sessão “Novas descobertas sobre o Brasil”

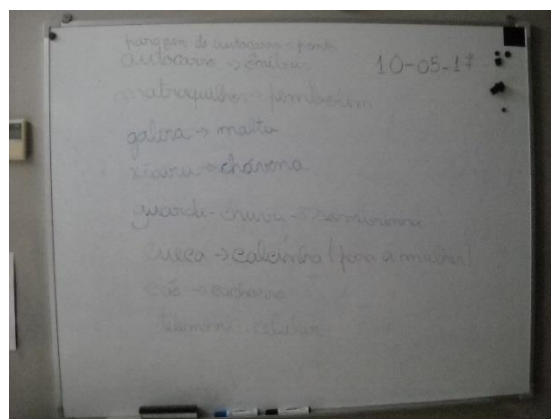


Figura 54 – 3ª sessão “Novas descobertas sobre o Brasil”



Figura 55 – 3ª sessão "Novas descobertas sobre o Brasil"



Figura 56 – 3ª sessão "Novas descobertas sobre o Brasil" – a nossa convidada

Sessão 4: 1ª Parte: “Conhecer a Ucrânia”



Figura 57 – 3ª sessão (1ª parte) "Conhecer a Ucrânia"



Figura 58 – 3ª sessão (1ª parte) "Conhecer a Ucrânia"



Figura 59 – 3ª sessão (1ª parte) "Conhecer a Ucrânia"



Figura 60 – 3ª sessão (1ª parte) "Conhecer a Ucrânia"



Figura 61 – 3ª sessão (1ª parte) "Conhecer a Ucrânia" – complemento de informações em PowerPoint sobre o país após a intervenção da aluna



Figura 62 – 3ª sessão (1ª parte) "Conhecer a Ucrânia" – a nossa aluna ucraniana

Sessão 4: 2ª Parte: “Pesquisar sobre Cabo-verde”

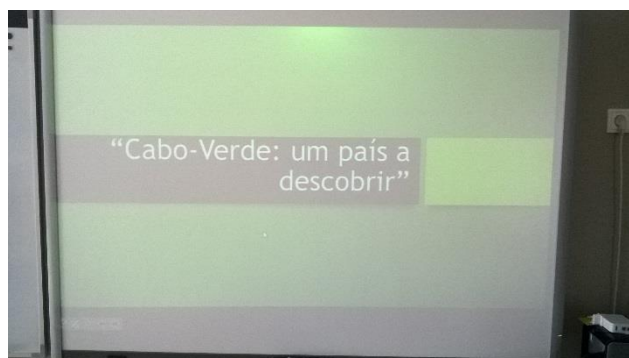


Figura 63 – 3ª sessão (2ª parte) “Pesquisar sobre cabo-Verde” – apresentação da cultura em PowerPoint



Figura 64 – 3ª sessão (2ª parte) “Pesquisar sobre cabo-Verde” – apresentação da cultura em PowerPoint

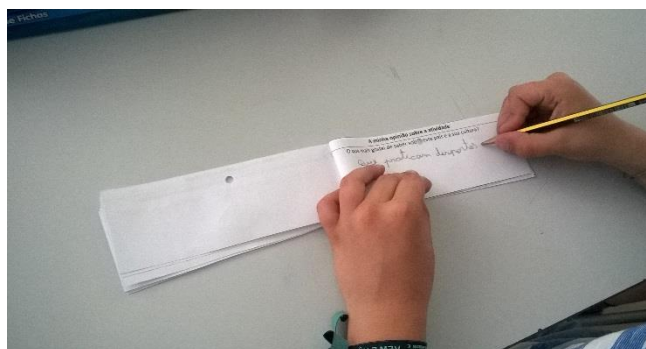


Figura 65 – 3ª sessão (2ª parte) “Pesquisar sobre cabo-Verde” – preenchimento do bloco de notas individual

Anexo 6 – Apresentação em PowerPoint da sessão nº 4 (1ª parte): “Conhecer a Ucrânia”

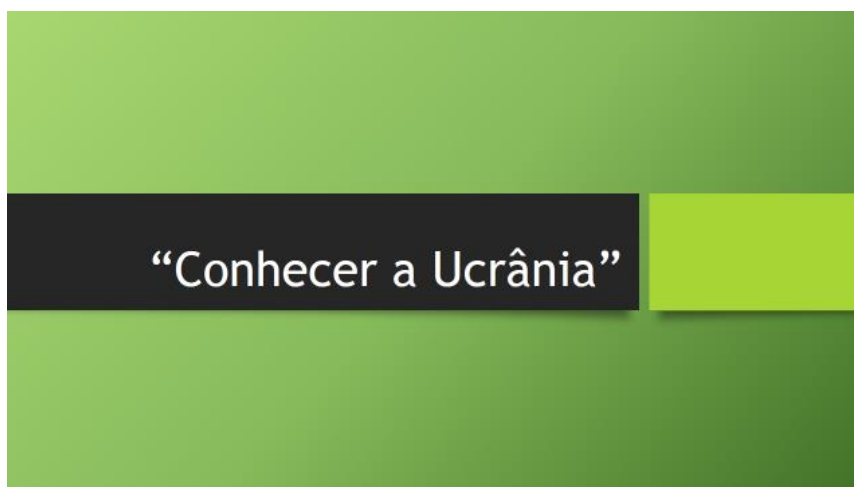


Figura 66 – Apresentação sobre a Ucrânia: diapositivo 1



Figura 67 – Apresentação sobre a Ucrânia: diapositivo 2

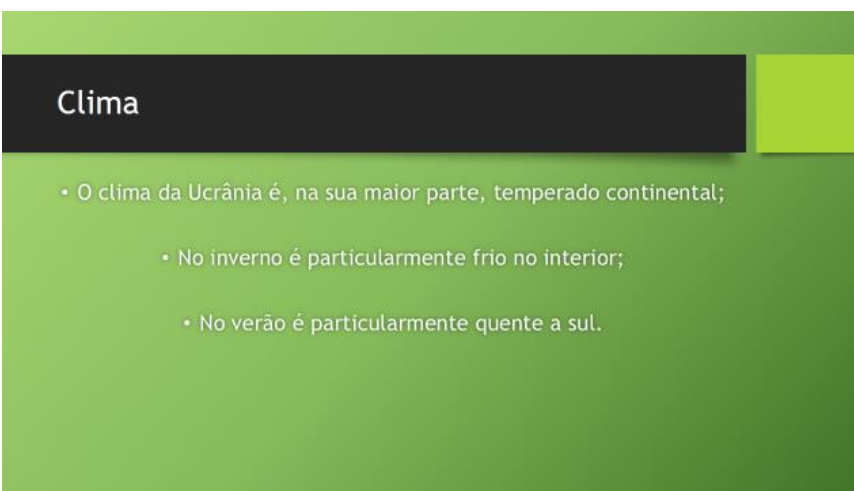


Figura 68 – Apresentação sobre a Ucrânia: diapositivo 3

Património

- Artesanato:
 - bordados;
 - xilogravura;
 - pintura de bonecas;
 - ovos típicos chamados pêsanka








Figura 69 – Apresentação sobre a Ucrânia: diapositivo 4

Catedral de Santa Sofia	Igreja em madeira de Lviv	Praia de Zatoka	Museu "Salão do Totens"
			
Catedral da capital histórica de Kiev St. Michael's Cathedral	Complexo memorável do museu da grande guerra patriótica		Casa de ópera
			

Figura 70 – Apresentação sobre a Ucrânia: diapositivo 5








Universidade da Ucrânia	Catedral de Cristal-Kiev	Mosteiro Kievo-Pecherska Lavra
		
Igreja de Santo André	Palácio Mariyinsky	Museu nacional de Chernobyl
		
		Central nuclear de Chernobyl
		

Figura 71 – Apresentação sobre a Ucrânia: diapositivo 6

Religião

- A religião predominante na Ucrânia é o cristianismo ortodoxo oriental;
- Igreja Greco-Católica Ucraniana de Rito Oriental (onde existem grupos de muçulmanos, judeus, católicos e protestantes);

Figura 72 – Apresentação sobre a Ucrânia: diapositivo 7

Línguas faladas

- Ucraniano (língua oficial)
- Russo

Figura 73 – Apresentação sobre a Ucrânia: diapositivo 8

Desportos

- Futebol;
- Basquetebol;
- Boxe;
- Hóquei no gelo;
- Atletismo;
- Ginástica.

Figura 74 – Apresentação sobre a Ucrânia: diapositivo 9

Brincadeiras/jogos

- Jogo do elástico;
- Amarelinha;
- Boiãrdos;
- “Koldúntchiki”;
- Justiceiros e bandidos;
- Vichibali (caçador ou queimada em russo);
- Comestível e não comestível;
- Jogo do anel “Anelzinho”;
- Jogo de facas

Figura 75 – Apresentação sobre a Ucrânia: diapositivo 10

Música

- Possuem canções baseadas em rituais:
 - Canções românticas e canções sobre o clima;
 - Canções fúnebres e de lamentações;
 - Canções rituais do calendário popular:
 - canções de natal e ano novo;
 - canções que se chamam se llaman vesnyanky y hayivky e que são cantadas pelas meninas numa dança em círculo;
 - Canções para casamentos;
 - Canções de trabalho

Figura 76 – Apresentação sobre a Ucrânia: diapositivo 11

- Canções não baseadas em rituais:
 - Epopeias populares (la Duma);
 - Baladas;
 - Canções históricas e políticas;
 - Canções líricas (de amor ou da vida familiar).

Figura 77 – Apresentação sobre a Ucrânia: diapositivo 12



Figura 78 – Apresentação sobre a Ucrânia: diapositivo 13

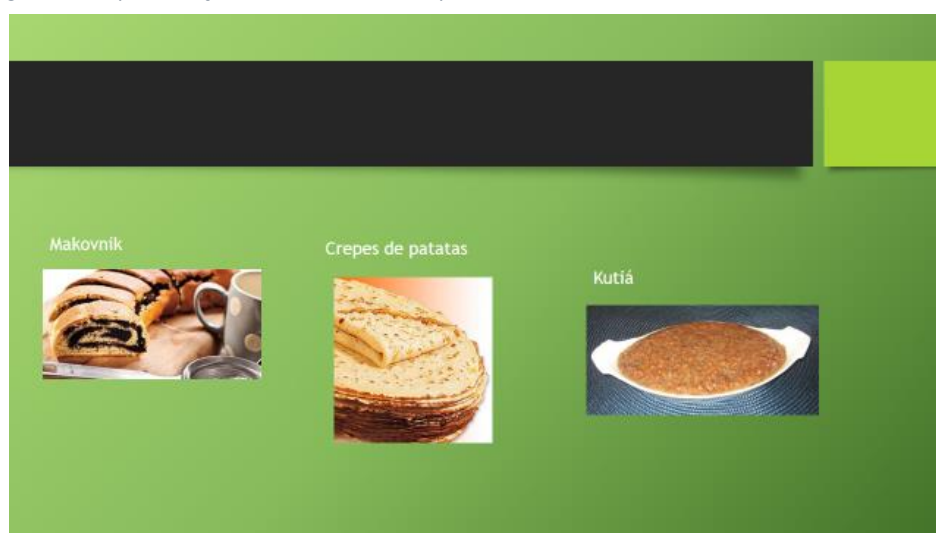


Figura 79 – Apresentação sobre a Ucrânia: diapositivo 14

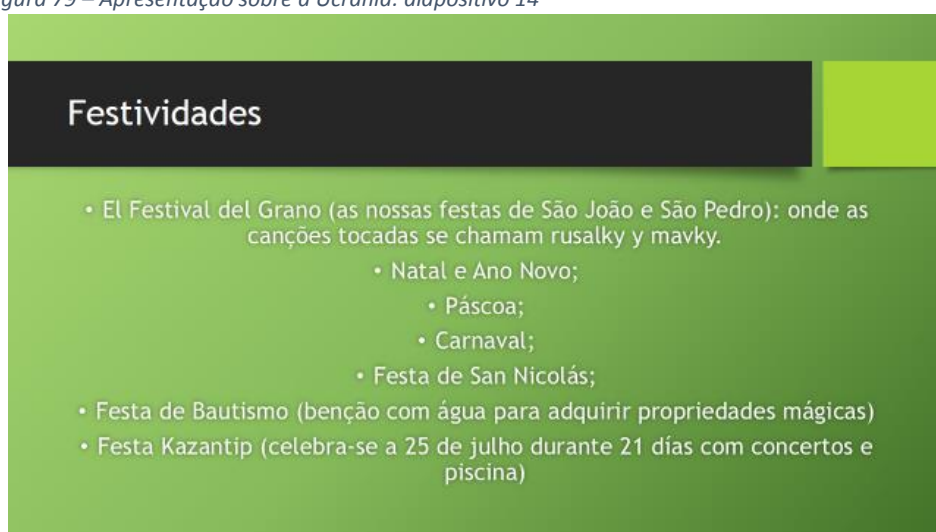


Figura 80 – Apresentação sobre a Ucrânia: diapositivo 15

Curiosidades

- No natal e no ano novo, grupos de crianças vão cantar músicas de natal e do ano novo às casas dos vizinhos para receberem doces e prendas.
- O 1º dia de aulas nas escolas é considerada uma festa e os alunos vestem-se de forma diferente (as meninas com camisa branca e saia castanha e os meninos com camisa branca e calças pretas).

Figura 81 – Apresentação sobre a Ucrânia: diapositivo 16

Anexo 7 – Apresentação em PowerPoint da sessão nº 4 (2ª parte): “Pesquisar sobre Cabo-Verde”

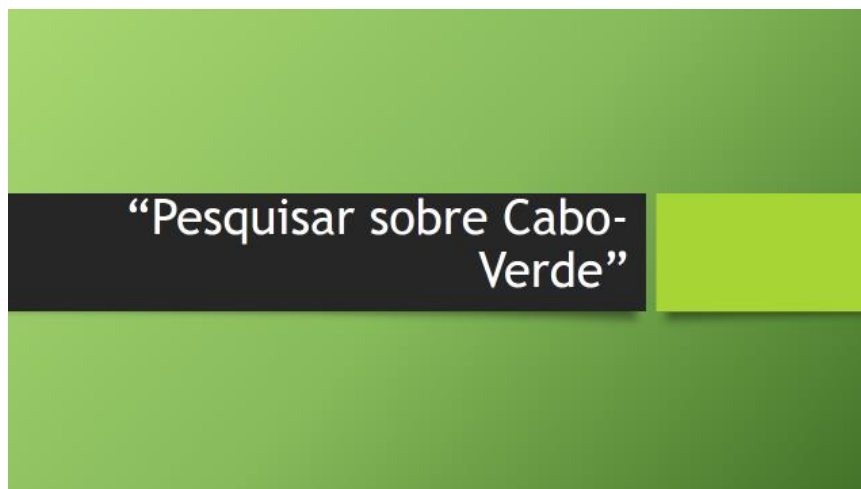


Figura 82 – Apresentação sobre Cabo-Verde: diapositivo 1



Figura 83 – Apresentação sobre Cabo-Verde: diapositivo 2

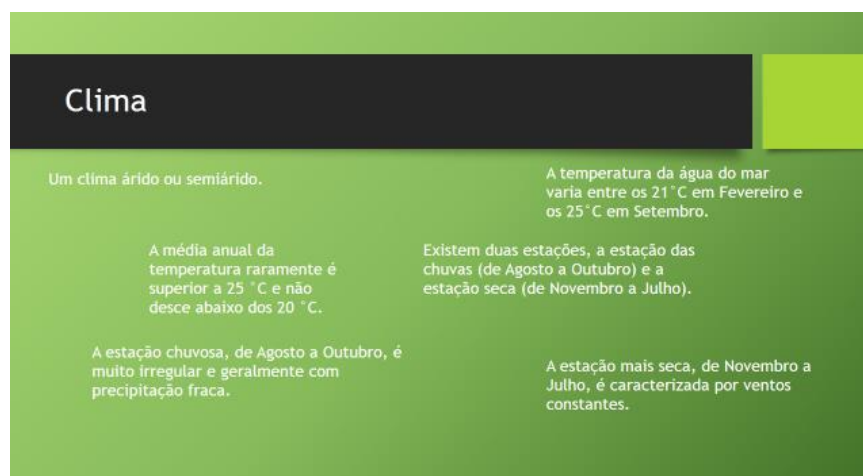


Figura 84 – Apresentação sobre Cabo-Verde: diapositivo 3

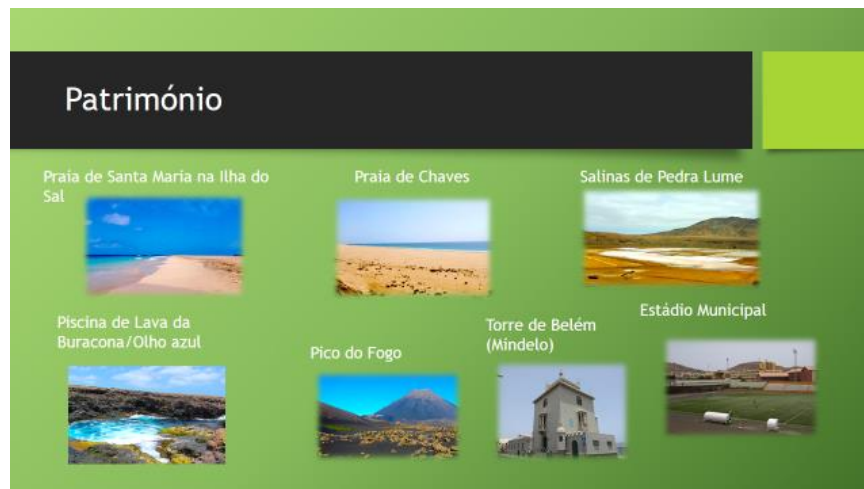


Figura 85 – Apresentação sobre Cabo-Verde: diapositivo 4

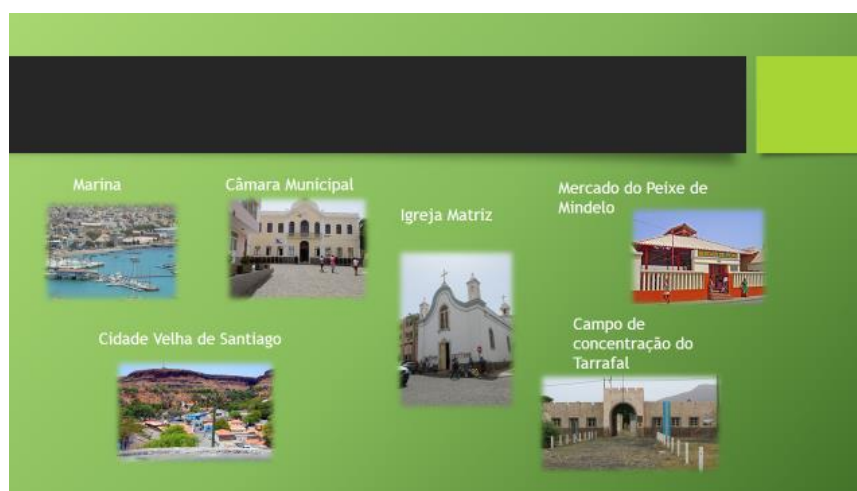


Figura 86 – Apresentação sobre Cabo-Verde: diapositivo 5

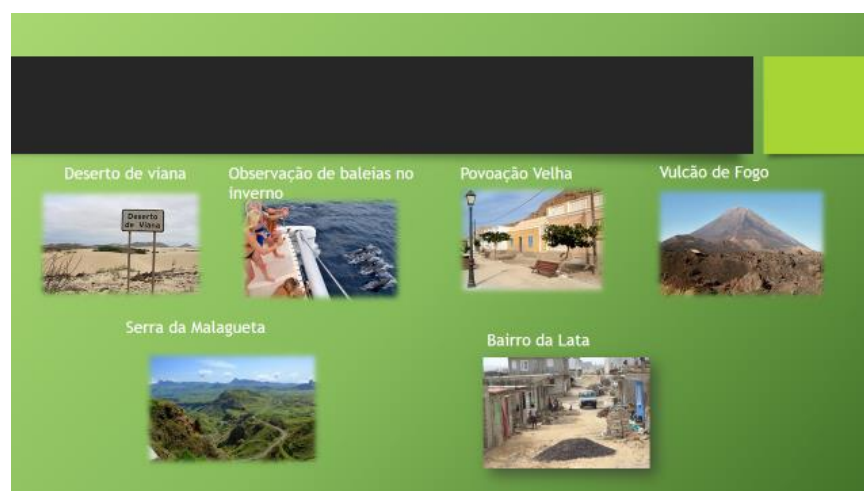


Figura 87 – Apresentação sobre Cabo-Verde: diapositivo 6

Religião

Os cabo-verdianos são, na sua maioria, cristãos.

Protestantes

Testemunhas de Jeová

Há pequenas minorias muçulmanas, judeus e da Fé Bahá'í

Figura 88 – Apresentação sobre Cabo-Verde: diapositivo 7

Línguas faladas

A língua oficial utilizada nas escolas, na administração pública, na imprensa e nas publicações é o português.

A língua nacional de Cabo Verde, a língua do povo, é o crioulo cabo-verdiano.

Cabo Verde é formado por dez ilhas e cada ilha tem a sua variante do crioulo.

Cabo Verde é membro da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

Existe uma comunidade de imigrantes senegaleses que fala também francês.

Existe uma comunidade de imigrantes nigerianos que fala inglês.

Figura 89 – Apresentação sobre Cabo-Verde: diapositivo 8

Desportos

- Caminhadas por caminhos, vales e desfiladeiros;
- Windsurf;
- Kitesurf;
- Mergulho;
- Pesca;
- Golfe;

Figura 90 – Apresentação sobre Cabo-Verde: diapositivo 9

Música

- a morna
- o funaná
- a coladeira
- o batuque

Cesária Évora foi a cantora cabo-verdiana mais conhecida no mundo, conhecida como a "diva dos pés descalços".



Figura 91 – Apresentação sobre Cabo-Verde: diapositivo 10

Gastronomia

A gastronomia cabo-verdiana baseia-se fundamentalmente na cozinha portuguesa, mas também possui vários pratos específicos:

Pastel com diabo dentro



Bananas enroladas



Cachupa



Frutos tropicais de Cabo-Verde (laranjas, marmelos, bananas, manga, coco, papaia, goiaba, zimbrão, tambarinas, azedinhas, tâmaras)



Cabrito com inhame



Lagosta com amendoim



Xerém Tradicional



Figura 92 – Apresentação sobre Cabo-Verde: diapositivo 11

Festividades

Carnaval



Tabanka (teatro que dura 10 dias)



Festa de São João (24 de junho): danças folclóricas, músicas e festas de rua



Figura 93 – Apresentação sobre Cabo-Verde: diapositivo 12

Anexo 8 – Apresentação em PowerPoint da sessão nº 5: “Descobrir uma nova cultura- os ciganos”



Figura 94 – Apresentação sobre os ciganos: diapositivo 1

Origem e sua Localização Geográfica

A origem do povo cigano **continua em mistério**, mas muitos estudiosos acreditam que estes surgiram **na Índia** devido à língua que falam ser muito parecida com as várias línguas do continente indiano.

Vivem em países como:

- República Checa;
- Eslovaca;
- Hungria;
- Jugoslávia;
- Bulgária;
- Roménia;
- Portugal;
- ...

Figura 95 – Apresentação sobre os ciganos: diapositivo 2

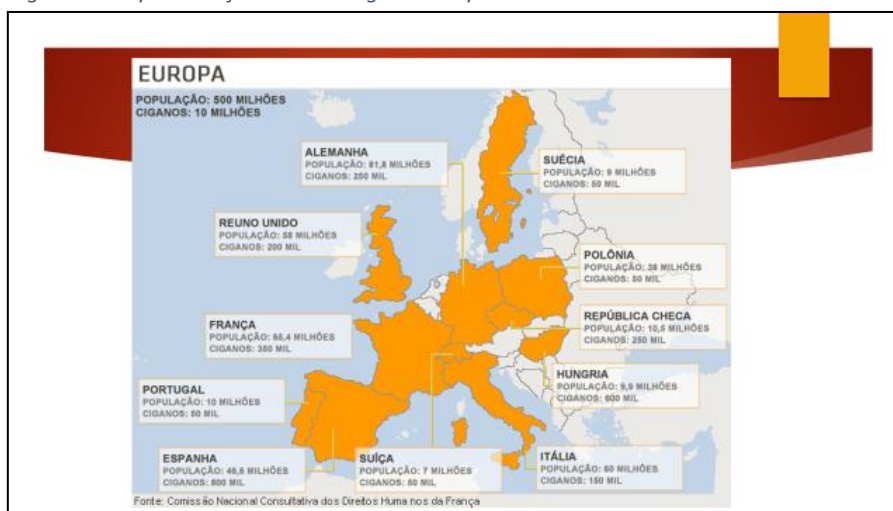


Figura 96 – Apresentação sobre os ciganos: diapositivo 3

Religião

Os ciganos não têm nenhuma religião associada, mas cada cigano segue a religião que quer.

Têm uma padroeira: Santa Sarah de Kali

Comemora-se do dia 24 a 25 de maio




Figura 97 – Apresentação sobre os ciganos: diapositivo 4

Línguas faladas

► A língua mais falada pelos ciganos é o **romani**, mas é um idioma sem uma forma escrita.

Gadjé: homem ou rapaz não cigano Rons: ciganos

Gadjin: mulher ou rapariga não cigana Romi: ciganas

Figura 98 – Apresentação sobre os ciganos: diapositivo 5

Música

As mulheres e meninas adoram dançar.

De país para país, os ciganos utilizam diferentes instrumentos musicais.

O tipo de música dos ciganos é o flamenco.

Fazem danças com vários objetos:

- Pandeiros;
- Leques;
- Lenços;
- Espadas;
- Potes de água;
- Garrafas;
- ...

Figura 99 – Apresentação sobre os ciganos: diapositivo 6



Figura 100 – Apresentação sobre os ciganos: diapositivo 7



Figura 101 – Apresentação sobre os ciganos: diapositivo 8



Figura 102 – Apresentação sobre os ciganos: diapositivo 9